

Campo Grande
2023

*Centro de Interpretação Histórica do Forte N. S. dos Prazeres do Iguatemi
Paranhos, MS.*



Gabriela Palacio Lopes

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Arquitetura e
Urbanismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
Orientadora: Prof^a PHD Maria Margareth Escobar Ribas Lima



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



ATA DA SESSÃO DE DEFESA E AVALIAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC) DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO DA

FACULDADE DE ENGENHARIAS, ARQUITETURA E URBANISMO E GEOGRAFIA - 2023-2

No mês de novembro do ano de dois mil e vinte e três, reuniu-se de forma presencial a Banca Examinadora, sob Presidência da Professora Orientadora, para avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Engenharias, Arquitetura e Urbanismo e Geografia da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul em acordo aos dados descritos na tabela abaixo:

DATA, horário e local da apresentação	Nome do(a) Aluno(a), RGA e Título do Trabalho	Professor(a) Orientador(a)	Professor(a) Avaliador(a) da UFMS	Professor(a) Convidado(a) e IES
29 de novembro de 2023 Às 13h ATELIER 2 Campo Grande, MS	GABRIELA PALACIO LOPES RGA 2019.2101.052-5 Título: Centro de Interpretação Histórica do Forte N. S. dos Prazeres do Iguatemi Paranhos, MS	Profa. Dra. Maria Margareth Escobar Ribas Lima	Prof. Dra.: Victoria Mauricio Delvizio	Arquiteto Wagner de Paula

Após a apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso pela acadêmica, os membros da banca examinadora teceram suas ponderações a respeito da estrutura, do desenvolvimento e produto acadêmico apresentado, indicando os elementos de relevância e os elementos que couberam revisões de adequação.

Ao final a banca emitiu o **CONCEITO A** para o trabalho, sendo **APROVADA**.

Ata assinada pela Professora Orientadora e homologada pela Coordenação de Curso e pela Coordenação da disciplina de TCC.

Campo Grande, 27 de novembro de 2023.

Profª. Dra. Maria Margareth Escobar Ribas Lima

Professora Orientadora

Prof. Dr. Jose Alberto Ventura Couto

Coordenador do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo (FAENG/UFMS)

Profa. Dra. Juliana Couto Trujillo

Presidente da Comissão do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

Aos ___ dias do mês de ___ do ano de ____, ...

Campo Grande, 01 de dezembro de 2023.

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Juliana Couto Trujillo, Professora do Magistério Superior**, em 05/12/2023, às 09:29, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Jose Alberto Ventura Couto, Professor do Magisterio Superior**, em 05/12/2023, às 09:47, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Maria Margareth Escobar Ribas Lima, Professora do Magistério Superior**, em 05/12/2023, às 14:58, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4504251** e o código CRC **DDBB4318**.

FACULDADE DE ENGENHARIAS, ARQUITETURA E URBANISMO E GEOGRAFIA

Av Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone:

CEP 79070-900 - Campo Grande - MS

Referência: Processo nº 23104.033813/2021-56

SEI nº 4504251

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a minha família e a Deus, que os colocou em minha vida, por sempre terem me apoiado nos meus sonhos e metas, por terem me dado suporte financeiro e emocional ao longo de toda minha vida, me proporcionando a melhor educação que puderam e as melhores oportunidades. Que mesmo ocupados com seus próprios compromissos, sempre tiraram um tempo para dar uma olhadinha naqueles trabalhos que eu mais me orgulhava.

Agradeço a minha mãe, Fabiana, por ter assumido muitas das minhas responsabilidades de casa para me permitir dedicar meu tempo à faculdade, por ter me escutado e me apoiado nos momentos de maior fraqueza em que eu quisesse desistir. Agradeço ao meu pai, Dejahyr, que como engenheiro e professor, foi um dos meus maiores aliados ao longo do curso, que tirou minhas dúvidas e me ajudou a tomar as melhores decisões sobre meu futuro.

Agradeço aos meus irmãos Isadora e Eduardo, por sempre me ouvirem desabafando, mesmo que eu fale demais, e mesmo sem entender nada sobre projetos, me ouvirem falar de todos eles. Também agradeço por terem feito meus dias mais felizes com nossas piadas e conversas, com certeza são parte da força que eu precisei para chegar até aqui.

Agradeço ao meu namorado, Arthur, que entrou na minha vida no meu 1º mês da faculdade e está ao meu lado no meu último. Por ter me incentivado sempre a ser uma pessoa e profissional melhor, por sempre falar orgulhosamente que eu serei uma arquiteta muito boa, para todos, inclusive pra mim. Por me apoiar nos meus sonhos e por todo o apoio emocional que eu exigi ao longo desses 5 anos.

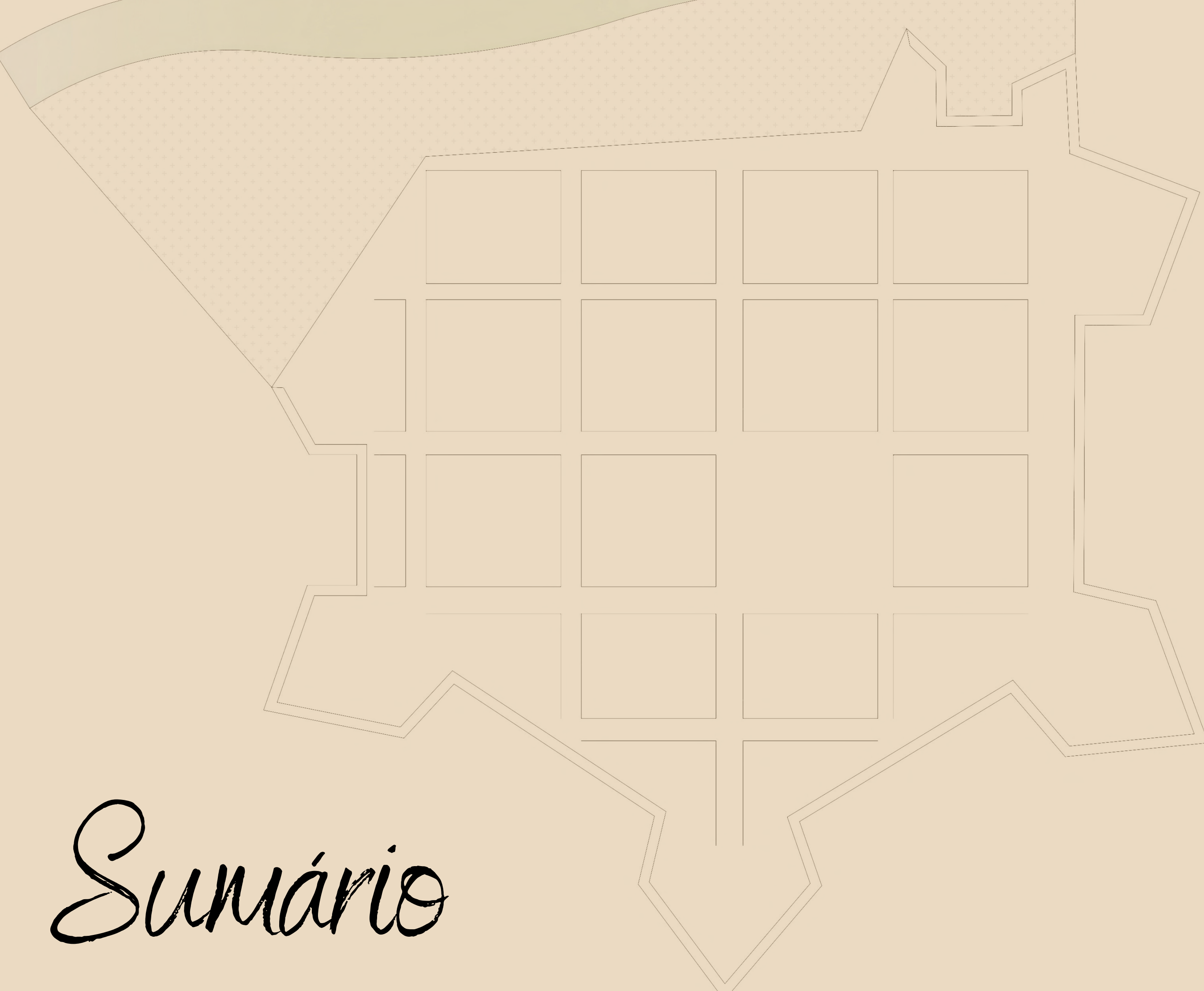
Agradeço também à minha professora orientadora Maria Margareth, por sempre ter acreditado no meu potencial de desenvolver um projeto tão relevante para uma de suas pesquisas, por ter confiado em mim como aluna, monitora e orientanda, e por sempre ser sincera e me ajudar a ver como eu sou capaz.

Agradeço às minhas amizades que ao longo dos anos foram mudando, mas que fizeram história na minha vida, a Duda, Ana Júlia, Alana, entre muitas outras que tornaram esses 5 anos mais especiais, que passaram por entregas loucas e discussões de trabalho comigo, participaram de projetos de extensão, atividades externas, viagens, e momentos que nunca esquecerei. Agradeço a cada pessoa que esteve comigo e me fez rir, ao longo desses 5 anos.

Ademais, agradeço a toda equipe da Arquitetura na UFMS, por terem feito parte da minha construção como profissional e de amadurecimento, agradeço aos professores por nunca terem facilitado, e por isso, terem me feito mais forte. Fiz entregas e desenvolvi projetos em prazos super curtos, ampliei meu conhecimento em níveis que nem sei mensurar. Essa equipe me fez encontrar em mim uma capacidade enorme de aprender, desenvolver e entregar o que é necessário para me tornar uma Arquiteta e Urbanista digna de reconhecimento.

Agradeço por todos os anos que passei sob os cuidados destas pessoas maravilhosas.





Sumário

Sumário

Localização	07
Introdução	09
Objetivos	10
Justificativa	10
Metodologia	10
Cap 1 - Estabelecimento da Fronteira e sua relação com o Forte Iguatemi	11
Os Tratados	12
Capitania Hereditárias	13
Capitania de São Paulo	15
Morgado de Mateus	16
Expedições e Consolidação do Forte	17
Antecedentes à queda do Forte Iguatemi	19
O encontro com os Kaiowás e a queda do Forte	22
Cap 2 - Atualidade. Paranhos, MS e a Aldeia Paraguassu	24
Contexto Histórico de Paranhos	25
Atualidade	26
Aldeia Paraguassu	31
Escola Municipal Indígena Pancho Romero	32
Forte Iguatemi: Sítio Arqueológico	33
Sugestão de Terreno	34
Cap 3 - O Projeto	37
Levantamento e Estudo de Viabilidade	38
Programa de necessidades	44
Estudos Complementares	57
O Projeto	67
Conclusão	91
Referências Bibliográficas	93



Localização

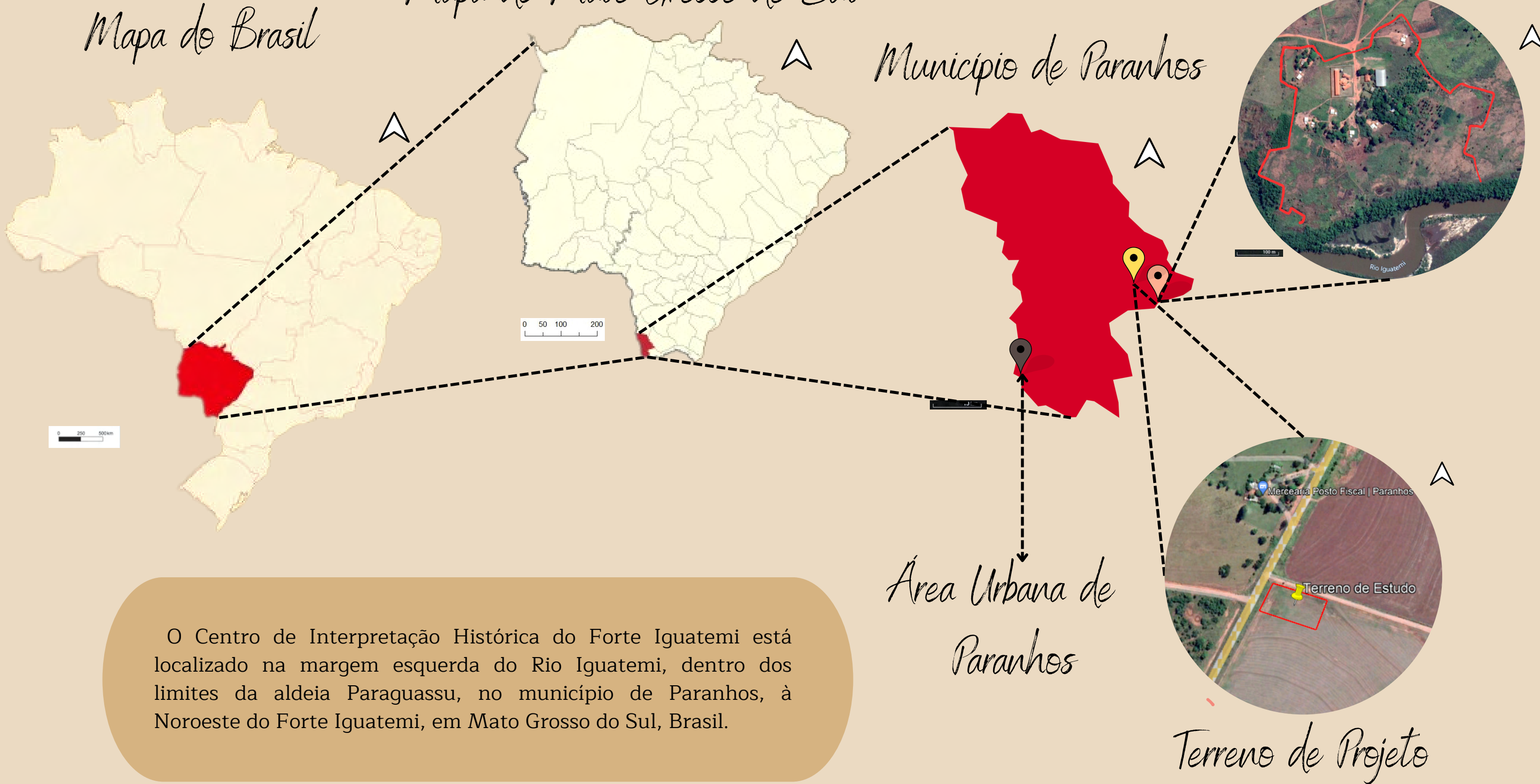
Localização

Mapa do Brasil

Mapa de Mato Grosso do Sul

Município de Paranhos

Forte Iguatemi





Introdução

Introdução

Após participar e me dedicar ao Projeto de Extensão "O Forte de Nossa Senhora dos Prazeres do Iguatemi: Identificação Histórica e Física das Ruínas que confirmam a ocupação oeste do Brasil, na segunda metade do século XVIII pelos colonizadores portugueses durante a disputa fronteiriça entre Portugal e Espanha" com interesse na fortificação e em sua história, tomei a decisão de estudar seu contexto histórico e geográfico, para elaborar uma proposta de edificação cujo principal objetivo é o divulgar para a sociedade, e apresentar sua relevância na região. Por isso, dedicarei o meu Trabalho de Conclusão de Curso de Arquitetura e Urbanismo à esse tema.

O Forte Iguatemi está localizado em uma cidade no interior de Mato Grosso do Sul, na Fronteira com o Paraguai, chamada Paranhos, mas também em uma terra indígena, a Aldeia Paraguassu (Yvy Kurusu/Takauaraty). Por isso, e também pelo contexto histórico do forte, a cultura indígena se fará muito presente no projeto, com o intuito de valorizá-la e atender e representar todas as aldeias do município, mas para isso, será utilizada a Aldeia Paraguassu como principal referência, por conta da localidade do Forte, e sua proximidade com o terreno de estudo.

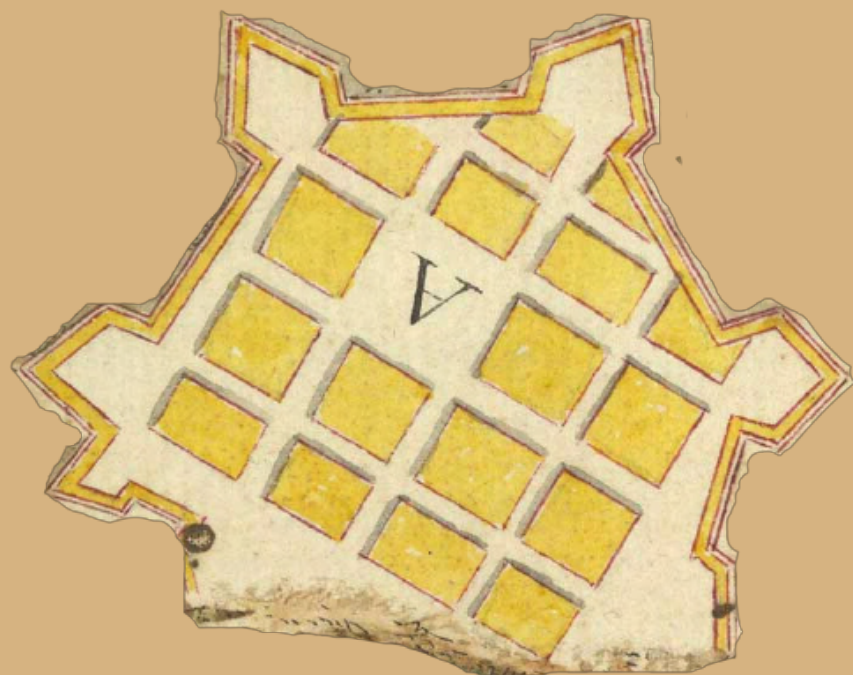


Fonte: Google Earth, 2023

O projeto se trata de um Centro de Interpretação Histórica do Forte Iguatemi o "CIHFI", em Paranhos, MS. O qual foi pensado como um espaço para acesso à cultura e ensino sobre a história local, através da disponibilização de acervos, e experiências imersivas, e de lazer. Visa receber todo tipo de público de visitantes, fomentando o turismo, mas também excursões de escolas públicas e particulares, entre as das cidades e das aldeias.

Através de estudos históricos sobre o Forte e a Cidade de Paranhos, entendeu-se que O Forte Iguatemi foi construído com base em uma estratégia militar de demarcação de território e dissipação de guerras, que precisou ser abandonado. Não se tem certeza em que momento a aldeia Paraguassu se instalou na sua área, porém atualmente vivem no local que foi oficializado como território indígena, considerando a preexistência de seus antepassados na região, antes da construção do forte. A problemática por trás da pesquisa é que os atuais moradores do município todo não conhecem a real história do local, tanto a aldeia quanto a população da cidade, carecendo de algum meio de divulgação das informações que se tem estudadas. Por isso foi possível encontrar o foco do projeto, com ajuda de referência para um projeto imersivo em um ambiente que retrate as características culturais indígenas e a história do forte.

Dessa forma, o projeto segue as técnicas construtivas convencionais, mas simula uma Casa de Reza Kaiowá e pequenas ocas, para representar a identidade construtiva dos povos nativos. E que também traga clareza para a população sobre os contos e lendas do Forte de Nossa Senhora dos Prazeres do Iguatemi, através do Show de Luz e Som, espetáculo que junto com o percurso imersivo, visa transmitir sua história de maneira lúdica em um belo show noturno, que encerrará o passeio pelo centro junto de outras atividades programadas para o dia.



Objetivos

Geral

Essa pesquisa tem como objetivo projetar um Centro de Interpretação Histórica do Forte Nossa Senhora dos Prazeres do Iguatemi, o CIHFI, com base nos seus antecedentes históricos, construído em 1767, na cidade de Paranhos, MS, através do acesso aos acervos e atividades imersivas na história na cultura.

Específicos

- Estudar os antecedentes históricos do Forte Iguatemi até sua queda;
- Investigar a relevância dele para a população local, através de pesquisas e análises de cartografias;
- Projetar um centro que solucione a carência de conhecimento histórico local;
- Utilizar métodos construtivos contemporâneos de forma a representar as técnicas indígenas da aldeia local;
- Conhecer a cidade de Paranhos, MS;
- Transmitir conhecimentos do Forte Iguatemi para todos.

Justificativas

O Forte de Nossa Senhora dos Prazeres do Iguatemi e sua consolidação são muito importantes para a história da fronteira do nosso país e do estado de Mato Grosso do Sul, no entanto, o incentivo do ensino sobre ele é quase nulo. Na própria cidade, Paranhos - MS, onde o forte se localiza, poucas pessoas tem conhecimento do que ele realmente foi e pelo que passou.

O CIHFI viria para contar essa história, trazendo conteúdo de maneira acessível lúdica e interativa, para todas as idades, além de ser um museu, que teria como objetivo incentivar a pesquisa e ensino em geral, através de uma experiência de imersão que conte a história da fronteira brasileira, garantindo que todos, tenham acesso a essa imersão histórica e cultural.

Além disso, sua posição estratégica marcaria o encontro entre os caminhos para a aldeia e a cidade, servindo como um marco local, um portal para o município de Paranhos e um convite à conhecer toda sua história.

Metodologia

Utilizar o projeto de extensão da UFMS “O Forte de Nossa Senhora dos Prazeres do Iguatemi: Identificação Histórica e Física das Ruínas que confirmam a ocupação oeste do Brasil, na segunda metade do século XVIII pelos colonizadores portugueses durante a disputa fronteiriça entre Portugal e Espanha”, do qual fiz parte durante o período de Agosto de 2022 até Junho de 2023, orientado pela professora Maria Margareth Escobar Ribas Lima, como fonte de estudo para análises e compreensão de sua história. Participando como Monitora Voluntária na disciplina de Construir e Habitar IV, colaborando com a produção de uma maquete física para o Município e também visitando-o junto com a turma. Visitando a localidade do Forte Iguatemi e entendendo seu contexto, assim como aplicando a teoria disponível em acervos bibliográficos digitais estudados, incluindo textos disponibilizados para pesquisa. Ademais, a elaboração de mapas digitais com o auxílio do GoogleEarth e meios de edição de imagem. Organizar capítulos teóricos e técnicos. Pesquisas de referências arquitetônicas, para desenvolvimento de um programa de necessidades que supra o partido definido. Para projetar e criar o CIHFI através de desenhos técnicos e modelo 3D, que atenda os resultados esperados, de uma edificação funcional e imersiva, repleta de cultura e história.

Capítulo 1

Estabelecimento da Fronteira Brasileira e sua relação com o Forte Iguatemi

Este capítulo trata da temática histórica nacional, por ser um ponto muito relevante para o partido do projeto, contando a linha do tempo dos tratados que limitaram o país e como os colonizadores expandiram suas explorações até chegar ao período em que o Forte Iguatemi foi construído. Tal como as repartições administrativas dos terrenos portugueses por meio de Capitânicas hereditárias que foram instauradas para ocupação de todo território conquistado. Sobre como o Iguatemi foi construído, seu funcionamento através de relatos sobre as fraudes, doenças e as divergências políticas que o fizeram ser abandonado.

1.1 Os Tratados

A Bula Inter Coetera de 1493, foi criada para substituir o Tratado de Alcáçovas de 1479, [Figuras 01 e 02], que anteriormente dividia a área de expansão em Norte/Sul, e passaria a se dividir em Leste/Oeste, dando permissão para cada país explorar no seu respectivo lado, Espanha Leste e Portugal Oeste. Mas para ter maior território sul-americano, foi assinado o Tratado de Tordesilhas, em 1494, pelos reinos Castela e Portugal. O novo tratado veio pelo interesse em terras para explorar. E sua proposta desloca a área de expansão de 100 léguas, prevista na Bula Inter Coetera, para 370 léguas, do Arquipélago de Cabo Verde, na África. (PONTIN, 2011)

Após mais de dois séculos, em 1750, foi assinado o Tratado de Madri, [Figura 03] no momento, já havia sido delatado diversas invasões de Portugal ao território Espanhol, o que impulsionou as técnicas cartográficas. Outro ponto que culminou nas novas negociações de fronteira foram as minas de ouro em Cuiabá, Goiás e Mato Grosso. Assim aprovado o tratado, deu início às demarcações dos novos limites, divididos em Comissão Norte e Sul. (CINTRA; OLIVEIRA, 2020)



Figura 03: Novos limites impostos pelo Tratado de Madri, 1750. Fonte: <https://intranet.policiamilitar.mg.gov.br/conteudoportal/uploadFCK/ctpmbarbacena/19042017084427699.pdf> > Acessado em 07 de abril de 2023

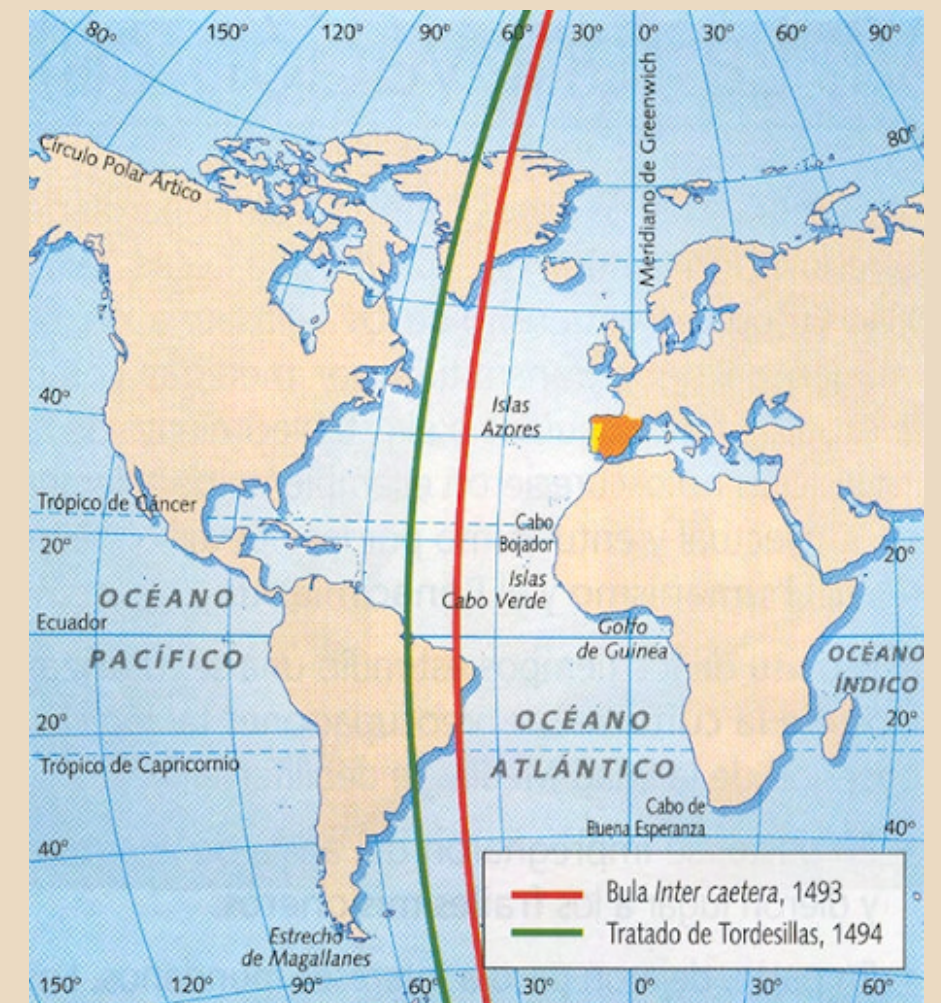


Figura 01: Mapa da Mudança da Bula Inter coetera para o Tratado de Tordesilhas. Fonte: <https://brasildelonge.com/tag/bula-inter-caetera/> > Acessado em 07 de abril de 2023

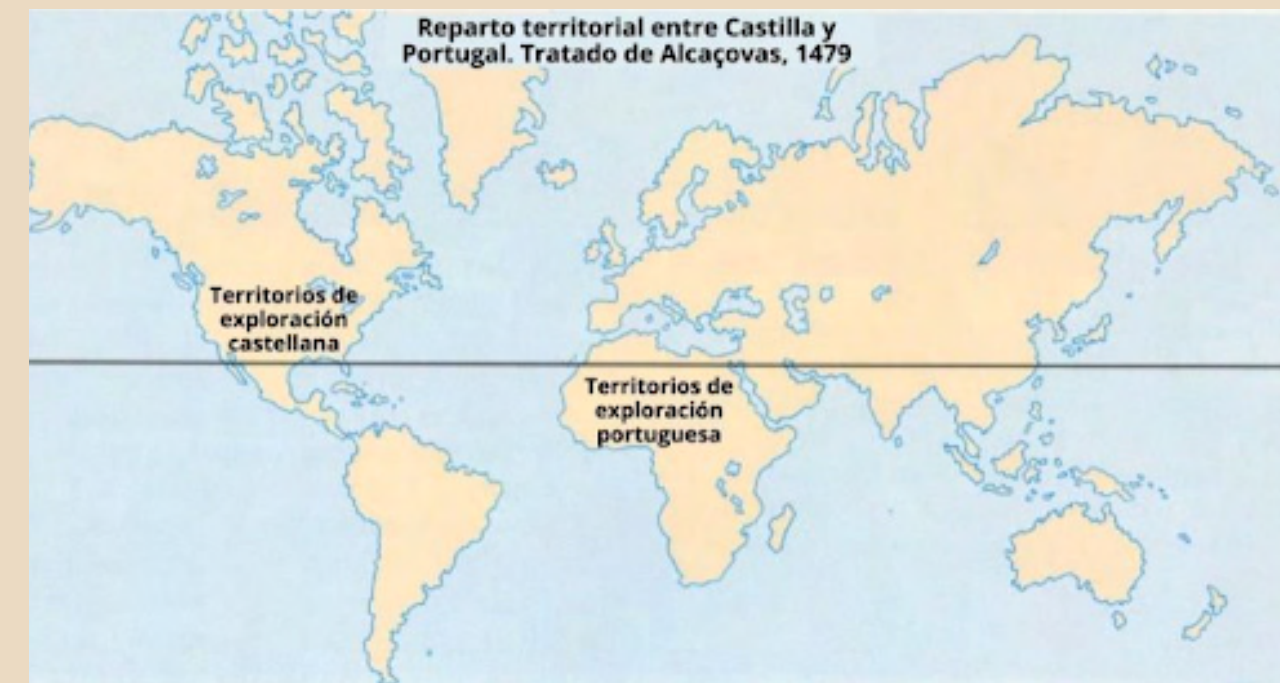


Figura 02: Tratado de Alcáçovas, 1479. Fonte: <https://www.lifeder.com/tratado-alcacovas/> > Acessado em: 07 de abril de 2023

1.1 Os Tratados

Por conta da dificuldade de alcançar as fronteiras, por motivos geográficos e lutas com os indígenas, considera-se que o propósito do Tratado de Madri foi falho, o que levou a sua anulação no ano de 1761, através do Tratado de El Pardo. A partir disso a Espanha tomou a Colônia de Sacramento em 1762, e se apoderaram da ilha de Santa Catarina em 1763, através do combate com José Custódio de Sá e Faria, que era o governador interino naquele momento. Fazendo-se necessário a assinatura de um novo tratado: O Tratado de Santo Idelfonso, em 1777, [Figura 04]. Devolvendo a ilha de Santa Catarina a Portugal e deixando a Colônia de Sacramento e a região dos Sete Povos, a Espanha. (CHAVES, O. R, 2015)



Figura 04: Mapa que aloca as alterações do limite sul do Brasil, com foco no Tratado de Santo Idelfonso que reduziu o limite do de Madri. Fonte: <https://marcosbau.wordpress.com/geobrasil-2/1763-2/> > Acessado em 07 de abril de 2023

1.2 Capitânicas Hereditárias

Os portugueses chegaram ao Brasil em 1500, e os primeiros trinta anos de América portuguesa se resumiam na exploração indígena e na exploração de pau-brasil. Quando chega a década de 1530, o Rei D. João III ordenou a primeira medida real no país colonizado: uma divisão administrativa. Que separou seu território em 15 faixas, correspondentes a 14 capitânicas e as entregou para os chamados capitães donatários. Esse sistema foi oficialmente implantado a partir de 1534. (SILVA, 2015) Sendo elas:

- Maranhão (lote 1) - Donatário: Aires da Cunha e João de Barros
- Maranhão (lote 2) - Donatário: Fernando Álvares de Andrade
- Ceará - Donatário: Antônio Cardoso de Barros
- Rio Grande - Donatário: Aires da Cunha e João de Barros
- Itamaracá - Donatário: Pero Lopes de Sousa
- Pernambuco - Donatário : Duarte Coelho
- Baía de Todos os Santos - Donatário: Francisco Pereira Coutinho
- Ilhéus - Donatário: Jorge de Figueiredo Correia
- Porto Seguro - Donatário: Pedro do Campo Tourinho
- Espírito Santo - Donatário: Vasco Fernandes Coutinho
- São Tomé - Donatário: Pero de Góis da Silveira
- São Vicente - Donatário: Martim Afonso de Sousa
- Santo Amaro - Donatário: Pero Lopes de Sousa
- Santana - Donatário: Pero Lopes de Sousa

1.2 Capitánias Hereditárias

Pode-se visualizar a distribuição das capitánias através das figuras a seguir, um, clássico de Luís Teixeira, apresentado por CINTRA, 2013, que escalonou e alocou as capitánias conforme o que se tinha conhecimento, e de maneira bidimensional, tomando como partido os rios já navegados e os trajetos em terra, não detalhando o resto do continente não explorado [Figura O5] e outro, feito por CINTRA, 2013, por meio dos estudos de documentos, resultando em uma reconstrução de como de fato foram divididas, utilizando das cartas de Doação e estudando os limites determinados em léguas para cada uma delas, [Figura O6].

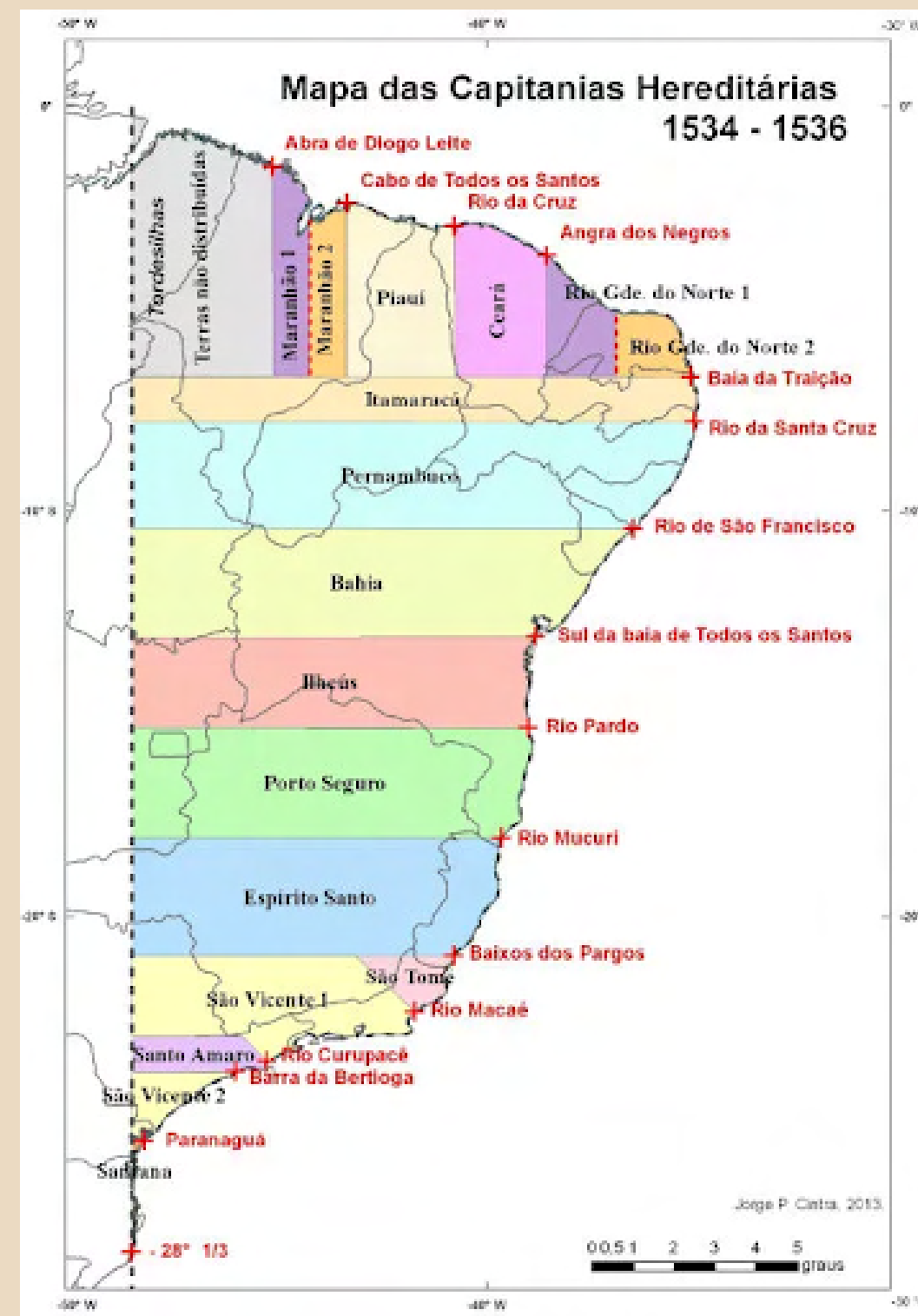


Figura O5: Mapa clássico das capitánias hereditárias de Luís Teixeira. Fonte: CINTRA, 2013, p. 16> Acessado em 07 de abril de 2023

Figura O6: Novo Mapa das Capitánias Hereditárias. Fonte: CINTRA, 2013, p. 39> Acessado em 07 de abril de 2023

1.3 Capitania de São Paulo

A capitania de São Paulo teve seu destino traçado por meio da existência de uma possível rota que mostrava viabilidade de ligação entre o litoral vincentino e o Paraguai. (BELLOTO, 1979)

“A capitania de São Paulo foi formada com a união das capitanias de São Vicente e de Santo Amaro. Em 1709, os territórios das duas capitanias foram incorporados, por meio de compra, aos territórios da Coroa e a então formada capitania de São Paulo passou a integrar, juntamente com a região das minas, a capitania de São Paulo e Minas de Ouro. [Figura 07] A partir de 1720, no entanto, São Paulo foi sendo gradativamente desligado das regiões de Minas Gerais (1720), Rio Grande de São Pedro (1738), Santa Catarina (1738), Goiás (1744) e Mato Grosso (1748). Entre 1748 e 1765, a região perdeu a autonomia e se tornou subalterna da capitania do Rio de Janeiro.” (ROCHA, 2016)

Portugal deu início à “Diversão pelo Oeste”^{*1}, estratégia de D. Luís Antonio de Souza, atual Morgado de Mateus, no conflito contra os espanhóis. Consistia em: fazer com que o inimigo dividisse suas forças. Ele insistiu na estratégia, e foi responsável pelas expedições no extremo Oeste da Capitania, que seria hoje o limite sul do Mato Grosso do Sul. E, às margens do Rio Iguatemi, fez instalar o presídio de Nossa Senhora dos Prazeres, a tática seria utilizada para tirar o foco da guerra das capitanias do Mato Grosso e de Cuiabá, dividindo-o para o Sul, [Figura 08]. (MONTSERRAT, 2015).

“A restauração da capitania de São Paulo, ocorrida em 1765, se deu através de duas Cartas Instrutivas do Marquês de Pombal dirigidas ao Morgado de Mateus e ao vice-rei Conde da Cunha. As cartas, datadas de janeiro de 1765, devolvem a autonomia à capitania e instituíram o Morgado de Mateus como seu governador[...]” (ROCHA, 2016)

^{*1}Termo encontrado para descrever a vinda de Morgado de Mateus para o extremo oeste da capitania de São Paulo, citado por BELLOTO e MONTSERRAT, mais de uma vez



Figura 07: Capitania de São Paulo e Minas de Ouro, 1709. Fonte: <https://santarosadeviterbo.files.wordpress.com/2013/03/capitanias-hereditarias-sec-xviii.png> Acessado em 01 de Maio de 2023

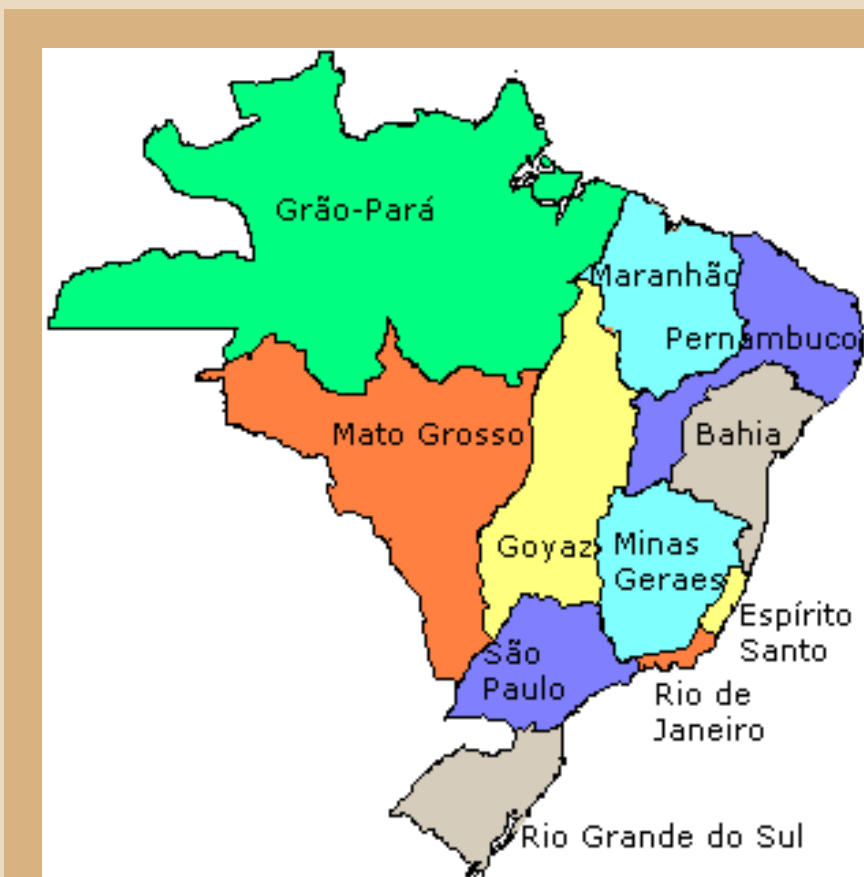


Figura 08: Capitania de São Paulo, 1709. Fonte: <https://santarosadeviterbo.files.wordpress.com/2013/03/capitanias-hereditarias-sec-xix.png> Acessado em 01 de Maio de 2023

1.4 Morgado de Mateus

Dom Luiz Antônio de Souza Botelho Mourão [Figura 09] foi o 4º Morgado de Mateus, devido a sua linhagem. Filho do 3º Morgado: Antônio José Botelho Mourão, com a Morgada de Moroleiros Dona Joana Maria de Souza Mascarenhas e Queirós, nascido em 21 de fevereiro de 1722. Teve sua carreira militar muito influenciada por seu avô materno. (BELLOTO, 1979)

Viveu ao menos de 1725 até 1738 na Praça de soldado na Guarnição do Castello de S. Thiago da Barra da Villa de Vianna, e desde 1723 sob a guarda de seu avô D. Luís de Souza. Que faleceu em 7 de dezembro de 1749, mas antes de sua morte, viu seu neto ser nomeado Meste do Campo de Auxiliares do Distrito do Porto. (BELLOTO, 1979)

Não se sabe ao certo para onde foi após está data, mas estimasse que sua primeira filha, quando tinha 30 anos de idade, nascera antes de 1750, na Vila de Viana do Lima, mas que após isso, ele já estivesse definitivamente em Mateus, por conta de gravuras com a data em sua propriedade que faziam alusão a sua instalação. Mesmo residindo em Mateus, ainda mantinha seus postos militares em Porto, Viana e Bragança. (BELLOTO, 1979)

Em 1756, casou-se, em Amarante, com a D. Leonor de Portugal, irmã de Francisco Inocência de Sousa Coutinho, futuro governador de Angola entre 1764 e 1772, e emissário português para negociar o Tratado de Santo Idelfonso, de 1777, citado anteriormente. O primogênito do casal nasceu em 1758 no Porto. (BELLOTO, 1979)

Em 1762 teve grande destaque em um episódio de campanha da Guerra dos 7 anos, que contou com ameaças e tentativas de invasão franco-espanhóis, contra os portugueses. A Guerra foi findada em 1763, e D. Luís Antônio foi promovido a Coronel de Infantaria ao fim de 1762 enquanto ainda travava alguns combates. (BELLOTO, 1979)

Em 1765, tornou-se governador da Capitania recém restaurada de São Paulo, e começou seu projeto da "Diversão pelo Oeste" alguns anos depois.



Figura 09: D. Luís Antônio de Souza Botelho Mourão, Morgado de Mateus, 21 de fevereiro de 1722 - 3 de outubro de 1798. Fotografia adaptada pela autora. Fonte: BELLOTTO, 1979. em 01 de Maio de 2023

1.5 Expedições e Consolidação do Forte

Conforme o propósito da investida no Iguatemi, ele foi estruturado por diversas expedições, dentre elas temos algumas relatadas por BELLOTTO, 1976:

"De setembro de 1766 a janeiro de 1767 foram enviados circulares aos Capitães-mor com vista à primeira expedição. Exigia-se brevidade no preparo das canoas e dos mantimentos. A arregimentação dos homens não foi fácil. Para ser o Capitão Regente do Iguatemi foi escolhido João Martins Barros. A ele coube a organização do alistamento (...) O recrutamento forçado reuniu um contingente de 320 homens, na maioria arrancados dos seus lares em Porto Feliz, Itu, Sorocaba e Parnaíba." (BELOTTO, 1976, p.37)

Outra expedição, que durou 55 dias, ocorreu em 1767, com o intuito de chegar até o território escolhido próximo ao rio Iguatemi. Mas o Vice-Rei, na época Conde Azambuja (1768), recebeu um protesto vindo de Buenos Aires contra essa movimentação na região, além das acusações de usurpação de terras paraguaias, vindo do governador Carlos Morphi^{*1}. A desculpa utilizada por João Martins de Barros era de que estava explorando o Ivaí^{*3} (Iguatemi), mas que quando entrou no Rio Iguatemi, não sabia onde estava, e ali se estabeleceu. (BELOTTO, 1976)

Segundo BELLOTTO, 1976, o governador Morphi desconfiou das intenções de Martins, e encaminhou reclamações à Morgado de Mateus, que respondeu dizendo que acreditava que as terras pertenciam à Portugal, solicitando que o paraguaio comprovasse a indignação de suas reclamações. Mas prometeu que João Martins sairia assim que produzisse o milho suficiente para a população. No entanto, com as notícias de construção da fortificação, Carlos Morphi afirmava que a história do milho era fingimento e acusou o Capitão-Geral de estar em seus domínios clandestinamente, e queixava-se que Morgado queria ganhar tempo. E assim foi exposto que a exploração de "Martins ao Ivaí" era falsa. (BELOTTO, 1976)

Através do Diário de Navegação de Teotônio José Juzarte^{*2}, e dos mapas que produziu, em 1769, entende-se o caminho de sua expedição. Em que relata seu roteiro de navegação do Rio Tietê, Rio Grande Paraná e Rio Iguatemi, que durou pouco mais de 2 anos, voltando à Capitania de São Paulo em 1771. (CINTRA & OLIVEIRA, 2020)

Ao chegar à Praça do Iguatemi, Juzarte a descreve em seu diário como "uma praça situada sobre o barranco do rio Guatemi" e que foi demarcada conforme a "regra da arte" com o formato de um heptágono, tinha sete lados, três retangulares e quatro irregulares. Juzarte dá a entender que sua estrutura não estava finalizada, que estava "principiada com terra e faxinas", o que não oferecia nenhuma forma de proteção ou defesa, já que era possível entrar e sair do forte por todos os lados, e explica que a finalização não foi efetivada por falta de ferramentas e homens em condições para trabalhar. (SOUZA & MAKINA, 2000)

A igreja foi descrita por ser feita com paredes de mão e telhado com cascas de palmito que chamavam de Jaraúba, sem ornamentos e que teria "quarenta palmos de comprimento e doze de altura". As casas utilizavam as mesmas técnicas, com telhados de capim, e a população era pobre, mas banhava-se de boas águas. (SOUZA & MAKINA, 2000)

*¹ Carlos Morphi foi Governador do Paraguai de 1766 a 1772 e faleceu em 1774

*² Teotônio José Juzarte foi o Capitão-Mor Regente da expedição que deveria colonizar a praça de Iguatemi dos ataques de inimigos

*³ Ivaí: Termo utilizado por BELLOTTO, para se referir a Iguatemi.

1.5 Expedições e Consolidação do Forte

Além dos relatos de seu Diário de Navegação, Juzarte se dedicou também à cartografia, onde alguns de seus mapas ilustram sua visita ao Forte Iguatemi, com um de seus Planos em Borrão mostrando o percurso do Rio Iguatemi que ele conseguiu ilustrar [Figura 10] e o outro em uma escala muito menor, ilustra um pouco da Praça dos Praeres e suas distribuições de áreas, tal como sua relação com o rio [Figura 11].



Figura 10: Mapa do Rio Iguatemi de JUZARTE,
Fonte: Plano em Borrão, 1769. p. 55



Figura 11: Mapa do Forte Iguatemi de JUZARTE,
Fonte: Plano em Borrão, 1769. p. 55, Idem.

1.6 Antecedentes à Queda

Entre os anos de 1769 e 1771, o forte sofreu com diversas epidemias e infestações. E em 1771, Morgado de Mateus recebeu o aval para construção do forte, por parte do secretário de Estado Mello e Castro, no entanto, como não haviam recebido nenhuma atualização de Morgado desde o ano anterior, foi decidido que só teriam a aprovação após uma comprovação ocular. Foi concluído ser "impraticável" um ataque castelhano no iguatemi, e que seria "grande imprudência mandar precipitadamente (...) forças consideráveis àquele sítio" como o próprio afirmava na 'Carta de Martinho de Mello e Castro, ao governador e capitão-general da capitania de São Paulo, Dom Luis Antonio de Souza [...] (MONTSERRAT, 2015)

Ao final do ano de 1772, foi solicitado que Morgado de Mateus renunciasse a seu propósito no "Sertão do Iguatemi". No entanto, a resposta de Morgado veio, através de carta, mas negando se renunciar:

"Em primeiro lugar: Que Sua Majestade estima muito mais a perda de uma só légua de terreno na Parte Meridional da América Portuguesa que cinquenta léguas de Sertão descobertas no interior dela.

Em segundo lugar: Que ainda que os ditos descobrimentos do Sertão fossem de um inestimável valor a todo o tempo se podiam, e podem, prosseguir; E que a Parte Meridional da América Portuguesa uma vez perdida nunca mais se poderá recuperar.

E terceiro e último lugar: Que, nesta certeza, não deve Vossa Senhoria sem expressas ordens de Sua Majestade divertir por agora os rendimentos e faculdades dessa Capitania, nem empregar os seus habitantes em outro algum serviço que não seja por uma parte o da conservação do Iguatemi [...] E por outra parte no da defesa, preservação e segurança de Viamão e Rio Grande de São Pedro [...].

(MONTSERRAT, 2015, p. 10, apud 'Carta de Martinho de Mello e Castro, ao governador e capitão-general da capitania de São Paulo, Dom Luis Antonio de Souza [...]')"

"(...)de nada adiantaram as determinações do rei e de seu secretário de Estado. D. Luís Antonio de Souza estava mesmo convencido, quase obsessivamente, de que aquela estratégia militar era a melhor opção. Não se tratava apenas da pouca possibilidade de um considerável ataque espanhol. O Iguatemi era longe, difícil de abastecer e de manter, passível de ataques de indígenas. Em razão dessa obstinação do Morgado de Mateus, assinalou-se na Corte, segundo a Profa. Heloísa Bellotto, "o início de sua queda" (MONTSERRAT, 2015, p. 11, apud BELLOTTO, 1979, p. 129)

Por isso, em outubro de 1773, o Brigadeiro José Custódio de Sá e Faria partiu em direção ao Forte Iguatemi, para inspecionar e escrever à Martinho de Mello e Castro, através do que ele chamou de 'Diário de viagem da Cidade de São Paulo à Praça de Nossa Senhora dos Prazeres do Iguatemi' (DIAS, 2022, apud FARIA, 1774-1775).



1.6 Antecedentes à Queda

No relatório, entregue em fevereiro de 1775, Custódio registrou o curso dos rios navegados, e diversos mapas, e contabilizava aproximadamente 499 mortes pela malária, dentro da fortificação, justificando seu conselho de findar a Praça dos Prazeres. Ele produziu inúmeros mapas, incluindo os que representam todo o entorno mediato e imediato ao forte, levando em consideração as constatações feitas por Custódio, [Figuras 12 e 13]

Além dos problemas com insalubridades, a malária e as infestações de ratos e insetos, em 1774, o forte sofreu ataques dos nativos (encontro detalhado no próximo tópico) o que somado com as forças paraguaias, e a expedição de Custódio, no mesmo período das invasões à Colônia de Sacramento e à Ilha de Santa Catarina, resultou na sua rendição. Sendo arrasado e abandonado por seus invasores. (CINTRA;OLIVEIRA, 2020)



Figura 12: Demonstração do terreno mediato da Praça de N.S. dos Prazeres do Rio Iguatemi. Brig. José Custódio de Sá e Faria, 1775. Acervo Digital. Fonte: <https://drive.google.com/file/d/1EONx-ETcBmR1OqivLRJuMkXLXAbChdj2/view?usp=sharing> Acesso em 02.abr.2023

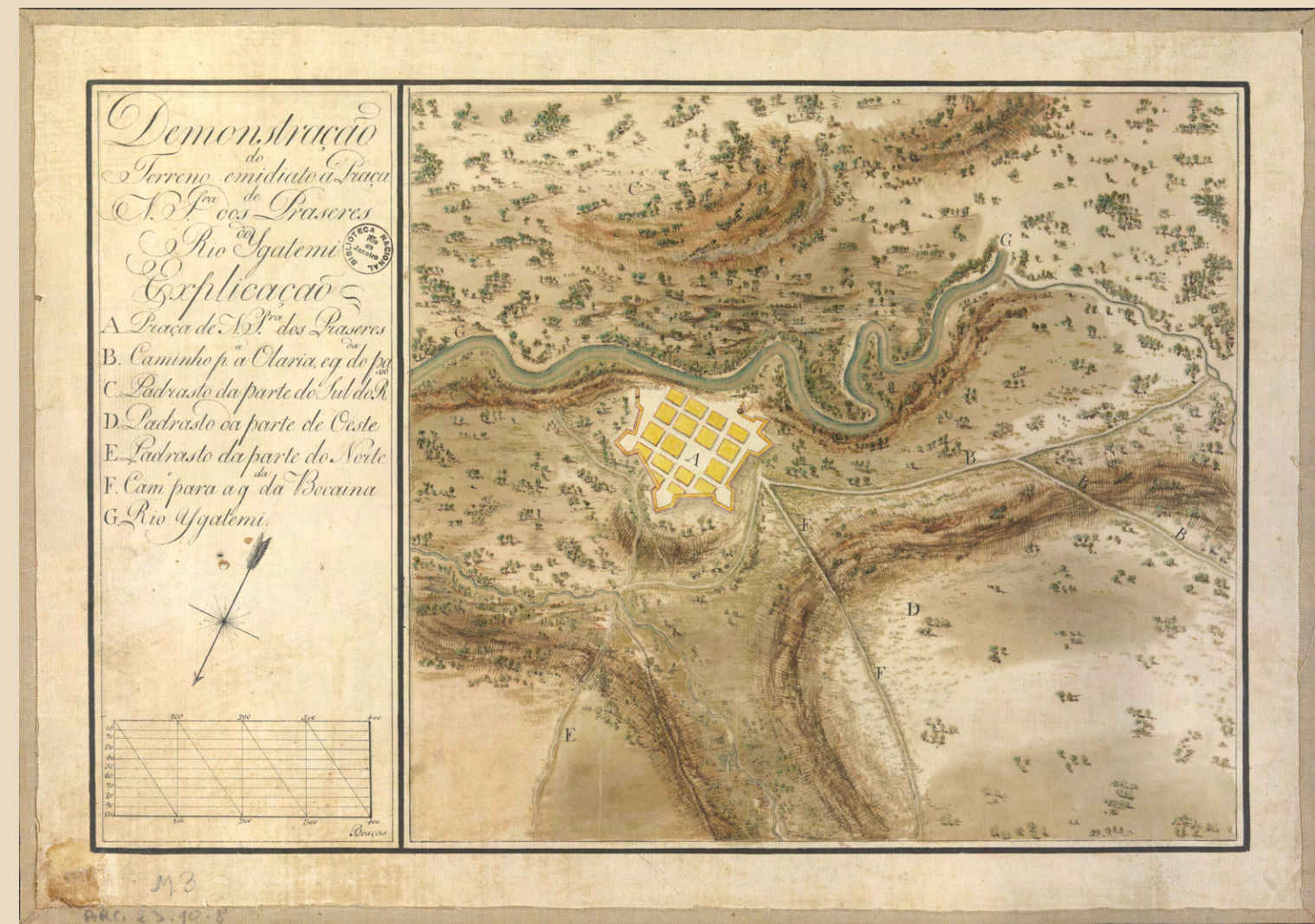
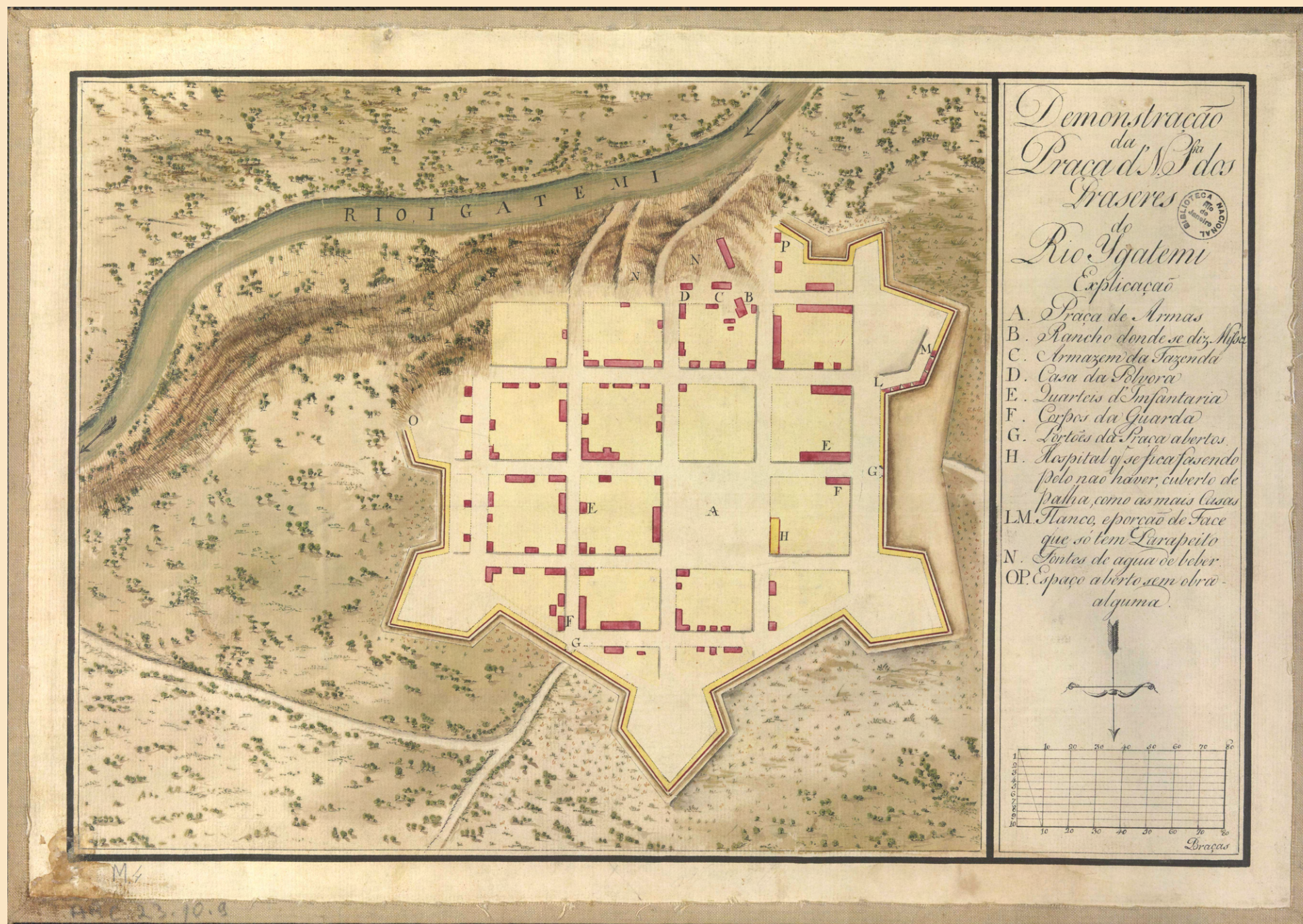


Figura 13: Demonstração do terreno imediato à Praça N.Sra. dos Prazeres do Rio Ygatemi. José Custódio de Sá e Faria, 1775. Acervo Digital. Fonte: <https://drive.google.com/file/d/1LdwZ9pjtJEVcqp39mj1BiowUqMS-R1jv/view?usp=sharing> Acesso em 02.abr.2023.

1.6 Antecedentes à Queda

Custódio produziu também provavelmente o melhor mapa para explicar como funcionava a dinâmica dentro do forte, enumerando seus usos de A a P e ilustrando-os de maneira clara, [Figura 14]. Dessa forma consegue-se interpretar o contexto em que os relatos estavam inseridos, como a relação entre as edificações, tal como os pontos em que o forte estava descontinuados: "OP: Espaço aberto sem obra alguma"



Transcrição da Legenda:

"Demonstração da Praça d'NSª dos Prazeres do Rio Ygatemi

Explicação:

- A. Praça de Armas
- B. Rancho donde se fiz Mifsa
- C. Armazenamento da Fazenda
- D. Casa da Polvora
- E. Quarteis d'Infantaria
- F. Corpos da Guarda
- G. Portões da Praça Abertos
- H. Hospital q se fica fazendo pelo não haver, cuberto de palha como as mais Casas
- LM. Flanco, espaço de Face que só tem Parapeito
- N. Fontes de agua de beber
- OP. Espaço aberto sem obra alguma"

Figura 14: Demonstração da Praça N.S. dos Prazeres do Rio Ygatemi. Brig. José Custódio de Sá e Faria, 1775. Acervo Digital. Fonte: <https://drive.google.com/file/d/12V4pn2Faaw8lOrpQWqyHiDqWRxDstc4S/view?usp=sharing> Acesso em 02.abr.2023

1.7 O encontro com os Kaiowás e a Queda do Forte

Em 1771, os Caiuás^{*1}, incitados pelos espanhóis, apertaram o cerco português, que mesmo tendo recebido reforços sob o comando do capitão Francisco Aranha Barreto, não resistiram, abandonaram as roças e passaram a viver dentro da praça. Com as epidemias, já citadas anteriormente, mesmo com suprimentos de São Paulo, os espanhóis abateram os poucos soldados que ainda restavam. (SANTOS, 2002)

No mesmo ano a povoação entrou na categoria de vila, tornando-se no mais antigo núcleo urbano estado. SANTOS, 2002 referencia BASTOS, e afirma que este, aponta o motivo dos portugueses sacrificarem tantos esforços em uma região tão inóspita e sem oferta econômica atraente:

“(…) A fundação da Praça dos Prazeres à margem esquerda do Iguatemi fez parte de um plano de expansão que visava, além da conquista dos campos de Vacaria, a fixação de contingente militar que se tornasse ameaça constante ao Paraguai e ao território das Missões.(…)” (SANTOS, 2002, p. 66, apud BASTOS, Uacury de Assis, Op. cit., p. 217)

A presença dos Kaiowá neste sítio arqueológico (Tekoha Yvykuarusu) nas proximidades da confluência do rio Iguatemi com o córrego Laranjeira, é provavelmente anterior ao século XVIII. No Diário de Viagem de Juzarte ele relata o encontro com tal população. É esta campanha abundante de gentio CAUAN^{*1} e cavaleiro, tem suas caças, mas também tem muitos mosquitos e insetos, não têm os homens liberdade de saírem ao campo sem que vão com camaradas, porque do contrário correm risco suas vidas”

Dessa forma, são vistas referências aos indígenas em cartas entre o governador da Capitania de São Paulo, o Morgado de Mateus, e os oficiais do Forte Iguatemi, no período de 1767 e 1777 - publicadas e disponíveis no Arquivo do Estado de São Paulo na coleção “Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo” referenciados por SANTOS, 2002. Como a primeira:

“a segurarmo-nos contra a ferocidade dos índios(indígenas) das mesmas companhias, que continuamente nos estão destruindo, e hostilizando a navegação do comércio para Capas do Guyaba, e Mato Grosso, como repetidas vezes o tem feito em toda corrente do Rio Pardo, a vasta nação do Cayapó, e na do Rio Paraguay e Xaraes e dos Payaguas, e CANHOANS^{*1} de Côra Guaçu, que com repetição fazem o mesmo em Guatemy, como he bem publico, por euas urgentíssimas causas, se previnem todas as nossas cautelas (..) Sam Paulo a 13 de janeiro de 1773. (vol. VII pgs. 189/60), (SANTOS, 2002, p.65)

A segunda referência que SANTOS, 2002 trás é:

“A notícia, que me dá de terem chegado os índios(indígenas) CANHOANS^{*1} com demônstraçãoens “de paz e promessas de quererem voltar com suas famílias, estimo muito e muito mais “estimarei, que se reduzão a viver junto a nós para cuidarmos nos meyo de sua salvação, é de os fazer obedientes vassallos de S. Magestade. (..) Sam Paulo. 24/6/1774 (vol. VII pgs. 81/82);

c) Carta do do. capitam-mor regente João Miz Barros

Snr. Antonio Lopes de Azevedo: - amigo, e Snr, de toda a minha veneração, com muita saudade, e paz chegamos a essa caxoeira de Nossa Sra. dos Prazeres com cincoenta e cinco dias de viagem e oito de falha(..)” (SANTOS, 2002, p.65)

Por fim, SANTOS finaliza com uma última referência aos indígenas:

“(.) isto he o que alcanço, porem para isto he necessario mais gente, e hum par de peças de artilharia para nos fortificarmos em forma, pois os contrarios são muitos “como são os cavalleiros, os montezes e os CANHOANS^{*1}, enfim os castelhanos nas fronteiras, isto considerado veja Vmce, o que se deve obrar, que estou pelo que S. “Exa me mandar (..) Caxoeira dos Prazeres, hoje 25 de outubro de 1767” (vol. IX pags. 29/31). (SANTOS, 2002, p.65)

^{*1}Caiuás, Cauan, Canhoans: Termos encontrados nos textos de pesquisa de SANTOS, interpretados como uma tentativa falha de escrever Kaiowá, comprovando que os relatos tratam de encontros com tal povo.

1.7 O encontro com os Kaiowás e a Queda do Forte

No entanto, se tem poucas informações sobre os comportamentos e o estilo de vida dos Kaiowá. Mas através de eventuais encontros entre eles e viajantes como Elliot e Francisco Lopes conseguiu-se que eram considerados amistosos, por alguns viajantes, e eram descritos por viver em “primitivo estado de independência”.

Martinho Lopes de Saldanha tomou posse de São Paulo em 1775, e foi durante seu governo que se deu a desintegração do forte. E enviou reforços ao forte, mas não o suficiente, ele mesmo o classificava como o “maldito Yguatemi”. Além dos problemas de manutenção, houve o início de problemas internos de desobediência dos soldados com seus superiores. E em 25 de outubro de 1777, com apenas 200 soldados e pouco equipamento, o forte foi atacado por quase três mil espanhóis, sob o comando do próprio D. Agostin Fernando de Pinedo e Valdiviezo, capitão-general da Província do Paraguai e coronel do Reais Exército Espanhóis. (SANTOS, 2002)

“Os postos avançados do Iguatemi tiroteiam com a vanguarda inimiga. Esgotada a munição, o comandante dos postos, capitão José Rodrigues, ordenou a retirada em direção ao forte. Em 27 de outubro, a guarnição, apesar do miserável estado em que vivia, conseguiu repelir os atacantes. À situação do forte era calamitosa e os espanhóis enfrentaram alguma resistência, mas conseguiram vencer, destruindo a Igreja e pondo fogo às instalações da Fortaleza com um contingente militar de 3.000 homens de tropa e mais grande número de índios(indígenas) a seu serviço. “(SANTOS, 2002, p. 70)

Com o tratado de Santo Ildefonso (1777) reconhecendo a região como domínio português, o Forte Iguatemi, tal como outros fortes da fronteira, já não tinham mais função, e assim, caem. Não concluindo o projeto de D. Luis Antonio de Souza Botelho e Moura. Os espanhóis permitiram que saíssem os soldados, dirigentes e oficiais, assim como todos os povoadores, com suas famílias, dinheiro e escravos. A Praça dos Prazeres, arrasada, não mais reconstruída, caiu no esquecimento e o tempo se encarregou de apagar parte da história das lutas territoriais no Brasil, que era a colonização do extremo oeste. Os espanhóis não mantiveram o Forte do Iguatemi, que ficou completamente abandonado, a região voltou a ser inóspita e habitada apenas por nativos. (SANTOS, 2002)

Posteriormente, o sertanista Joaquim Francisco Lopes visitou as ruínas do forte, em 1874. Mas, apenas em 1985, técnicos de Mato Grosso do Sul e do Paraná, em inspeção conjunta, reencontraram a fortaleza. Foi constatado que ainda existiam grande parte das bases das muralhas e baluartes, em taipa de pilão (terra batida), no entanto nenhuma construção do seu interior se manteve. (SANTOS, 2002)

Naquele momento, a área já pertencia aos Guarani Kaiowás, mais especificamente a aldeia Paraguassu Takuaraty/Ywykuarusu. Ywykuarusu significa “terra do buraco grande” ou “Trincheira Kue” em referência ao forte e à guerra, em que as trincheiras de tropas nas proximidades de um local chamado Yta. Sua origem toponímica está associada à ocupação colonial dos portugueses-paulistas e à povoação da Praça Nossa Senhora dos Prazeres no século XVIII. Os Kaiowás são um, dos 4 grupos que compõem os Guarani. (SANTOS, 2002)

Capítulo 2

Atualidade. Paranhos, MS e a Aldeia Paraguassu

Este capítulo tem como propósito contextualizar a oficialização do município de Paranhos, e a relação entre a área urbana da cidade com as 5 aldeias da área, em especial a Aldeia Paraguassu, na qual o Forte Iguatemi se localiza. Tal como a escola inaugurada dentro da área do mesmo e como ela se relacionaria com uma possível construção do Centro de Interpretação Histórica do Forte Iguatemi.

2.1 Contexto Histórico de Paranhos

O município de Paranhos não surgiu por consequência da povoação do forte, pelo contrário, surgiu muito depois em um campo limitado por dois pequenos rios: Rio Iguatemi e o Córrego Mirim, no sul do estado de Mato Grosso, na época, hoje, Mato Grosso do Sul [Figura 15]. Onde foram criados depósitos de erva-mate, nativa da região e muito explorada pelos indígenas e paraguaios do local. A partir de 1910, passou a receber migrantes de diversos estados do país. o que desenvolveu a região foi a criação da empresa (ou companhia) Matte Laranjeira. Em 1940, com a definição da fronteira com o Paraguai, a cidade recebeu o nome de Paranhos em homenagem ao Barão do Rio Branco: José Maria da Silva Paranhos. No estado existe o Município Iguatemi, confundido constantemente com Paranhos como município em que se localiza o Forte Iguatemi. (IBGE)

Mato Grosso do Sul Município de Paranhos



Figura 15: Mapas elaborados pela autora, 2023

O distrito de paranhos foi criado em Novembro de 1958, subordinado ao município de Amambai, pela Lei Municipal nº 1167, do dia 20/11/1958, fez parte da divisão territorial do município de Amambai de 1960 - 1983, e foi elevado à categoria de Município com o nome de Paranhos, pela Lei Estadual nº 777, de 17/11/1987, instalado em 01/01/1989. (IBGE).

Verificando uma vista aérea da cidade através da ferramenta GoogleEarth, é possível visualizar como a cidade ainda está pouco desenvolvida urbanamente, e conta com poucas ruas, nem todas asfaltadas, mas rodeada de terras e fazendas próximas a fronteira com o Paraguai [Figura 16].



Figura 16: Vista 3D da área urbana de paranhos, tirada através do Google Earth, editado pela autora, 2023

2.2 Atualidade

O município possui área de 1.307,092 km² [IBGE, 2022] e a população estimada em 2021 era de 14.576 pessoas.

Conta com cinco terras indígenas demarcadas:

- 1- Aldeia Paraguassu,
- 2- Aldeia Sete Cerros,
- 3- Aldeia Arroio Cora,
- 4- Aldeia Tacuapiri
- 5- Aldeia Pirajuí.

Alocadas no município conforme mapas a. seguir [Figuras 17 e 18]:

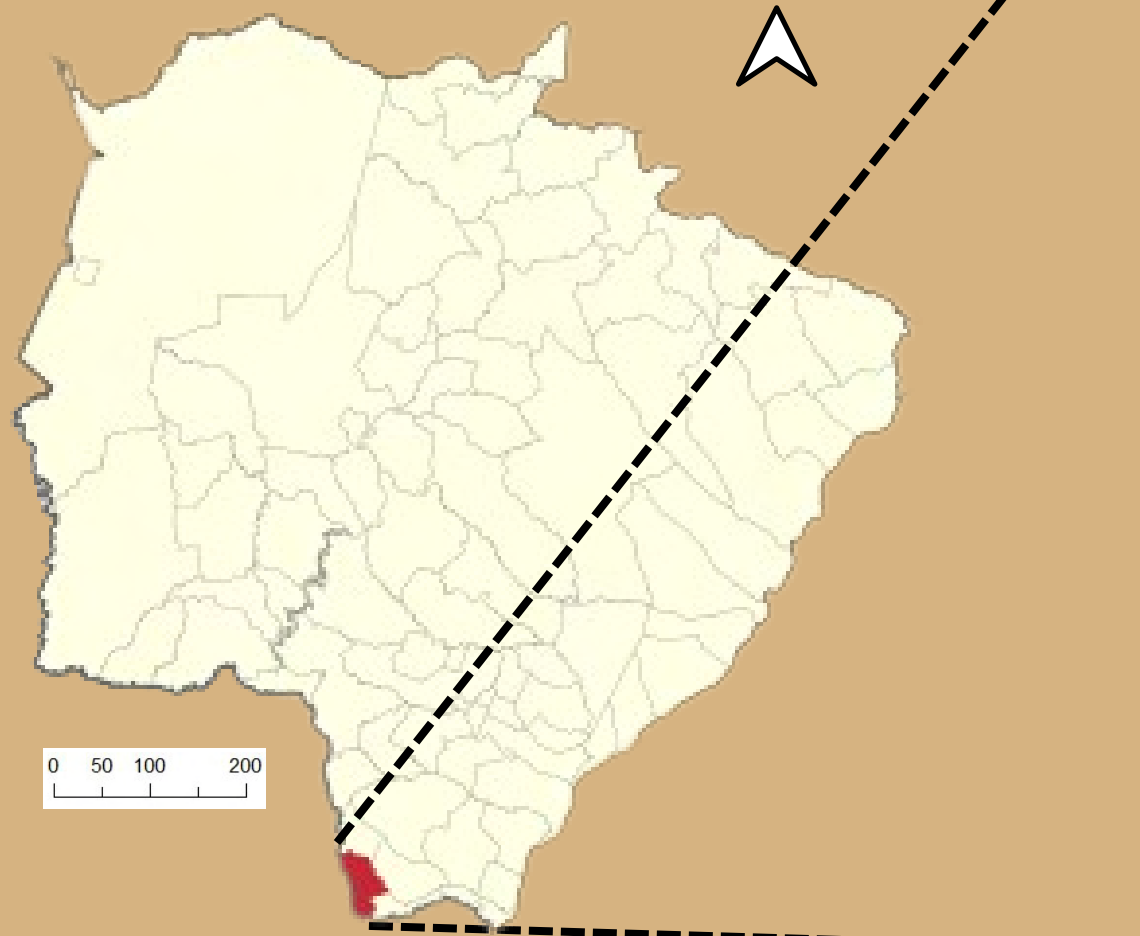


Figura 17: Mapa do Estado do Mato Grosso do Sul com destaque no município de Paranhos, Fonte: elaborado pela autora, 2023.

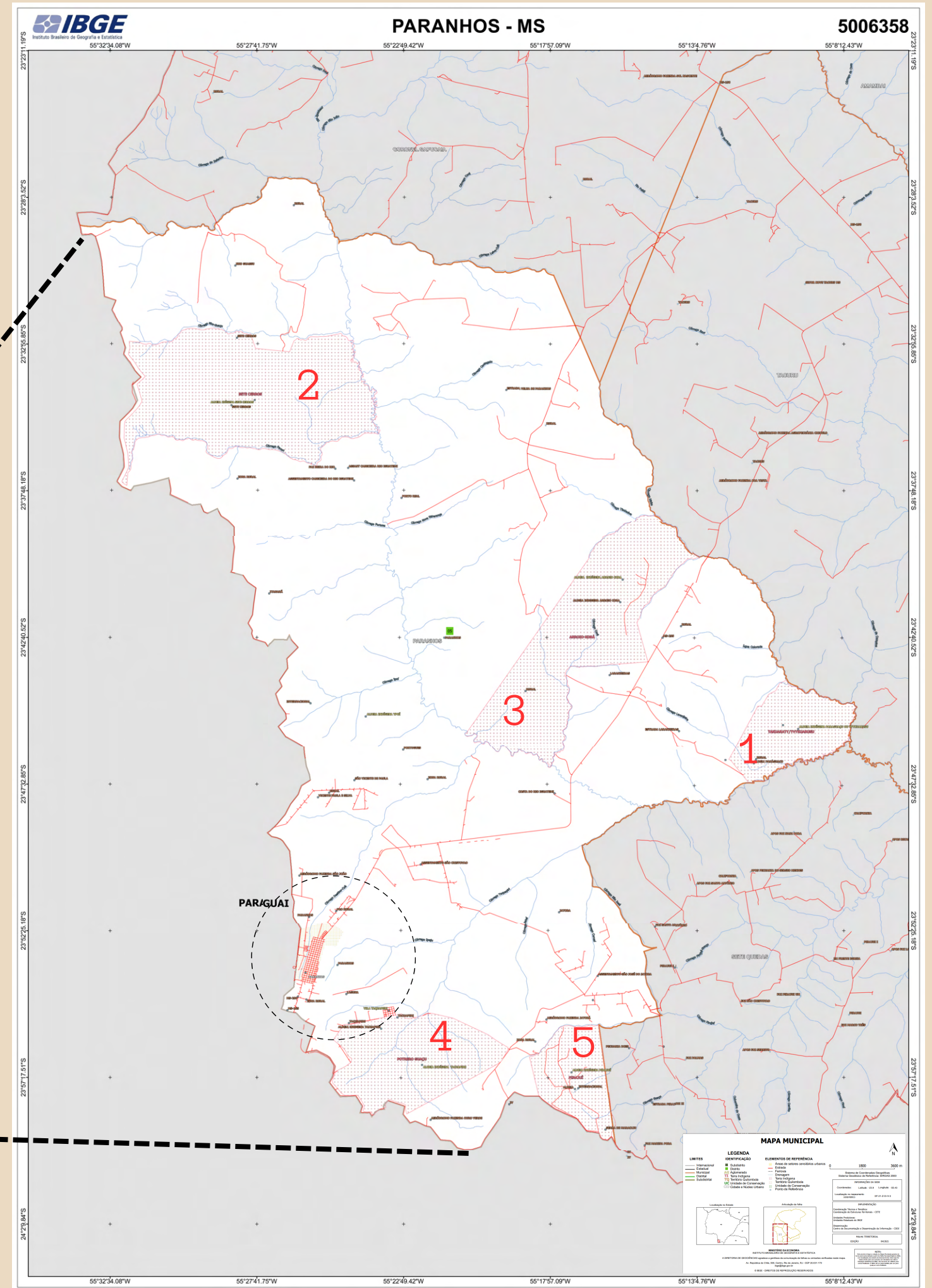


Figura 18 Mapa do Município de Paranhos com aldeias e núcleos urbanos inseridos, Fonte: IBGE 2010.

2.2 Atualidade

Ampliando na Área Urbana de Paranhos, é possível visualizar a pouca quantidade de vias e quadras e a forma como tem se expandido para o sul, próximo a aldeia Taquapiri. [Figura 19]

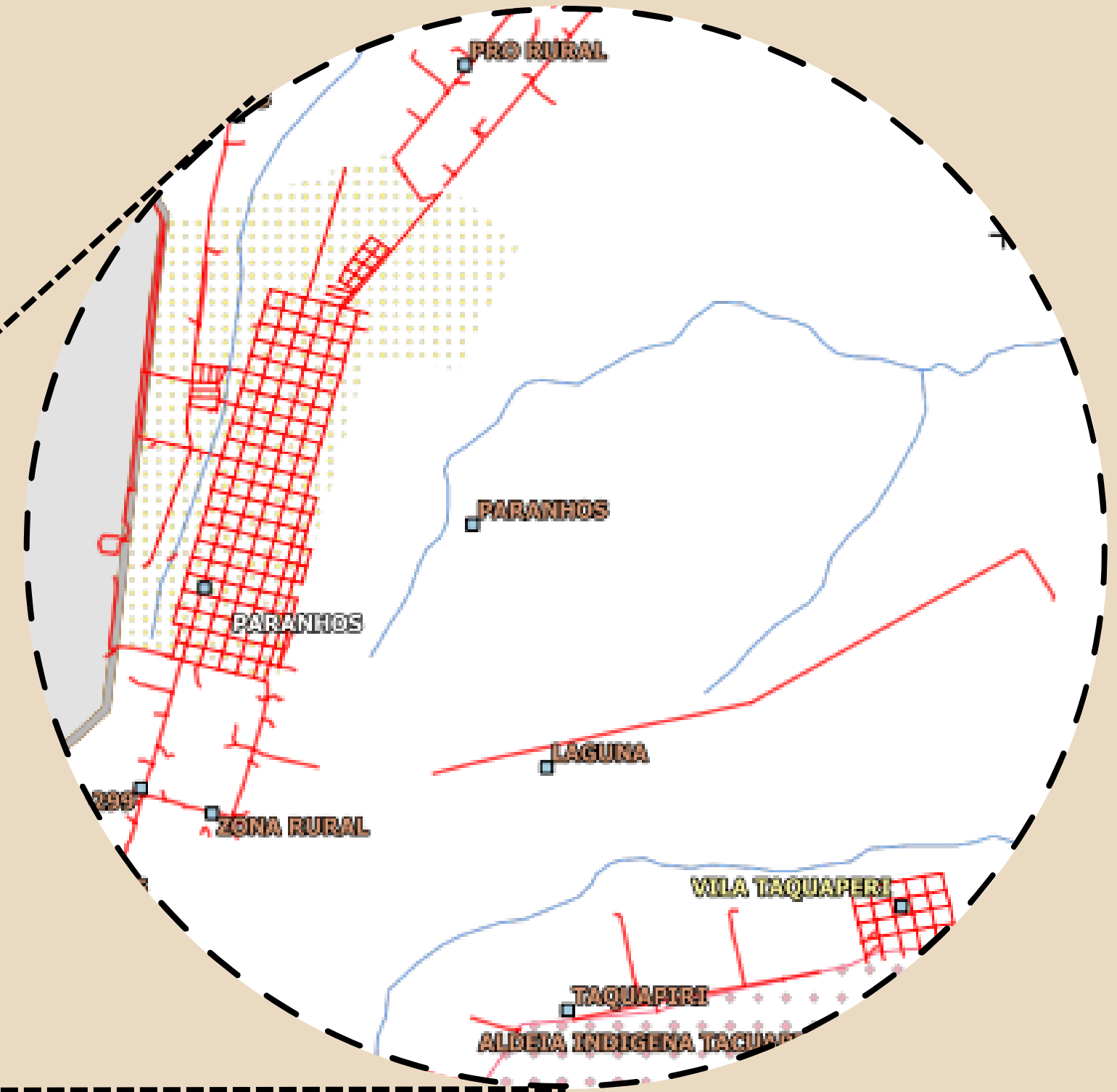
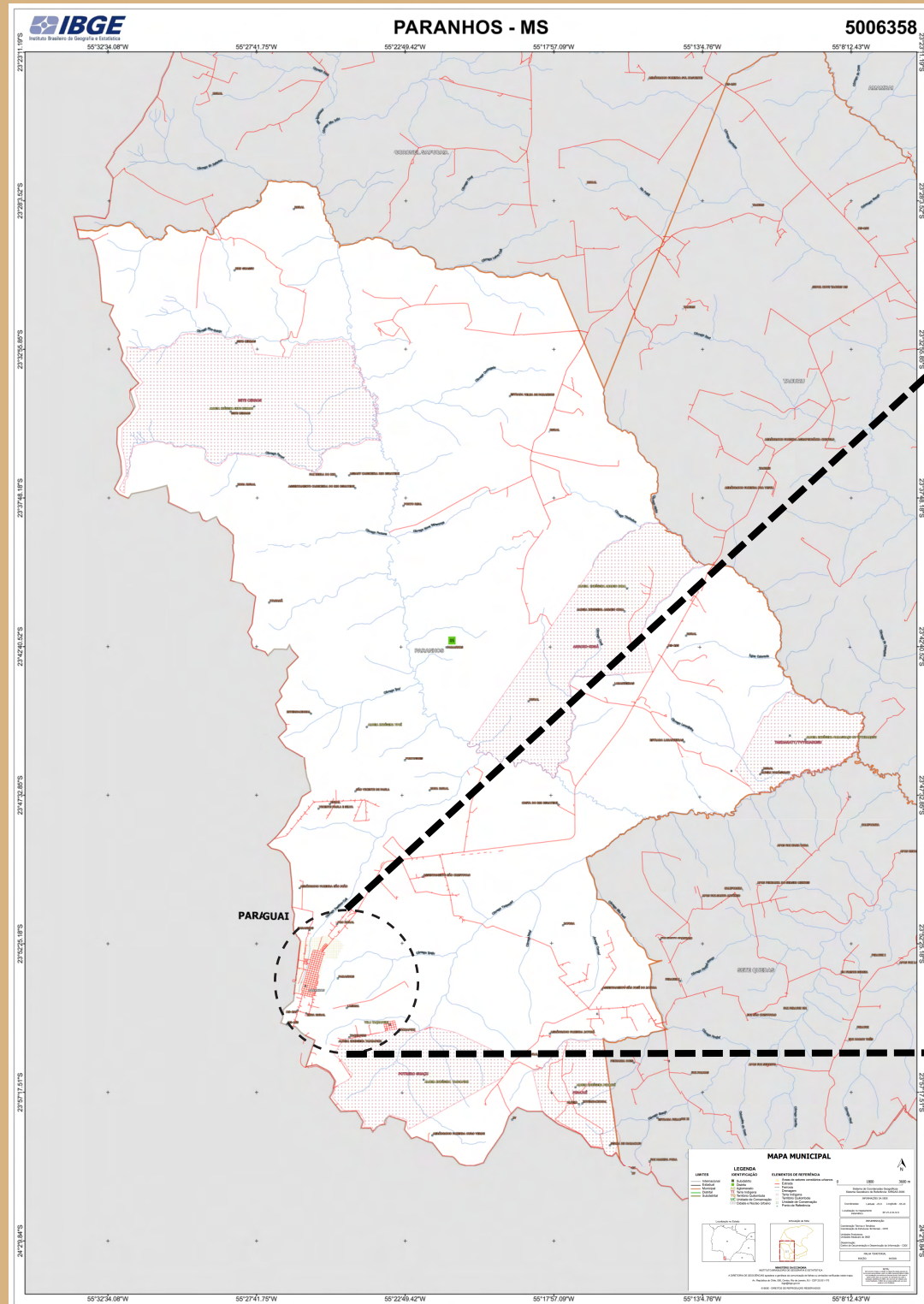
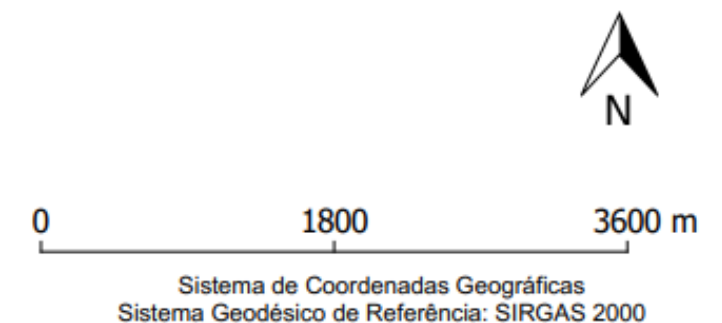


Figura 19: Área urbana de Paranhos, MS. Fonte: IBGE, 2010, alterado pelo autor, 2023

LEGENDA	
IDENTIFICAÇÃO	ELEMENTOS DE REFERÊNCIA
■ Subdistrito	■ Áreas de setores censitários urbanos
■ Distrito	— Estrada
AG Aglomerado	— Ferrovia
TI Terra Indígena	— Drenagem
TQ Território Quilombola	■ Terra Indígena
UC Unidade de Conservação	■ Território Quilombola
CID Cidade e Núcleo Urbano	■ Unidade de Conservação
	■ Ponto de Referência



2.2 Atualidade

Através da figura é possível ter uma noção o traçado urbano da cidade, mas com o Mapa do Perímetro Urbano técnico da cidade [Figura 20], se entende a relação da cidade com alguns dos principais pontos que organizam seus limites, como o exército a Leste e a fronteira seca com o Paraguai a Oeste.

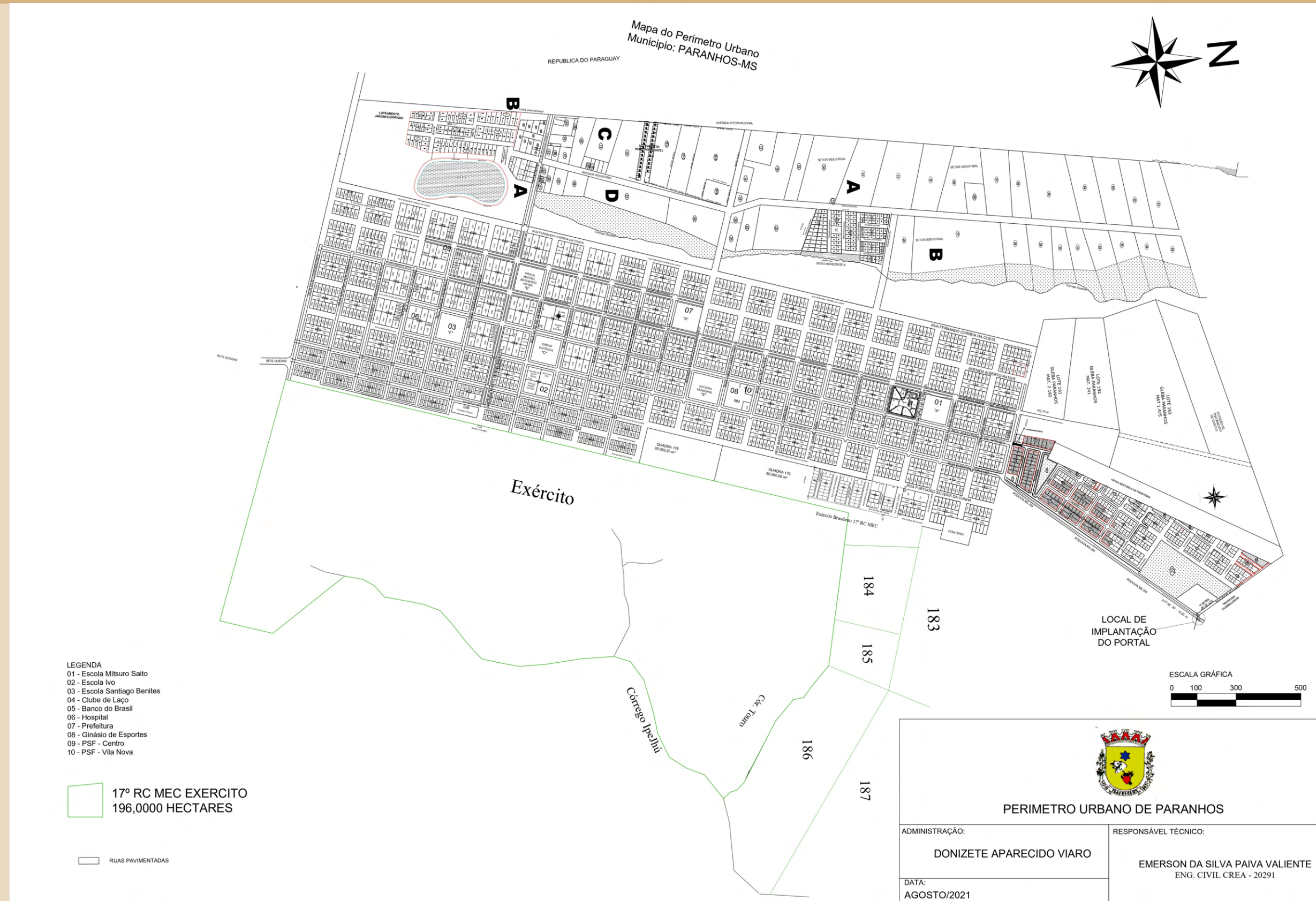


Figura 20: Mapa Urbano de Paranhos de 2021, Fonte: Prefeitura de Paranhos, editado por autora.

2.2 Atualidade

Segundo dados do ultimo censo do IBGE:

- A população total do município [2010], conta com: 12.350 pessoas.
- A população estimada [2021] é de: 14.576 pessoas.
- A densidade demográfica do município é de: 9,43hab/km². [considerando censo de 2010]
- A religião predominante é: Católica Apostólica Romana [2010]
- O salário médio mensal dos trabalhadores formais [2020] é: 2,3 salários mínimos.
- A taxa de escolarização de 6 a 14 anos é: 91,6% [2021]
- O município conta com 9 escolas de ensino fundamental e 1 de ensino médio. [2021]
- O PIB per capita [2020] é: R\$ 16.216,58
- Segundo censo de 2009, existem 9 estabelecimentos de Saúde (SUS) no município
- Área Urbanizada (m²) [2019]: 2,80km²
- O Esgotamento sanitário adequado atinge somente: 1,4% da área urbanizada [2010]
- Urbanização de vias públicas: 2,7%

Dados do censo de 2010 da UNDP:

- IDHM 2010: 0,588
- IDHM Renda 2010: 0,566
- IDHM Longevidade 2010: 0,811
- IDHM Educação 2010 0,444

É compreensível o aumento populacional para uma cidade como Paranhos, considerando que além de pequena, é um município novo, sua população é majoritariamente nova. Ao analisar a Pirâmide Etária da cidade conforme [IBGE 2010] [Figura 22], a maior parte de sua população é de 0 - 14 anos, o que projetando em alguns anos, se torna a população adulta da cidade, com maior porcentagem do que a ultima registrada, aumentando a taxa de natalidade.

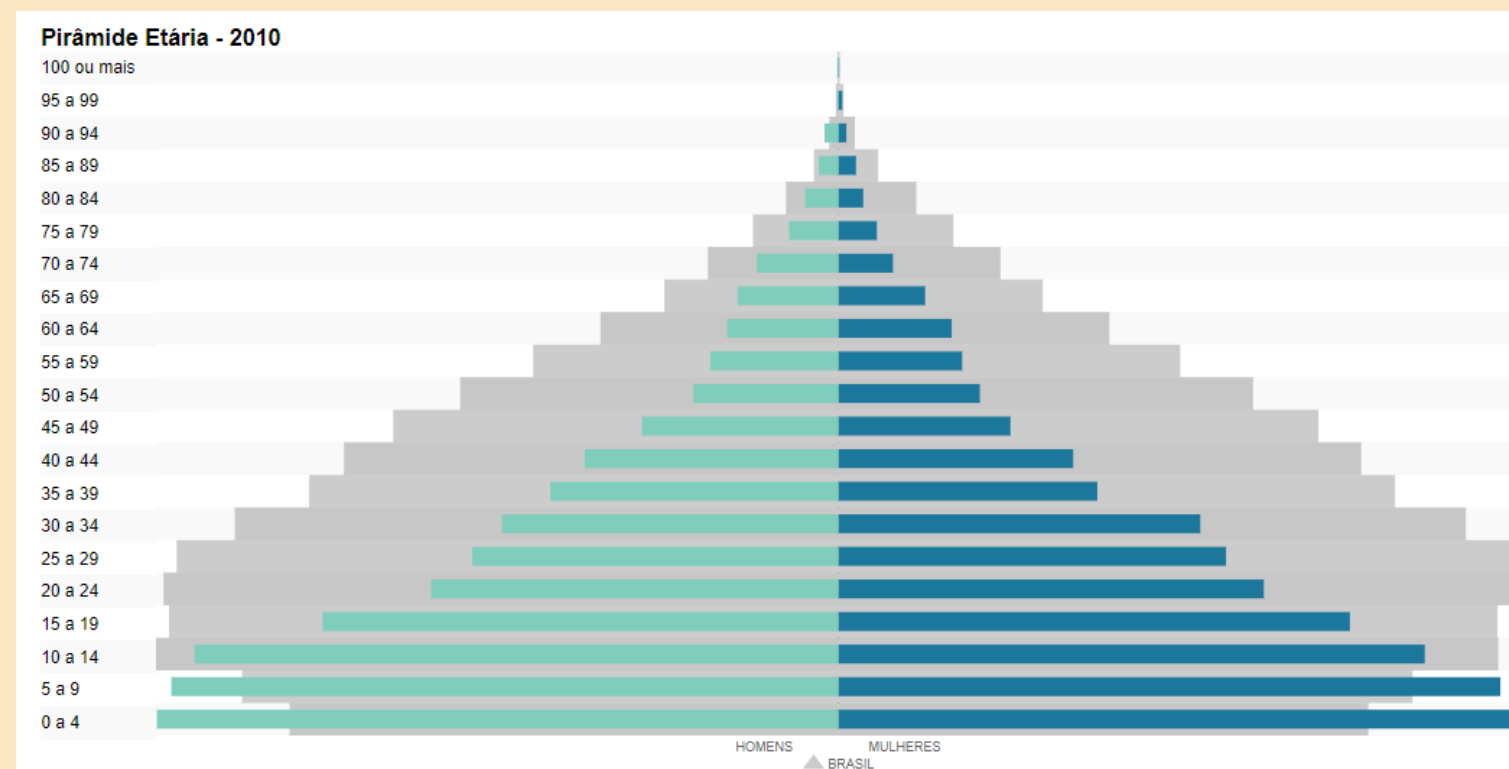


Figura 22: Mapa de Pirâmide Etária do município de Paranhos, MS

Fonte: IBGE, 2010.

2.3 Aldeia Paraguassu

A Aldeia Paraguassu (Takuaraty/Yvykuarusu), que em uma vasta região, abrange o Forte Iguatemi, passando a utilizar área interna do mesmo (em um período não definido, apenas o que se sabe é que foi após o seu abandono). Possui área de aproximadamente 25.000m² e conta com uma população de 591 pessoas [IBGE, 2010] [Figura 23]. O povo é denominado como Guarani-Kaiowá, cuja família linguística é o Tupi-Guarani, e sua língua oficial é o Guarani (Instituto Socioambiental (ISA), 2023) . A terra que ocupam hoje foi identificada em 1984 e homologada pela FUNAI (Fundação Nacional dos Povos Indígenas) em 2017. A aldeia conta com apenas uma Escola Municipal (abortada no próximo tópico), e está a 27,3km da área urbana de Paranhos. É possível verificar e situar a aldeia com base nos mapas abaixo, onde mostra sua delimitação mas também sua posição à nordeste da área urbana de paranhos [Figura 22].

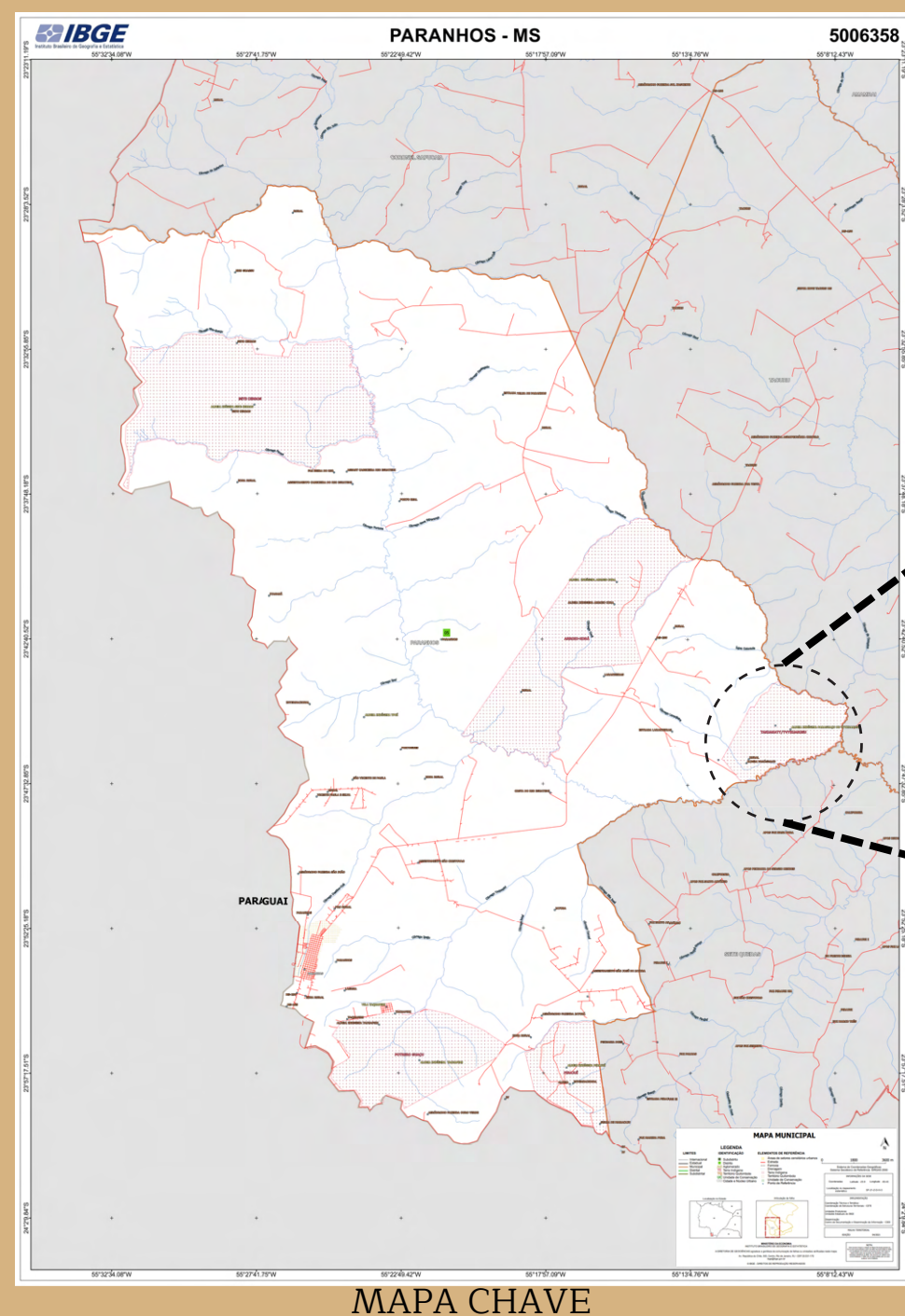


Figura 23: Mapa da Aldeia Paraguassu, Fonte: Elaborado pela autora no Google Earth, 2023.

2.4 Escola Municipal da Aldeia

A Escola Municipal Indígena Pancho Romero foi entregue à comunidade em 2014 [Figura 25], projetada para funcionar em dois turnos: matutino e vespertino. E atender da pré-escola à educação infantil e do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, e tem aproximadamente 379 matrículas ativas (QEDU.ORG). Ela foi construída bem ao centro da área que se localizava o Forte [Figura 24], e se tornou um ponto referência da aldeia, por ter trazido a educação municipal para dentro da mesma, e facilitando o acesso à educação para as crianças da região.



Figura 24: Mapa da Aldeia Paraguaçu com projeção da estrutura do forte. Fonte: elaborado pelo autor, 2023



Figura 25: Imagem tirada a partir de drone da Escola Municipal Indígena Pancho Romedo em 2022. Fonte: Prefeitura de Paranhos, MS.

2.5 Forte Iguatemi: Sítio Arqueológico

Assim como a Aldeia Paraguassu é uma terra indígena homologada pela FUNAI, o Forte também possui registros, mas como um Sítio Arqueológico, pelo IPHAN, possuindo inclusive ficha técnica oficializada no CNSA (Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos) desde 1899. [Figura 26]

The figure displays three screenshots of the technical form for Forte Iguatemi in the CNSA system. The first screenshot (left) shows the general information page, including the site name (Forte Iguatemi MS-AB-01), municipality (Amambai), and various measurements. The second screenshot (middle) shows the structural details page, including a list of structures (e.g., Área de refugio, De lascamento) and artifacts (e.g., Lítico lascado, Cerâmico). The third screenshot (right) shows the documentation page, including a list of produced documentation (e.g., Mapa com sítio plotado, Foto preto e branco) and a bibliography section.

Ministério da Cultura
Sistema Nacional de Informações Culturais - SNIC

Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos CNSA / SGPA*
- CNSA MS00180 -

IPHAN
Centro Nacional de Arqueologia - CNA

Nome do sítio: Forte Iguatemi MS-AB-01
Outras designações e siglas: MS-IG-001
Município: Amambai
UF: MS
CNSA: MS00180

Descrição sumária do sítio:
Sítios relacionados:

Comprimento: 0m **Largura:** 0m **Altura máxima:** 0m (a partir do nível do solo)
Área: 0m² **Medição:** Estimada **Passo:** Mapa **Instrumento:**

Unidade geomorfológica:
Compartmento topográfico: relevo plano - margem do Rio I
Altitude: 600m (com relação ao nível do mar)
Água mais próxima: Rio Iguatemi
Distância: 0m
Rio:
Bacia:

Vegetação atual:
Floresta ombrófila, Floresta estacional, Campinarana, Capoeira, Savana (cerrado), Savana-estépica (Caatinga), Estepe, Outra:

Uso atual do terreno:
Atividade urbana, Via pública, Estrutura de fazenda, Área devoluta, Pasto, Plantio, Área devoluta, Outro: aldeia indígena

Propriedade da terra: Área pública, Área privada, Área militar, Área indígena, Outra:
Proteção legal: Unid. de conservação ambiental, Em área tombada, Municipal, Estadual, Federal, Patrim. da humanidade

Categoria: Unicomponencial, Multicomponencial, Pré-colonial, De contato, Histórico

Tipo de sítios: aldeamento guarani, povoado e forte colonial / Sít
Forma:
Tipo de solo:

Estratigrafia:
Contexto de deposição: Em superfície, Em profundidade
Exposição: Céu aberto, Abrigo sob rocha, Gruta, Submerso, Outra:

Artigos de estrutura: Área de refugio, De lascamento, De Combustão, Funerárias, Vestígios de edificações, Vestígios de mineração, Alinhamento de pedras, Manchas pretas, Canais tipo trincheiras, valetas, Círculos de pedra, Estacas, buracos de Fossas, Fossas, Muros de terra, linhas de argila, Palafitas, Paliçadas, Concentrações cerâmica - quant., Outras: vestígios das muralhas

Artigos de artefatos: Lítico lascado, Lítico polido, Sobre material orgânico, Cerâmico, Sobre concha, Outros vestígios líticos:

Material histórico:
Outros vestígios orgânicos:
Outros vestígios inorgânicos:

Arte rupestre: Pintura, Gravura, Ausente:

FILIAÇÃO CULTURAL
Artefatos líticos: Tradições, Fases, Complementos, Outras atribuições:
Artefatos cerâmicos: Tradições: Tupiguarani/Neo-brasileira, Fases, Complementos, Outras atribuições:
Artefatos rupestre: Tradições, Estilos, Complementos, Outras atribuições:

Datações Absolutas: 1767 a 1777 d.C. (informações históricas)
Datações Relativas: mais de 75%, entre 25 e 75%, menos de 25%
Fatores de destruição: Erosão eólica, Erosão pluvial, Construção de estrada, Erosão fluvial, Atividades agrícolas, Construção de moradias, Vandalismo

Outros fatores naturais:
Outros fatores antrópicos:
Possibilidades de destruição: pecuária
Medidas para preservação:
Relevância do sítio: Alta, Média, Baixa
Atividades desenvolvidas no local: Registro, Coleta de superfície, Sondagem ou Corte estratigráfico, Escavação de grande superfície, Levantamento de grafismo rupestre

Nome do responsável pelo registro: Gilson Rodolfo Martins
Data do registro: 20/09/1992
Ano do registro:

Nome do projeto:
Documentação produzida (quantidade):
Mapa com sítio plotado: 0, Croqui: 0, Planta baixa do sítio: 1, Planta baixa dos locais afetados: 0, Planta baixa de estruturas: 0, Perfil estratigráfico: 0, Perfil topográfico: 0, Foto aérea: 0, Foto colorida: 0, Foto preto e branco: 0, Reprografia de imagem: 0, Imagem de satélite: 0, Cópia total de arte rupestre: 0, Cópia parcial de arte rupestre: 0, Ilustração do material: 0, Caderneta de campo: 0, Vídeo / Filme: 0, Outra: 0

Bibliografia:
MARTINS, G.R. - Relatório de registro de um sítio arqueológico, etnográfico e histórico em Amambai-MS, pelo Projeto "Levantamento Arqueológico do MS", Dourados, UFMS/CEUD-IAP/UNISINOS, 1987.

Responsável pelo preenchimento da ficha: Irmhild Wüst e equipe (UFG)
Data: 30/12/1899
Atualizações:
Localização dos dados:

Assinatura

* Em atendimento ao determinado na Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos.

Página 1 de 3

* Em atendimento ao determinado na Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos.

Página 2 de 3

* Em atendimento ao determinado na Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos.

Página 3 de 3

Figura 26: Conjunto de Páginas da Ficha Técnica do Forte Iguatemi na CNSA.
Fonte: http://portal.iphan.gov.br/sgpa/cnsa_detalhes.php?4258

2.6 Sugestão de Terreno

A primeira sugestão de terreno para implantação do Centro de Interpretação Histórica do Forte Iguatemi leva em consideração a proximidade com o forte em si, e a escola municipal nele localizada, sem invadir sua área ou uso, por isso, o terreno escolhido seria entre duas vias já existentes na aldeia, a frente da entrada do forte, e contaria com a área de 3.379,01 m², com medidas gerais de aproximadamente 85,00m x 40,00m [Figura 27].

Dessa forma, a entrada do forte funcionaria como uma praça educacional, onde o Centro consiga oferecer toda a base necessária para exposições e pesquisas acerca da história local. Trabalhando em conjunto com a escola, ofertando educação e ambientes de pesquisa para seus alunos. Com o público alvo sendo tanto a população jovem e estudantes da aldeia, quanto os jovens da área urbana.

Também visando a facilitação do acesso da aldeia ao centro da área urbana, a estrada que os conecta seria pavimentada, e as visitas ao centro por parte dos estudantes da cidade funcionariam de forma agendada e controlada, por motivos educacionais e culturais, apenas.

No entanto, segundo a LEI N° 6.001, DE 19 DE DEZEMBRO DE 1973, toda terra indígena é protegida e não é permitido a construção para visitação dentro desse território, conforme Art. 18. "As terras indígenas não poderão ser objeto de arrendamento ou de qualquer ato ou negócio jurídico que restrinja o pleno exercício da posse direta pela comunidade indígena ou pelos silvícolas." O que descarta totalmente a ideia inicial, por mais que exista um partido sobre a proximidade com o forte.



Figura 27: Mapa de alocação para possível terreno de estudo. Fonte: Elaborado pelo autor, 2023

2.6 Sugestão de Terreno

A segunda sugestão de terreno para implantação do Centro de Interpretação Histórica do Forte Iguatemi também leva em consideração a proximidade com o forte em si, e a escola municipal nele localizada, dessa vez, totalmente fora da área da aldeia, porém próximo o suficiente do Forte, por isso, o terreno escolhido seria ao lado da estrada que leva à aldeia, a frente da entrada da mesma, e contaria com a área de 3.902,69 m², com medidas gerais de aproximadamente 90,00m x 43,00m [Figura 28].

Dessa forma, a atuação dentro do terreno estaria próxima, mas de forma totalmente legal. Além disso, a população indígena poderia usufruir do Centro sem precisar se deslocar, de forma que movimentasse a economia local e traga público para a divulgação do Forte. No entanto, a intenção é trazer também um público que não conhece o forte, e que teria interesse em conhecer ao passar pelo CIHFI, o que não aconteceria em uma estrada que somente a população da aldeia utiliza, e que não é percurso de visitantes ou moradores da área urbana. Descartando também tal ideia.



Figura 28: Mapa de alocação para possível terreno de estudo.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023

2.6 Sugestão de Terreno

A terceira e última sugestão de terreno para implantação do CIHFI leva em consideração a proximidade com a rodovia que cruza o município de Paranhos e leva até a área urbana, a MS-295, mas no ponto estratégico do cruzamento da mesma com a estrada que leva à aldeia e conseqüentemente ao Forte Iguatemi [Figura 30], e contaria com a área de 7.000 m², com medidas gerais de aproximadamente 70,00m x 100,00m [Figura 29]. O terreno possui área muito maior que as alternativas anteriores, para garantir o recuo mínimo de 15m de Rodovias Estaduais, segundo a Lei 13913/2019

Essa escolha leva em consideração o fluxo de pessoas que entram e saem do município [Figura 31] utilizando essa rodovia, que visualizaria com maior evidência o CIHFI, o que colaboraria com sua divulgação, mas também sua posição garantiria fácil acesso a ele para visitantes, e ainda sim teria uma posição privilegiada com relação a verdadeira localidade do Forte Nossa Senhora dos Prazeres do Iguatemi. Por isso, a melhor escolha de terreno seria essa, cumpriria com as leis de proteção às aldeias e também se posicionaria de maneira estratégica a atrair maior público para visitas.

Com base nesse terreno, se inicia as análises e propostas de projeto para a implantação do Centro de Interpretação Histórica do Forte Iguatemi.



Figura 29: Mapa de alocação do possível terreno de estudo.
Fonte: Elaborado pelo autor, 2023



Figura 30: Mapa de alocação do possível terreno de estudo com relação à aldeia e o Forte Iguatemi. Fonte: Elaborado pela autora, 2023

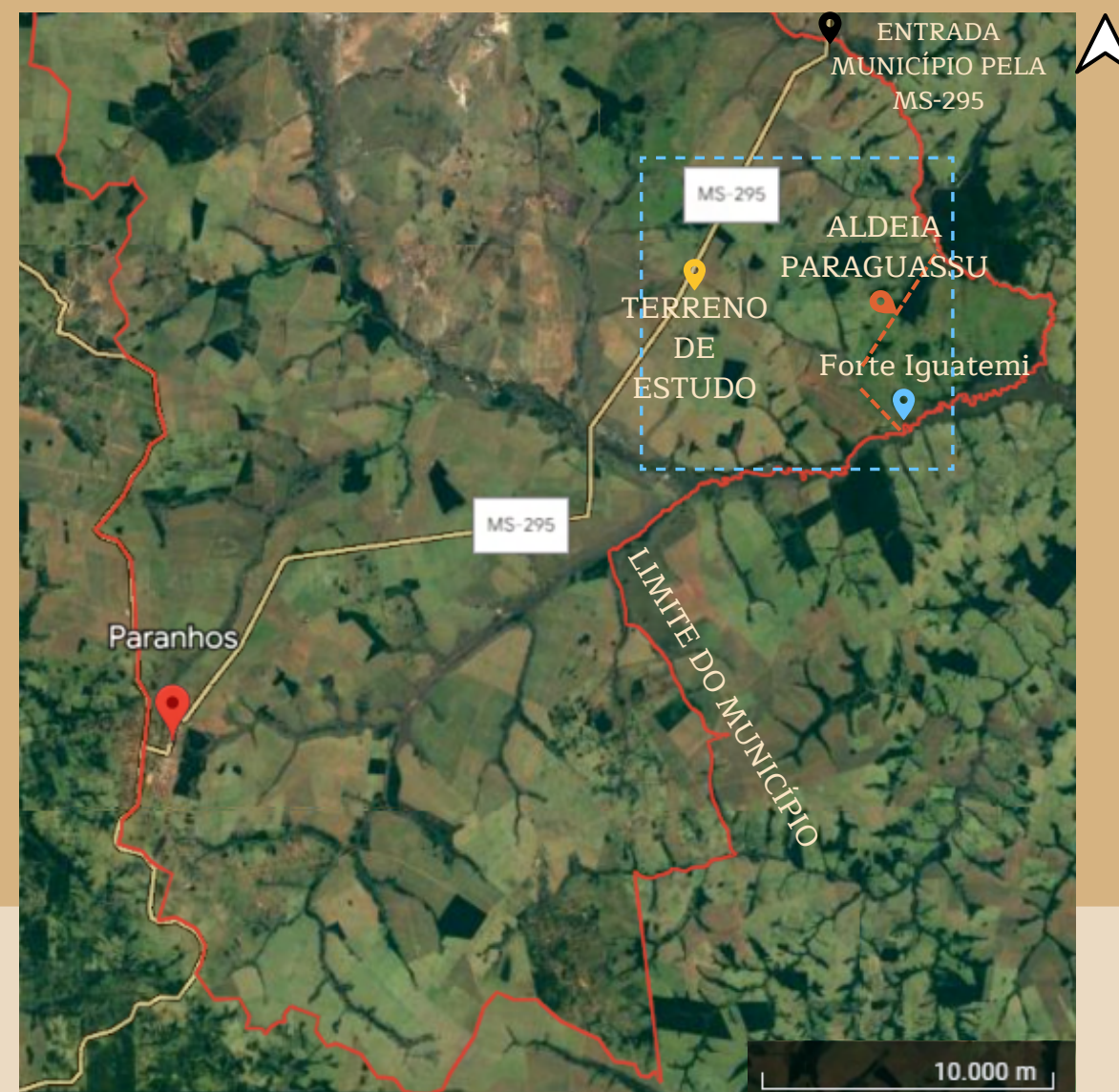


Figura 31: Mapa de alocação do possível terreno de estudo com relação à área urbana, a aldeia e o Forte Iguatemi. Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Capítulo 3

O Projeto

Este capítulo tem como objetivo explicar e referenciar as escolhas e propostas de projeto para o Centro de Interpretação Histórica do Forte Iguatemi (CIHFI) por meio do partido arquitetônico, a apresentação das principais referências de projeto, um programa de necessidades e todos os elementos complementares que compõe a ideia projetual do complexo. Finalizando com um conjunto de pranchas com a primeira proposta técnica para implantação e ambientação interna.



3.1 Levantamento e Estudo de Viabilidade

Este Tópico tem por objetivo analisar aspectos que influenciam diretamente na tomada de decisões e de soluções para o projeto.

3.1 Levantamento e Estudo de viabilidade

3.1.1 Análise de Terreno

MAPAS TOPOGRÁFICOS

Ao analisar a posição topográfica entre o terreno de implantação do CIHFI, é possível visualizar uma diferença de cerca de 100m entre seus níveis, levando em consideração a posição do Forte junto ao Rio Iguatemi, [Figura 32]. É compreensível tamanha diferença, pois é próximo aos rios e córregos que encontramos as menores altitudes. Por fim, ao aproximar o mapa para entender a topografia do terreno, nos deparamos com um terreno quase plano, que possui diferença de nível de apenas 1 (um) metro, [Figura 33]

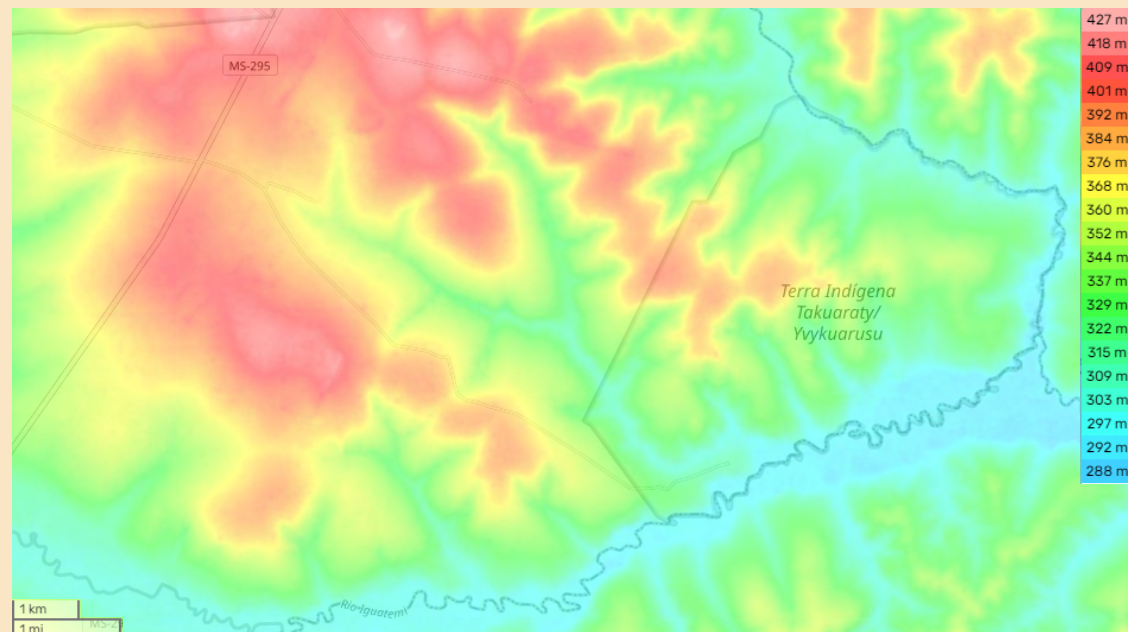


Figura 32: Mapa Topográfico entre Terreno e Forte. Fonte: topographic-map.com

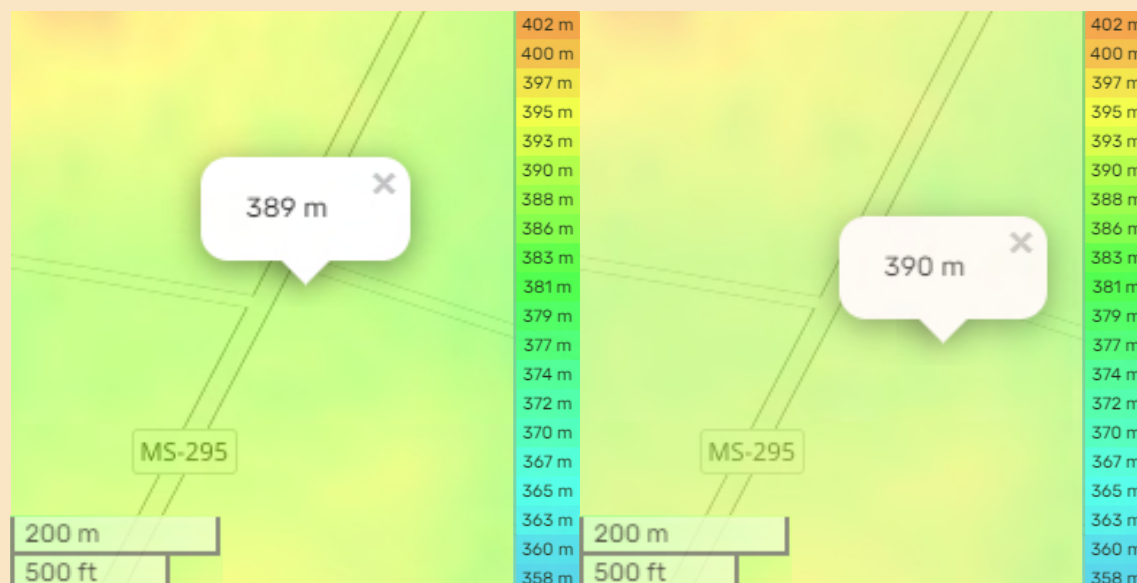


Figura 33: Mapa comparativo de topografia dentro do terreno. Fonte: topographic-map.com

ROSA DOS VENTOS

Não foi possível encontrar a rosa dos ventos do município de Paranhos, MS, no entanto, considerando estarem na mesma região, será considerada a Rosa dos Ventos do Município de Sete Quedas, [Figura 34], como base para análise de ventos do terreno de estudo, assim como a relação com a posição do sol, [Figura 35].

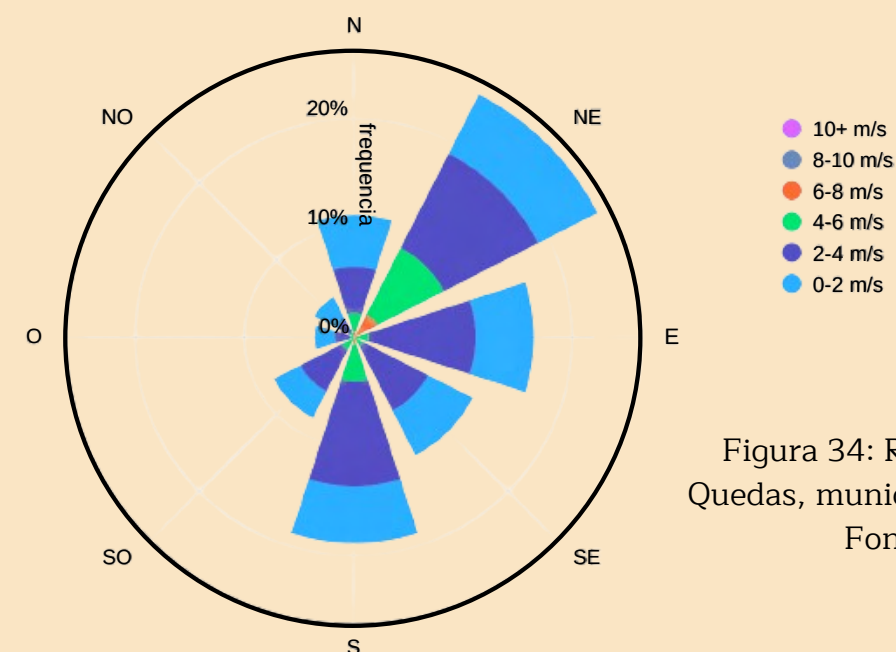


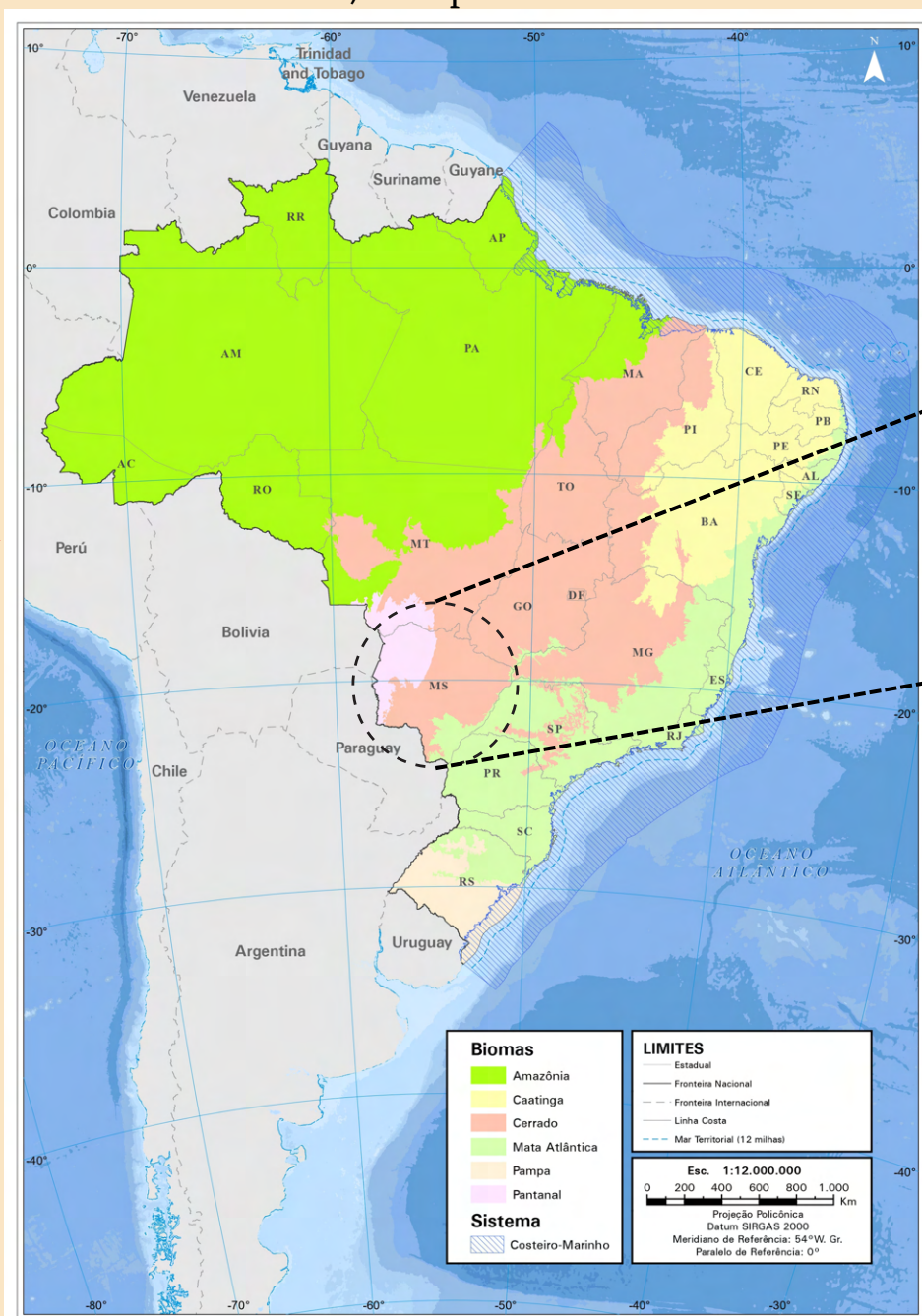
Figura 34: Rosa dos Ventos de Sete Quedas, município vizinho de Paranhos. Fonte: mme.gov.br



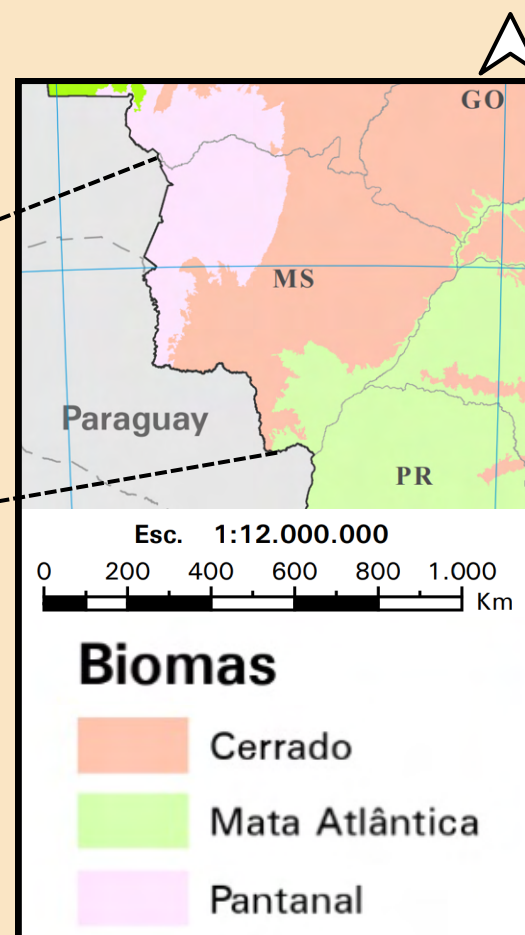
Figura 35: Mapa de Incidência Solar e de Ventos no Terreno. Fonte: Elaborado pela autora

3.1.2 Análise Ambiental

Segundo o mapa de biomas brasileiro do fornecido pelo IBGE, [Figuras 36 e 37] O município de Paranhos configura-se dentro dos biomas de Cerrado, e de Mata Atlântica. No entanto ao analisar o BDIA (Banco de Dados de Informações Ambientais) [Figura 38] percebe-se que o território do município é majoritariamente pecuário, com fazendas de pastagens, o que configura alta taxa de desmatamento, e descaracterização da flora e fauna local. Por isso, faz se necessário a proposta de reflorestamento da região. Para construir um centro que traga essas características de volta a região, é necessário trazer espécies nativas e adaptadas de ambos biomas, e reconstruir, ao menos no terreno de estudo, um pouco da fauna local.



Figuras 36: Mapa de Biomas brasileiros
<https://www.ibge.gov.br/geociencias/informacoes-ambientais/estudos-ambientais/15842-biomas.html>. Acessado em 04/09/2023



Figuras 37: Zoom dos biomas no Estado de Mato Grosso do Sul.

Fonte:
<https://www.ibge.gov.br/geociencias/informacoes-ambientais/estudos-ambientais/15842-biomas.html>. Acessado em 04/09/2023

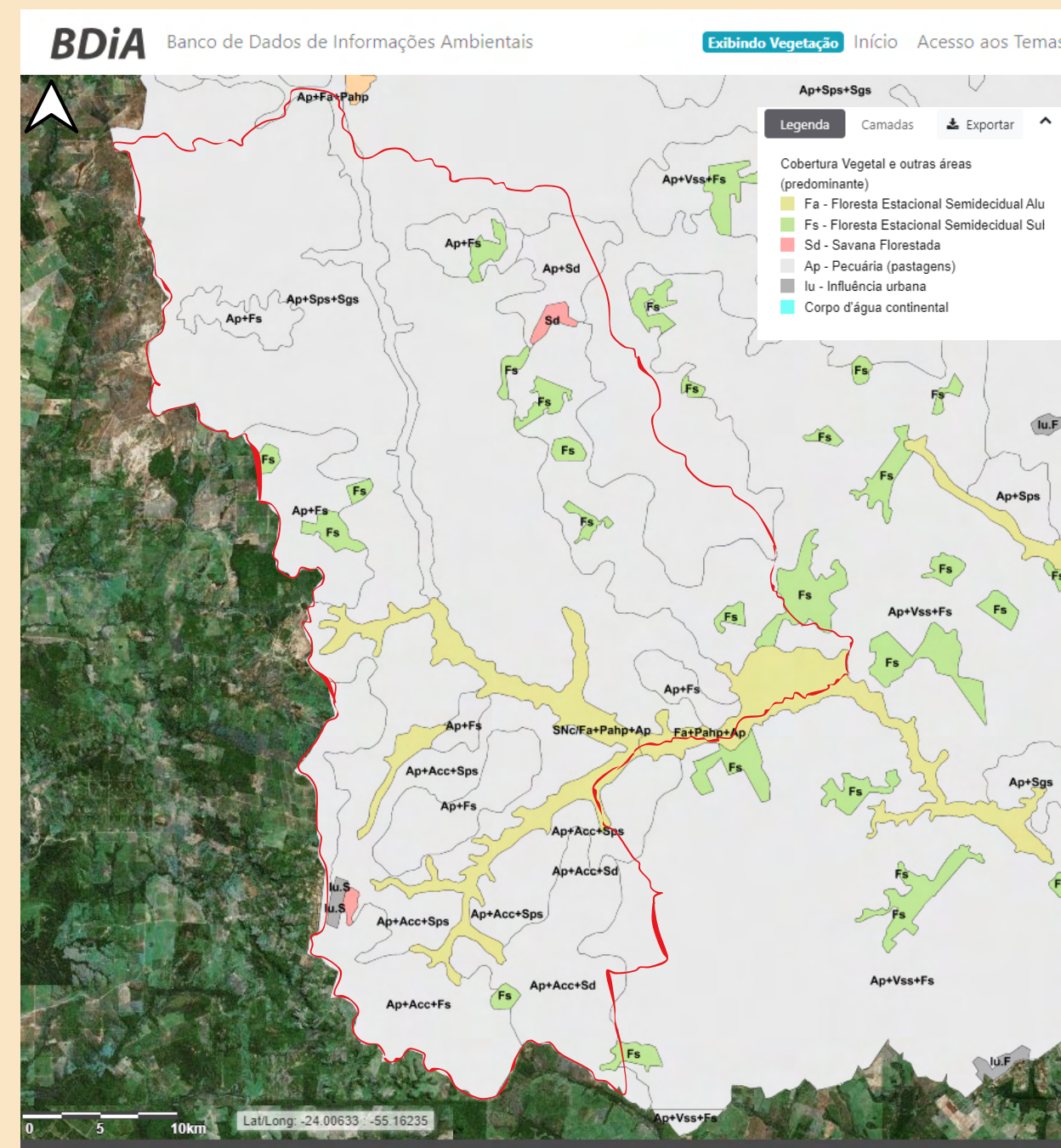


Figura 38: Mapa de Banco de Dados de Informações Ambientais, focado no município de Paranhos, MS. Fonte:
<https://bdiaweb.ibge.gov.br/#/consulta/vegetacao> Acessado em 04/09/2023

3.1.3 Análise Legislativa

LEGISLAÇÃO DE MUSEUS

Os museus são regulamentados através da **LEI Nº 11.904, DE 14 DE JANEIRO DE 2009**, e institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. De acordo com o Art. 1º "Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições **sem fins lucrativos** que conservam, investigam, comunicam, **interpretam** e expõem, para fins de **preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.**"

Sendo assim, **para regularizar o CIHFI, será seguido as regulamentações de museus**, levando em consideração a semelhança em conceito e propósito. De maneira que o Centro se baseie em um conjunto de regras padrão e adequado ao seu uso.

LEGISLAÇÃO DE PROTEÇÃO DE TERRAS INDÍGENAS

As terras indígenas são protegidas pela **LEI Nº 6.001, DE 19 DE DEZEMBRO DE 1973**, Art. 18. "**As terras indígenas não poderão ser objeto** de arrendamento ou **de qualquer ato** ou negócio jurídico **que restrinja o pleno exercício da** posse direta pela **comunidade indígena** ou pelos silvícolas."

Por isso, torna-se válida a proposta de **recriar e simular elementos** de uma aldeia tradicional **para visitação**, garantindo a privacidade de aldeias protegidas. De maneira que traga os visitantes para conhecer a cultura, externamente ao território privado e de uso exclusivo aos indígenas. No entanto, **sem copiar**, ou tentar reproduzir técnicas patenteadas **como apropriação** ou de **maneira desrespeitosa.**

LEGISLAÇÃO DE DESAPROPRIAÇÃO

O terreno escolhido possui uma área de 7.000 no cruzamento da rodovia MS295 com a estrada de chão que a conecta com o Forte Nossa Senhora dos Prazeres do Iguatemi. No entanto, a área **faz parte de uma propriedade**, cujo nome ou proprietário se desconhece, mas **de cunho particular**, e por isso, **faz-se necessário a desapropriação do local**, para fim de desenvolvimento e construção de um centro sem fins lucrativos com proposta de ser vinculado com a prefeitura de Paranhos.

Todo o processo de desapropriação leva em consideração o **DECRETO-LEI Nº 3.365, DE 21 DE JUNHO DE 1941**. Em específico o Art. 2º "Mediante declaração de utilidade pública, **todos os bens poderão ser desapropriados** pela União, **pelos Estados, Municípios, Distrito Federal e Territórios.**" e o Art. 4º "**A desapropriação poderá abranger a área** contígua **necessária ao desenvolvimento da obra** a que se destina, e as zonas que se valorizarem extraordinariamente, em consequência da realização do serviço. (...)"

LEGISLAÇÃO DE RODOVIAS

Segundo o Art. 4º, inciso III, da **LEI 13913/2019** "ao longo das faixas de domínio público das rodovias, a **reserva de faixa não edificável de, no mínimo, 15 (quinze) metros de cada lado** poderá ser reduzida por lei municipal ou distrital que aprovar o instrumento do planejamento territorial, até o limite mínimo de 5 (cinco) metros de cada lado." No entanto, **o projeto seguirá o recuo mínimo, e será considerada a área de servidão de 15m, entre a estrada e o limite do terreno.**

3.1.4 Análise Socio Cultural

RECONHECIMENTO CULTURAL

O propósito de um centro de interpretação, é trazer a sociedade para dentro das pesquisas e dentro dos resultados encontrados sobre do que se tratou o Forte Iguatemi [Figura 39]. É uma maneira de aproximar o visitante e o morador local do real objetivo da edificação, e conscientizar todos sobre a relevância que o local estudado. Mas também homenagear a cultura originária do estado e representar por meio da arquitetura, gastronomia e artesanato, um pouco de sua cultura.

O propósito de homenagear a cultura indígena, vem do reconhecimento de que os povos originários residiam na região muito antes da colonização, assim como durante, fato confirmado através dos diversos relatos de encontros com os Kaiowás da região, durante as expedições, e por fim, se eles se mantem até hoje.

Vale ressaltar que isso não se aplica apenas aos Kaiowás, mas todos os povos da região que se mantiveram fortes durante o genocídio que sofreram na colonização, e depois com todo o processo de aculturação que ainda passam.

Atualmente, com o reconhecimento de alguns territórios, o Forte, como se sabe, está localizado em um deles, a Aldeia Paraguassu [Figura 40], e isso torna sua visita e estudo mais complexos, já que não se pode intervir ou adentrar a aldeia sem propósitos aceitos pelos órgãos de proteção a população indígena. Dessa forma, ofertar um espaço para divulgação e pleno exercício de sua cultura, colabora com a proteção e com a divulgação de suas tradições.

Além disso, o Forte Iguatemi faz parte da história da região, e da demarcação da fronteira brasileira, e não tem como estudá-lo sem entender a correlação de ambas histórias, que se sobrepõem e se complementam. Para trabalhar com a pesquisa da região, é necessário entender todos os princípios de cada uma das histórias, a indígena, a ocupação do Oeste brasileiro, e também a fundação do Município que paranhos, que advém de um contexto totalmente diferente, e pouco falado.



Figura 39: Imagem aérea do Forte atualmente, Fonte: Elaborado pela autora no Google Earth, 2023.



Figura 40: Mapa da Aldeia Paraguassu, Fonte: Elaborado pela autora no Google Earth, 2023.

3.1.5 Análise Econômico

FINANCIAMENTO PÚBLICO

O Projeto de Extensão “O Forte de Nossa Senhora dos Prazeres do Iguatemi: Identificação Histórica e Física das Ruínas que confirmam a ocupação oeste do Brasil, na segunda metade do século XVIII pelos colonizadores portugueses durante a disputa fronteiriça entre Portugal e Espanha.” trouxe a tona um novo incentivo para se estudar a história da região. Em contato direto com a prefeitura, muitas das etapas realizadas na pesquisa foram por incentivo e financiamento da mesma.

Sendo assim, entende-se que a prefeitura de Paranhos tem se mostrado muito favorável ao incentivo de pesquisas e produções relacionadas ao Forte Iguatemi, isso se dá não apenas pela recuperação de uma herança histórica local, mas pelo potencial de turismo/desenvolvimento da cidade que se enxerga ao desenvolver pesquisas e acervos para a cidade. Já foi demonstrado o interesse em produzir e financiar um Museu que estude tal história, isso justifica os grandes historiadores e arquitetos que vem se envolvendo e colaborando com o estudo do Iguatemi.

Já existindo a aprovação de uma proposta de um Portal para a Entrada do Município, entende-se que a proposta de um Centro de Interpretação Histórica também seria bem recebida, por isso, ao pensar nas propostas e nos ideais deste projeto, é necessário levar em consideração a possibilidade de uma colaboração com a prefeitura para aproveitamento, de alguma maneira, desta pesquisa.

Levando tudo isso em consideração, o principal meio econômico a ser analisado é o público, trabalhando a relação que o CIHFI poderá ter com o Município de Paranhos e o Estado de Mato Grosso do Sul, ofertando incentivos técnicos à pesquisa, e movimento turístico na região, tanto histórico quanto étnico.

GERAÇÃO DE EMPREGOS

Outro ponto importante para a movimentação econômica é a geração de empregos diretos e indiretos que fomentariam o comércio local, por consequência da movimentação e do desenvolvimento turístico, que resultaria, por exemplo, no crescimento do ramo de hotelaria, com os incentivos de pesquisa novos estudos e trabalhos serão desenvolvidos.

Considerando o contexto indígena do Centro, e as atividades da feira cultural, tem-se a necessidade de mão de obra especializada para a produção de artesanatos e gastronomia tradicional, o que abriria portas para que moradores, dentro das cinco aldeias presentes do município, tenham oportunidade de trabalhar com sua cultura e disseminar as belezas de suas tradições.

Assim como a manutenção do complexo, que exigiria técnicos e estudiosos para garantir que todo o CIHFI funcione de maneira integrada e de qualidade. Com equipe selecionada pela prefeitura, por meio de editais, com trabalhadores indígenas e não indígenas na área técnica, assim como nos cargos superiores, garantindo que a gestão e tomada de decisões parta de ambos, e que tenham igualdade de poder sobre as mesmas.

Sendo assim, para acompanhar o ritmo do movimento turístico, a área urbana também seria beneficiada, com o desenvolvimento do centro comercial, da hotelaria citada anteriormente, e na área acadêmica, considerando que os incentivos a pesquisa surtirá efeito e as escolas passarão a explorar sua história dentro das salas de aula, com projetos e apresentações que poderão futuramente serem aproveitadas no CIHFI.



3.2 Programa de Necessidades

Este Tópico tem por objetivo dimensionar a quantidade de ambientes que se fazem necessários para o projeto, de forma que tenha-se uma dimensão de área a projetar.

3.2.1 Tabela de dimensionamento estimado

Setor	Ambiente	Área	Unidades	Área Setor	Total:
EXTERNO	FEIRA CULTURAL	800m ²	1	2.490m ²	2.885m ²
	ESTACIONAMENTO: 30 carros	1.000m ²	1		
	HORTA P/ FEIRA	250m ²	1		
	ÁREA P/ SHOW DE LUZ E SOM	400m ²	1		
	GUARITA	15m ²	1		
	BANHEIROS	25m ²	1		
INTERNO - CULTURAL	PERCURSO INTERATIVO	60m ²	1	265m ²	
	LOUNGE + RECEPÇÃO	60m ²	1		
	EXPOSIÇÃO DE BANNER DE PROJ. DE EXTENSÃO	20m ²	1		
	ÁREA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	25m ²	2		
	AUDITÓRIO p/ 100 pessoas	60m ²	1		
	ACERVO BIBLIOGRÁFICO	15m ²	1		
	SANITÁRIOS	15m ²	2		
	DML	10m ²	1		
INTERNO - ADMINISTRATIVO	ADMINISTRAÇÃO	35m ²	1	135m ²	
	SALA TÉCNICA + DE SEGURANÇA	20m ²	1		
	SALA DE MARKETING	20m ²	1		
	SALA DE INFRAESTRUTURA	20m ²	1		
	ALOXARIFADO	10m ²	1		
	VESTIÁRIOS	15m ²	1		
	COPA	15m ²	1		

Figura 41: Tabela de Programa de Necessidades. Fonte: Elaborado pela autora, 2023.



3.2 Referências

Este Tópico trás as principais referências utilizadas para chegar ao resultado do conjunto do projeto.

3.2.2 Referências

Exposições Mundiais

Em meados do século XIX, surgem as exposições mundiais. As quais forma muito importantes para a construção do imaginário da arquitetura, através das visitas a seus pavilhões temporários, o principal motivo é por servir como palco para experimentações tecnológicas. Conhecida como “Grande exposição de trabalhos da indústria de todas as nações”, realizada em Londres, em 1851, foi a primeira das exposições que possuiu dimensão internacional, considerada, portanto, a primeira exposição mundial [Figura 42]. (ROCHA, 2017)

“Se funcionavam como uma janela para o mundo em unificação, também serviam como forma de imergir a população, que crescia exponencialmente nas cidades, no universo das mercadorias.” (ROCHA, 2017, p.4)

As exposições mundiais são eventos que, por meio de suas arquiteturas, representam características tecnológicas, estéticas e socioculturais de cada período. A educação e a arte cumpriam um papel estratégico junto à classe baixa, já que esses eventos incluem eles em sua lógica de consumo, dando a sensação de pertencimento, utilizando essa simulação para amenizando possíveis revoltas da classe trabalhadora. (ROCHA, 2017)

Inicialmente, as exposições mundiais serviam para a divulgação do comércio e troca de mercadorias, atualmente essa parece não ser mais sua função. A partir do século XX, passa a predominar o entretenimento e a lógica encontrada dentro dos parques de diversões. Passando a ter algumas características predominantes que comprovam tal lógica: o caráter lúdico dos pavilhões, a valorização da experiência de rápida absorção e o entretenimento, base da indústria cultural. [Figura 43] (ROCHA, 2017)

“Podemos considerar, portanto, que o ponto de contato entre as exposições mundiais e a construção do imaginário arquitetônico se manifesta sob a lógica dos parques de diversão, onde a representação torna-se chave de leitura, abrindo espaço para a imagem como língua (no âmbito da comunicação) e como linguagem arquitetônica.” (ROCHA, 2017)



Figura 42: Palácio de Cristal. Fonte: ROCHA, 2017.



Figura 43: Pavilhão brasileiro, Studio Arthur Casas, Atelier Marko Brajovic, Expo 2015. Fonte: ROCHA, 2018.

3.2.2 Referências

Espetáculo Luz e Som Jesuíta

Na cidade de São Miguel das Missões – RS existem remanescentes arquitetônicos do antigo povoado jesuítico guarani de São Miguel. Conhecidos como “ruínas de São Miguel”, foram tombadas como Patrimônio Cultural Mundial pela UNESCO em 1983, e formam o Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo, onde, toda noite ocorre a apresentação do Espetáculo de Som e Luz. O sítio conta com diversos elementos arquitetônicos e históricos do período das missões jesuíticas, como um Cemitério, uma Casa das Mulheres, o Museu das Missões, projetado por Lúcio Costa e construído em 1940, entre outros. (RIBEIRO, 2016)

A atração, dura aproximadamente 1 hora, consiste em jogo de luzes que iluminam a Catedral e outros elementos do cenário do Sítio Arqueológico, como árvores e o campo, [Figuras 44 e 45] onde indígenas e padres caminharam no passado. Além de luzes, o espetáculo conta com diálogos entre personagens que fizeram parte da história de São Miguel, explorando outros sentidos além da Luz, dessa vez o Som, como o indígena Sepé Tiaraju, jesuítas e representantes de Portugal e Espanha que estavam na disputa pelos Sete Povos, naquele momento. (RIBEIRO, 2016)

O Espetáculo conta com dois personagens principais: a Terra e a Ruína, personificadas. As duas são fundamentais para o “Som e Luz”, e são elas que narram os fatos ocorridos em São Miguel, conforme suas visões, no passado, e assim, começa o espetáculo. (RIBEIRO, 2016)

“A partir da iniciativa da Ruína, a Terra, caracterizada como mãe do gentio guarani, convence-se de que é importante narrarem aos visitantes a história ocorrida no século XVIII, pois, deste modo, estariam conseguindo uma retaliação por todo o sofrimento que viram os índios (indígenas) reduzidos, nas missões, sofrerem. Ao acreditarem que a revelação do que foi feito ao povo guarani e a identificação de quem foram culpados pela destruição dos povoados missionários, a Terra e a Ruína entendem que se vingariam de portugueses e espanhóis que articularam a troca dos Sete Povos pela Colônia do Sacramento, em 1750.” (RIBEIRO, 2016, p.8)



Figura 44: Espetáculo Som e Luz das Missões Jesuíticas vista do público. Fonte: <https://www.portaldasmissoes.com.br/site/view/id/412/espetaulo-de-som-e-luz.html> Acessado em 21 de maio de 2023



Figura 45: Espetáculo Som e Luz das Missões Jesuíticas por trás. Fonte: <https://www.portaldasmissoes.com.br/site/view/id/412/espetaulo-de-som-e-luz.html> Acessado em 21 de maio de 2023

3.2.2 Referências

Técnicas Construtivas Guarani-Kaiowá

As técnicas construtivas utilizadas no projeto serão todas indígenas, a fim de trazer a história da cultura para a própria edificação, e para os guaranis, a edificação é apenas uma "casca", como uma árvore, que possui uma camada externa, mas que é o mínimo da representação do todo, o que de fato trás a sustentação e vida a edificação é seu interior, esses povos se baseiam em suas experiências cosmológicas. (KUHL & SCHALLENBERGER, 2014)

Tradicionalmente, o povo Guarani se alocava apenas e locais que poderiam encontrar disponibilidade de alimentação, relevo e clima. Tinham costume de se deslocar com frequência, o que refletia nas edificações, que eram leves e de fácil construção. (KUHL & SCHALLENBERGER, 2014).

As edificações possuíam uma forma ogival característica, com as águas dos telhados indo até o chão, a casa grande Kaiowá possuía grande estabilidade estrutural, sendo resistente aos intempéries por vários anos (SCHADEN, 1962)

As técnicas Guarani-Kaiowás foram descritas por diversos autores, CHAMORRO, 2015, cita alguns e conclui que esses povos se organizavam de forma eficiente e, conforme descrito pelos autores, se assemelharia com as técnicas não indígenas. Sendo feitas de taquaras, palha, cipó e nas moradias menores utilizava-se a técnica de pau a pique. Podiam ter cumeeiras com até 5 metros de altura, as vigas, ripas e terças amarradas com cipó e a cobertura de folhas de palmeiras. Uma das principais edificações da cultura são as casas de reza [Figuras 46 e 47]. (CHAMORRO, 2015).

Sobre a parte estrutural, KUHL e SCHALLENBERGER as descrevem como:

"a parte estrutural da residência: são cravados no chão madeiras e galhos roliços ou troncos de palmeira na posição vertical, como se fossem colunas para sustentação das paredes; em seguida são afixadas as tesouras na parte superior da obra, com o mesmo material da parte inferior a fim de sustentar a cobertura" (KUHL e SCHALLENBERGER, 2014).

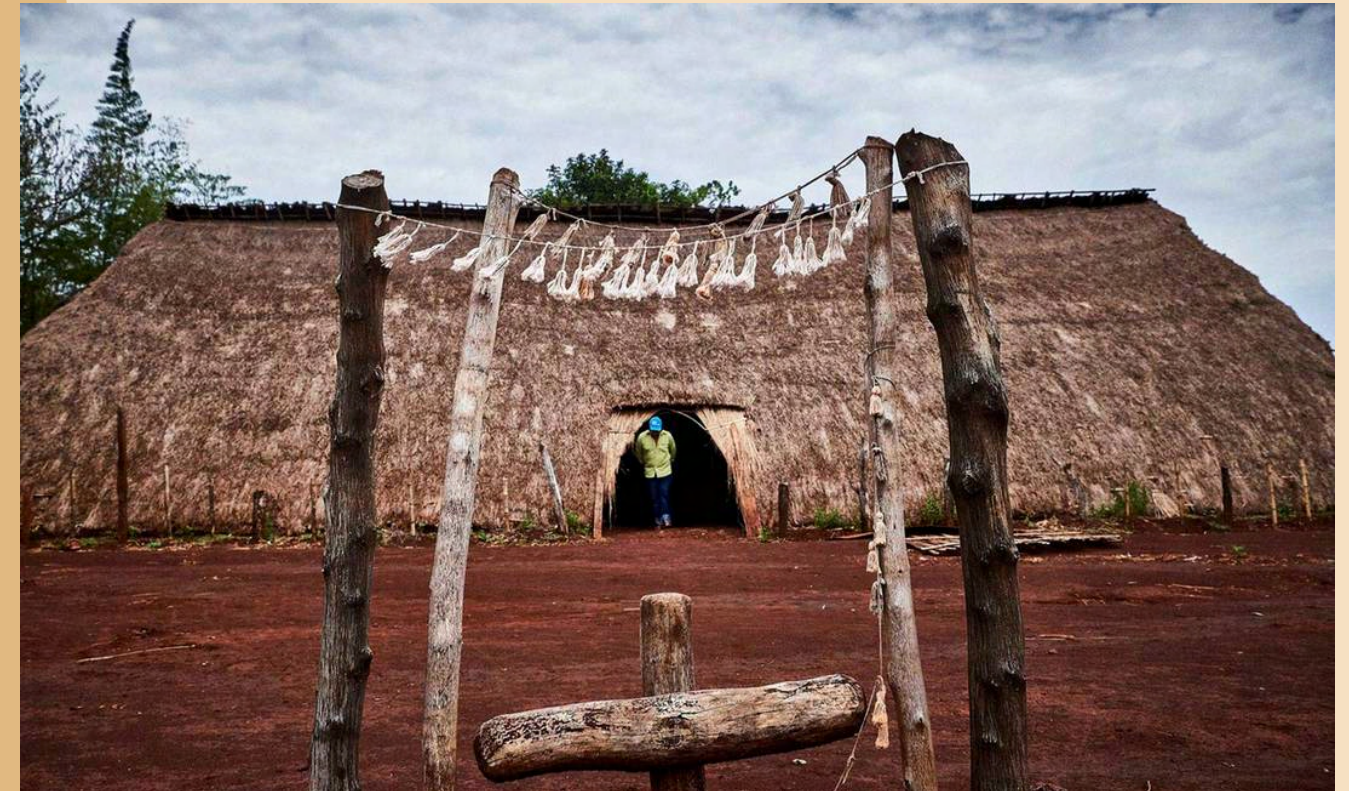


Figura 46: Casa de reza indígena Jaguapiré, em Tacuru, Mato Grosso do Sul. Fonte: <https://oglobo.globo.com/brasil>> Acessado em 06 de maio de 2023



Figura 47: Casa de reza Guarani-Kaiowá no Mato Grosso do Sul. Fonte: <https://harpia.mn.ufrj.br/tonico-benites/>> Acessado em 06 de maio de 2023

3.2.2 Referências

Walt Disney World - Simulador Soarin'

O mundo da Disney é muito mais que um parque de diversões, é um complexo que imerge seus visitantes em mundos, países em todos os sentidos. Muito mais do que montanhas russas e rodas gigantes, com shows de luzes e som, restaurantes, teatros, os brinquedos radicais e também, os simuladores. Alguns simuladores são capazes de te imergir em culturas e mundos totalmente diferentes, te levam para viajar através de sensações de voos, ou dentro de carros velozes que imitam animais, com muita informação e hiper-estímulos. Tudo isso, para que o espectador sempre refaça a atração, descobrindo coisas novas, sempre tenha algo que não foi percebido anteriormente.

Existem dois exemplos de simuladores a serem referenciados, primeiro: o Soarin' Around the World [Figura 48], uma atração de 2005 que encontra-se na sede do Epcot em Orlando, e a Shanghai Disneyland. Leva dezenas de pessoas em um voo de asa delta pelo mundo, pelas maravilhas naturais e construídas pelo homem. Na descrição do brinquedo no site oficial da Disney vemos a seguinte descrição:

“Triunfal para todas as sensações

Uma cúpula de projeção digital em IMAX de 180 graus e 80 pés, imagens aéreas espetaculares, aromas agradáveis e movimentos graciosos ampliam a agradável sensação de alcançar alturas incríveis.

Durante seu voo, você ouvirá a inspiradora trilha sonora, adaptada pelo compositor Bruce Broughton a partir da música original e inesquecível da atração, escrita pelo vencedor do Oscar Jerry Goldsmith.” [Figura 49]

A atração é super clássica, sua tecnologia foi a principal inspiração para o desenvolvimento da atração Avatar Flight of Passage.



Figura 48: retrato de um trecho do passeio na atração. Fonte: <https://viajandoparaorlando.com/>> Acessado em 10 de setembro de 2023



Figura 49: Acomodação dos visitantes em suas cadeiras antes do voo. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=2fjOp977sWM>> Acessado em 10 de setembro de 2023

3.2.2 Referências

Walt Disney World - Simulador Avatar

No parque Animal Kingdom, a temática de natureza aborda diversos universos, dentre eles, em 2018 foi inaugurado o universo da franquia Avatar: O mundo de Pandora [Figura 50]. Um mundo diferente do nosso, os Avatares são os seres que vivem e preservam o planeta, um mundo totalmente utópico e grandioso. No qual, a Disney se inspirou para criar o World of Pandora, uma área totalmente construída para transportar seus visitantes para Pandora, o mundo dos Avatar.

Nesse mundo foi criada a atração Avatar Flight of Passage, usando de referência a atração do Soarin', ela leva os visitantes em um voo em cima de um banshee, por todo o mundo de Pandora, a máquina que representa o animal conta com sons de respiração, movimentos na região que seria o torax do animal, e muitos outros elementos sensitivos, além dos movimentos mecanizados de voo [Figura 51].

A vista é linda, um mundo totalmente livre das ações humanas, com seres que se conectam com a natureza e a preservam. Mundo esse que, fora da atração, já foi apresentado ao espectador. As sensações dentro do simulador só tem impacto de verdade nas pessoas por que todas já foram inseridas naquele mundo dentro da área do parque, com restaurantes e até banheiros temáticos. A fila cria um processo de imersão tão importante quanto na atração, levando os visitantes por mais um pouco daquele mundo, das experiencias, e na história [Figuras 52 e 53].

Isso é imersão. Sem que o visitante perceba, já se sente dentro da história, e conectado com aquela ficção, que naquele momento se mostra fisicamente real. Por isso o mundo da disney é tão impactante, realmente faz o seus convidados viverem seus maiores sonhos.



Figura 50: Área externa do Mundo de Pandora. Fonte: Autoral



Figura 51: Acomodação do público na atração. Fonte: <https://insidethemagic.net/>



Figura 52: Elementos da fila da atração Pandora. Fonte: Autoral



Figura 53: Elementos da fila da atração Pandora. Fonte: Autoral



3.2 Partido Arquitetônico

Este Tópico aborda todas as decisões de projeto e de conceito tomadas para o desenvolvimento do CIHFI, suas materialidade e distribuição de espaços.

3.2.3 Partido Arquitetônico

O Centro de Interpretação Histórica do Forte Nossa Senhora dos Prazeres do Iguatemi tem como principal objetivo divulgar a história do Forte Iguatemi, por meio da imersão do público na história e cultura, utilizando de acervo bibliográfico, atividades interativas e propagação da cultura de contação de histórias, e disponibilizar conhecimento para que os jovens e adultos visitantes.

Além do foco na história do Forte, o Centro também trabalharia o viés indígena, com ênfase nos Guarani-Kaiowás, da Aldeia Paraguassu, proporcionando uma área de quiosques de feira-livre para comércio de artesanato e gastronomia indígena, abastecidos por uma horta no local, ofertando uma fonte econômica para a aldeia, apresentando para o público um pouco da cultura gastronômica e artística.

Sendo assim, o projeto utilizaria a arquitetura imersiva, de forma a retratar as técnicas construtivas indígenas, tendo como principal referência as Casas de Reza Guarani-Kaiowá, que de acordo com KUL e SCHALLENBERGER, 2014, podem ser consideradas como o eixo central da manutenção de suas tradições e ritos, juntamente com os que praticam tais ritos sagrados.

E pensando na durabilidade e resistência da edificação, os elementos possuiriam técnicas contemporâneas, criando fundações de sapata corrida em concreto, estrutura do telhado fixados com parafusos, e pinos de ferro, no lugar das amarrações com cipó. Todos os ambientes e detalhes serão caracterizados para representar as técnicas tradicionais, sem necessariamente utilizar esses materiais.

Ambientes como auditório e percurso imersivo, seriam vedados paredes externamente de tijolos de concreto e internamente com alvenaria comum, o pátio central da estrutura possuiria piso em cimento queimado. E a área de contação de histórias, funcionariam com banquetas acima de um piso feito em vidro, que permitiria a visualização de uma camada de terra batida real, afim de proporcionar a imersão das pessoas ao ambiente tradicional, mas sem o contato direto com a terra.

A cobertura, possuiria pilares e vigas de madeira laminadas, moldadas para reproduzirem as curvas da estrutura, com vedações e amarrações e toda a camada de cobertura feita com sapé e cipó sintéticos.

As principais referências são: as técnicas construtivas indígenas, como conceito, arquitetura de imersão das Exposições Mundiais, que imergiam o telespectador em uma realidade da qual ele não fazia parte. O Espetáculo de Luz e Som do Museu das Missões, que utilizam os sentidos da visão e audição para simular a sensação de estar vivendo a história que está sendo contada.

A intenção é que o público visitante tenha acesso ao ambiente que represente as aldeias, que permaneceriam preservadas e restritas, com o mínimo de interferência externa, que poderia conhecer a cultura fora da sua área de abrangência.

No caso do CIHFI, os visitantes entenderiam e se sentiriam dentro de uma casa de reza original, mas com uso museológico. E teriam uma experiência de imersão histórica ao participarem de um Show do Luz e Som do Iguatemi, que os levará por toda a história do Forte, em uma arquibancada à céu aberto e de tijolos de barro.

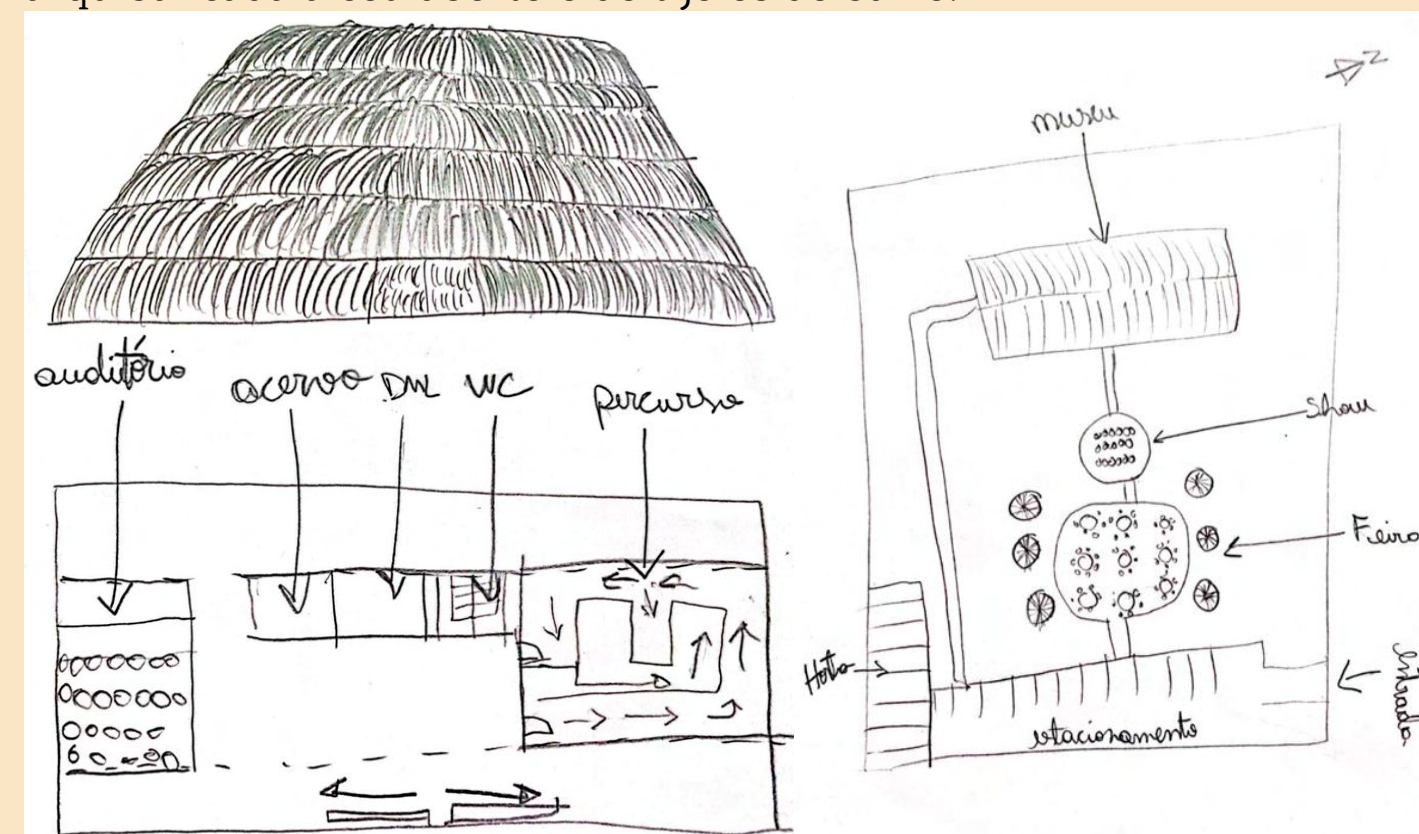


Figura 58: Primeiros Croquis pra Casa de Reza. Fonte: Autoral

3.2.3 Partido Arquitetônico

Parte do processo de imersão em uma cultura/história, está em fazer o público se sentir parte, pertencer, simulando de forma que transmita o mais próximo de uma realidade da cultura ou do período histórico retratado. Para o Centro, a técnica de imersão escolhida foi garantir que o visitante tenha o contato com o projeto por meio dos 5 sentidos físicos: Visão, Audição, Tato, Olfato e Paladar.

Cada área proposta foi pensada de forma a atender ao menos 2 delas. A feira cultural contará com venda gastronômica e artística indígena, que trabalhara com os sentidos: paladar e olfato, no quesito gastronômico e tato e visão para o quesito artístico. A casa de reza é, claramente, visão e tato, com a visualização em escala real de uma casa de reza, tanto externa quanto internamente, sendo possível de tocar e sentir sua estrutura que recria uma casa de reza real. Além das experiências internas, como exposição de maquete, banners, acervos, que permitirão que o visitante toque e observe com cuidado todo o acervo interativo oferecido. O Show de Luz e Som transportará o público ao período em que a história do forte ocorreu, por meio da visão, com projetores e iluminações, e audição, com a narração de toda a história que se quer contar.

Abaixo, a Figura 59, apresenta um diagrama de relação entre os ambientes e seus sentidos:

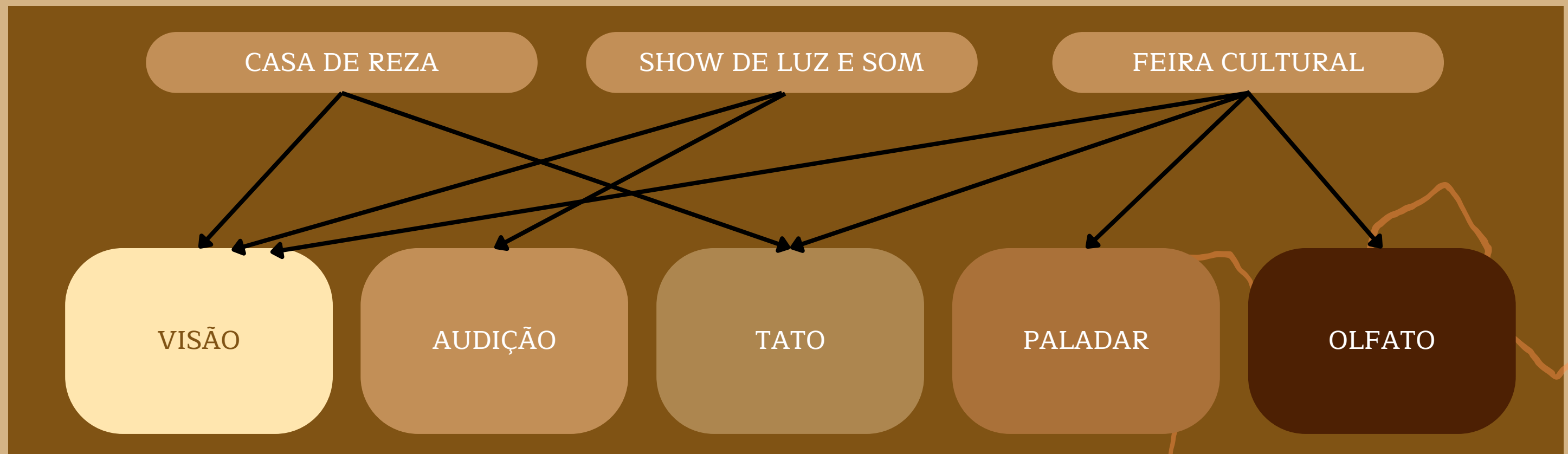


Figura 59: Diagrama Ambientes VS Sentidos. Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

3.2.4 Organograma

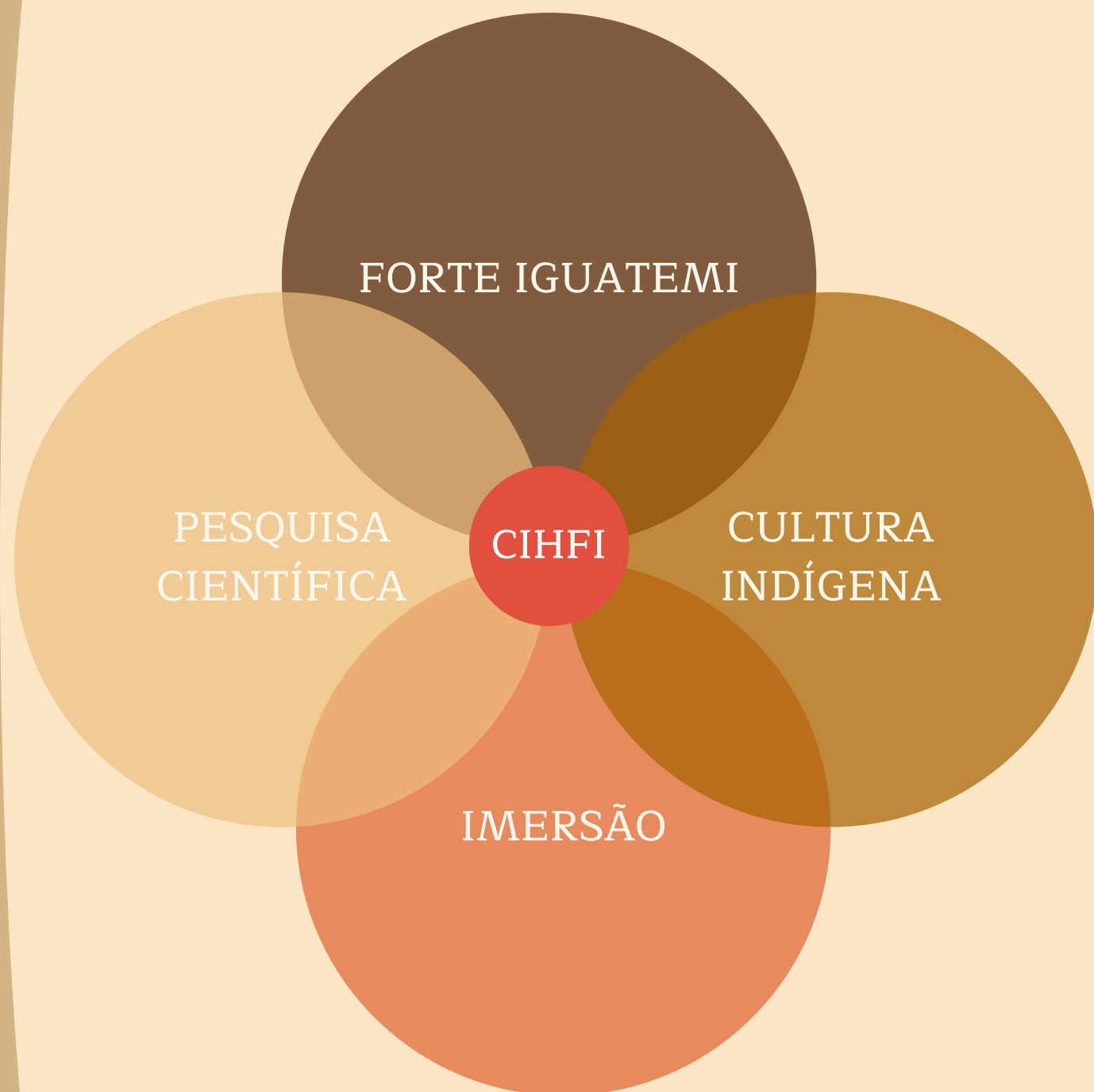


Figura 60: Organograma. Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

3.2.5 Fluxograma

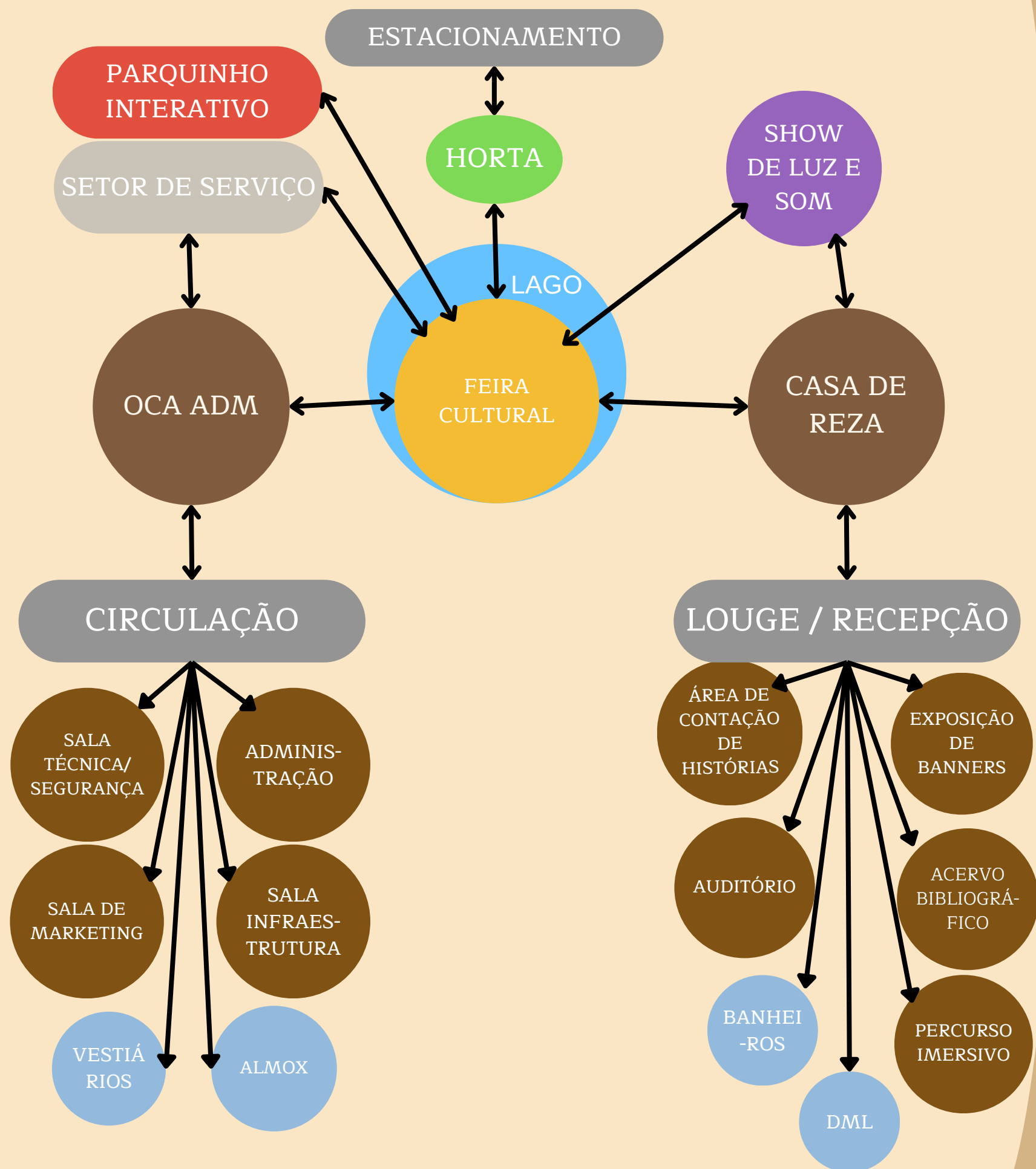


Figura 61: Fluxograma. Fonte: Elaborado pela autora, 2023.



3.3 Estudos Complementares

Este Tópico aborda todas as escolhas de projeto feitas para garantir que a edificação seja totalmente funcional, desde estruturas até medidas protetivas contra incêndio

3.3 Estudos Complementares

3.3.1 Proposta de Estrutura e Fundações

A materialidade escolhida para estruturação da edificação é dividida em duas: a madeira laminada [Figura 62], por ser passiva de curvar, e que, podendo ser projetada com diversas dimensões, seria a mais adequada para representar a madeira estrutural utilizada pelos indígenas nos pilares(ripas), caibros e tesouras, que compõe a cobertura; e a parede estrutural de tijolos de concreto [Figura 63], que servirá de ponto de apoio e descarga de tenção para os pilares e tesouras, como uma grande parede estrutural, contornando toda a área interna e delimitando o espaço das salas internas.

Para a vedação da cobertura foi escolhido utilizar a palha sintética da Palmex Brasil [Figura 64], por ter sido desenvolvida para ser reciclável, não inflamável e à prova d'água, evitando problemas com eventos climáticos e danificação por conta de pássaros, mofo e outros problemas associados à palha natural, mas também, por se tratar apenas de uma inspiração. A proposta não é copiar, e sim homenagear as técnicas indígenas [Figura 65], por isso, a melhor ideia era utilizar o sintético.

Por fim, sintetizando a estrutura principal [Figura 66], para a fundação, o método escolhido foi a sapata corrida [Figura 67], sendo base tanto da parede estrutural de concreto armado, quanto da cobertura, para os pilares de madeira laminada, garantindo duplo apoio, e permitindo que seja aberto um vão na parede estrutural, a fim de garantir um pátio interno amplo e confortável.



Figura 65: Estrutura de uma casa de reza em construção
Fonte: Autoral, 07 de junho de 2023

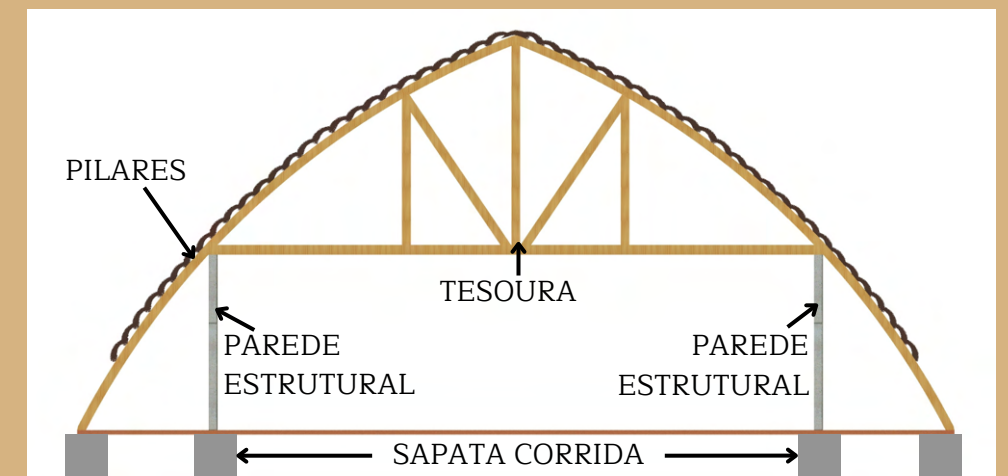


Figura 66: Sistema Estrutural da Edificação
Fonte: Autoral, 09 de Setembro de 2023



Figura 62: Viga curva em Madeira Laminada

Fonte:

<https://www.pinterest.es/pin/470978073524587468/>, 07 de junho de 2023



Figura 63: Parede Estrutural de Tijolos de Concreto

Fonte: <https://es.dreamstime.com/>, 07 de junho de 2023



Figura 64: Palha Sintética Palmex Brasil
Fonte:

<https://depositphotos.com/br/stock-photography.html>, 07 de junho de 2023

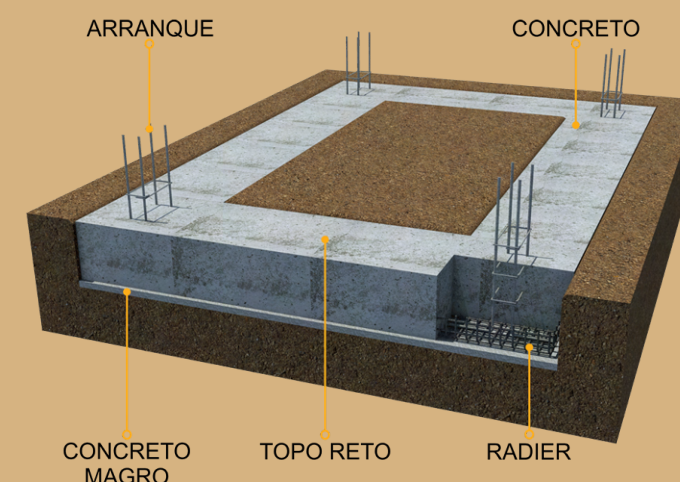


Figura 67: Sistema de fundação de Sapata Corrida
Fonte: Autoral, 07 de junho de 2023

3.3.2 Proposta Hidrossanitária

A proposta para o sistema hidráulico do CIHFI é ser sustentável e reaproveitada. Contaria com uma grande caixa d'água potável para o complexo, com a capacidade de X litros, calculados considerando a normativa para Cinemas, Teatros e Templos, conforme a **NBR 5626 - 2020** pois a mesma não possui um regulamento próprio para Museus. Durante os períodos de chuva, a principal alimentação de água viria da captação da mesma [Figura 68]. Com tanques suficientes para reabastecer as caixas d'água de chuva e proporcionar um sistema de água cinza, em que a água da chuva, utilizada nos banheiros e irrigações da horta, que posteriormente seriam captadas, tratadas e reutilizadas [Figura 69]. De maneira que todo o sistema hidráulico seja autossuficiente e diminua os custos com água para manutenção do complexo.

Consumo Diário = nº de lugares x 2L

Consumo Diário = 350 x 2L = 700L

Total para 2 dias sem abastecimento = 1.400L

Reserva Técnica de Incêndio = 15% = 105L

Consumo Total = 2xCD + RTI

Consumo Total = 1.505L

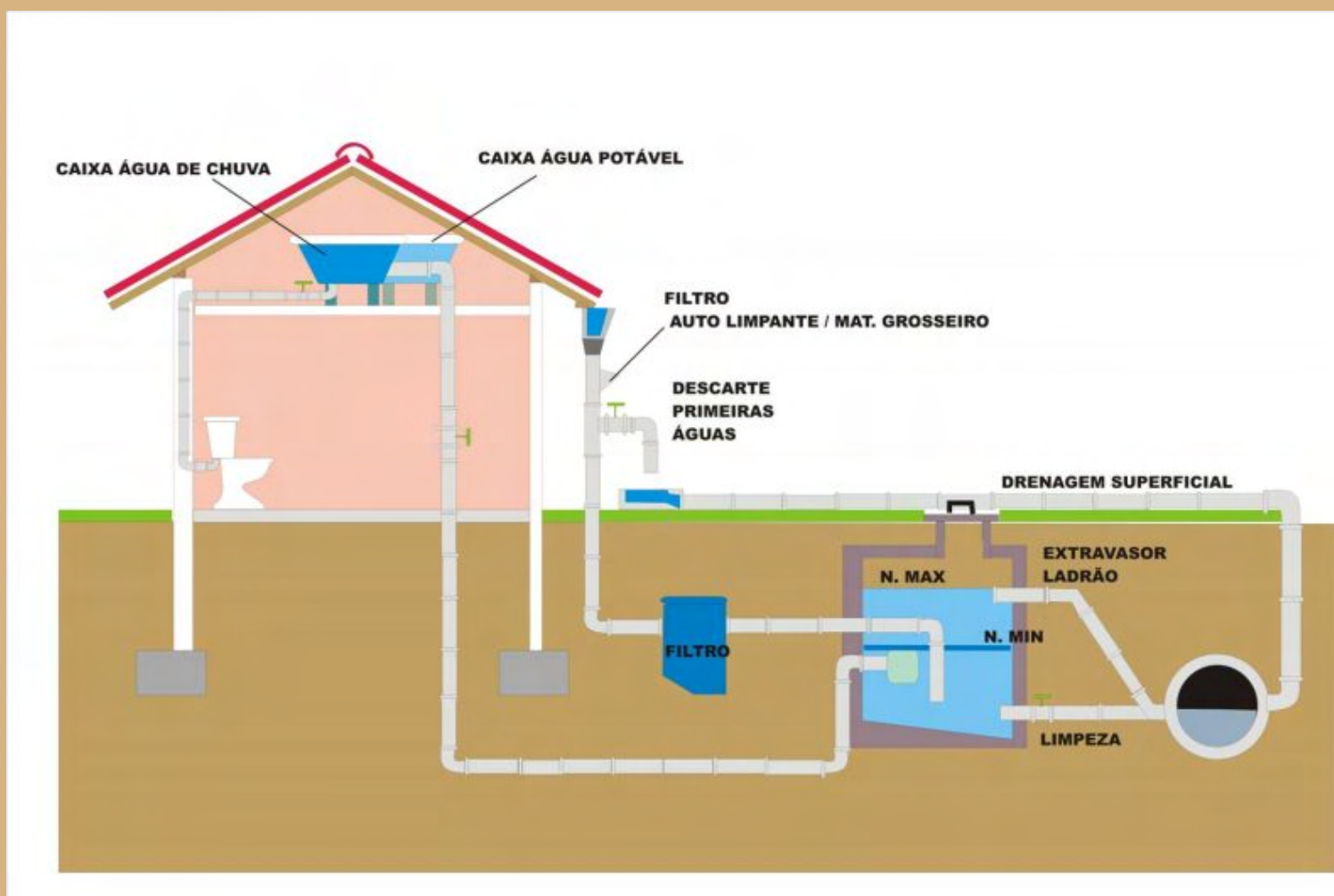


Figura 68: Sistema de captação de água pluvial

Fonte: <https://criasustentavel.blogspot.com/2010/10/reuso-de-agua-de-chuva-passo-passo.html>, 07 de junho de 2023

Funcionamento de um sistema de reuso de água cinza.

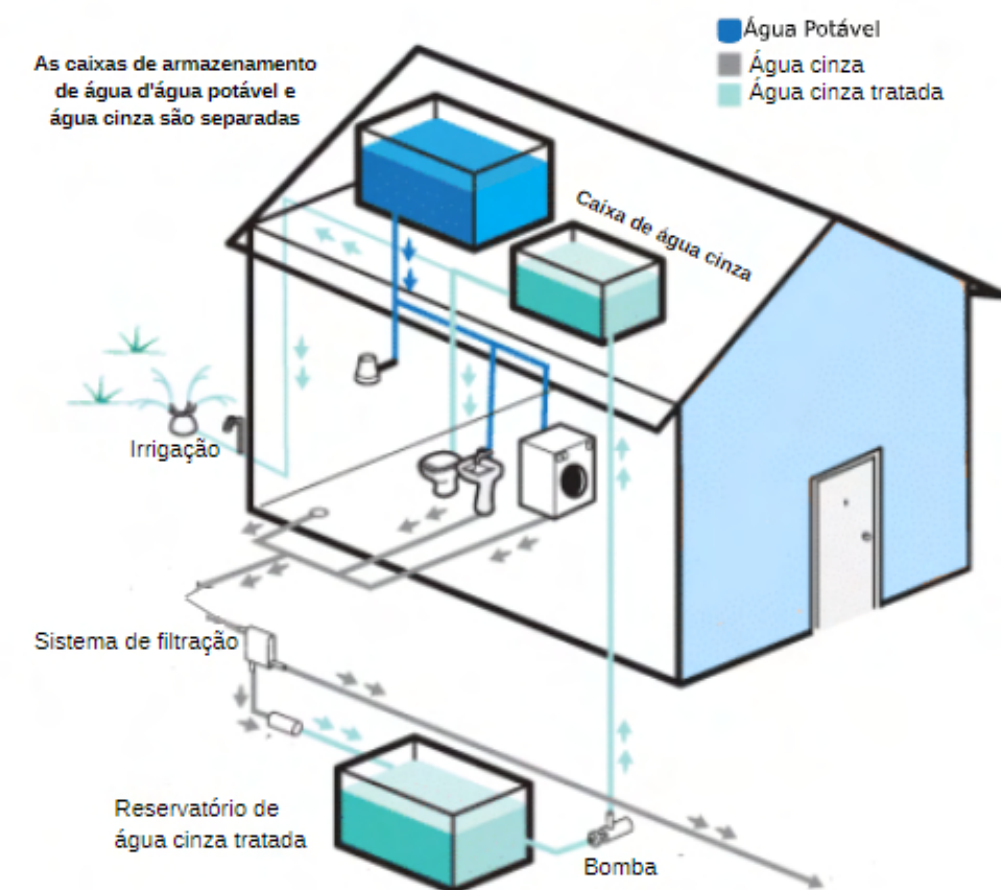


Figura 69: Sistema de reaproveitamento de água cinza

Fonte: <https://www.eosconsultores.com.br/agua-cinza-reutilizacao/>, 07 de junho de 2023

3.3.3 Instalações Elétricas e Eletrônicas

Como sempre pretendeu-se que o centro fosse autossuficiente e sustentável, o melhor método para geração de energia que se adaptaria ao projeto é a Energia Solar, através do sistema de painéis fotovoltaicos [Figura 70], que ao captarem a luz do sol, a convertem em energia elétrica. É uma das formas de obtenção de energia mais promissoras atualmente, apesar do custo elevado para sua instalação, em pouco tempo ela se paga, e passa a sustentar totalmente a energia da edificação que a implantar.

Suas vantagens estão no fato de que é uma fonte renovável e inesgotável de energia, não é poluente e exigem pouca manutenção. Além de que, o alto custo para instalação vem sendo reduzido cada vez mais, e o principal é que é uma fonte de energia extremamente viável para lugares afastados e de difícil acesso, como no caso do centro, localizado a aproximadamente 30Km da região urbana de Paranhos.

A quantidade de painéis a serem utilizados seguirá uma relação de 10 painéis, de 98,2x195,4cm [Figura 71], para cada 400kWh mensais consumidos no complexo do CIHFI, no entanto, o nº exato de placas não será calculado, já que o consumo médio mensal do complexo a princípio não será calculado, mas para parâmetro de área ocupada pelos painéis, serão considerados 30 painéis, de maneira que mais de 1200kWh sejam atendidos independentemente do cálculo de consumo.



Figura 70: Painéis solares instalados. Fonte:

<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/energia-solar.htm>> Acessado em 06 de setembro de 2023

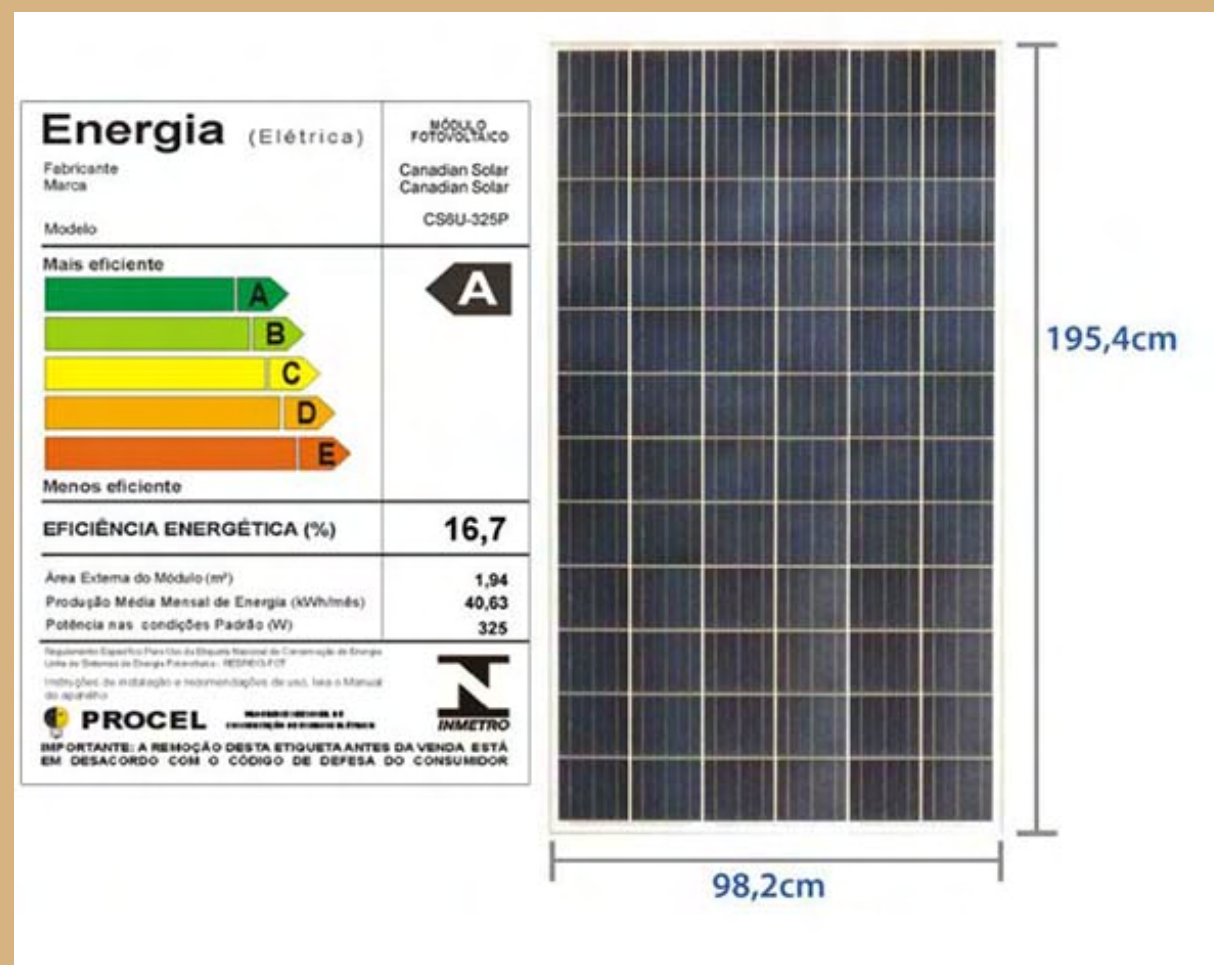


Figura 71: Painel solar de 98,2x195,4. Fonte: solarizar.com.br> Acessado em 06 de setembro de 2023

3.3.4 Proposta de Ventilação, exaustão e climatização

A ventilação cruzada é o fenômeno que ocorre sem a influência de nenhum sistema mecânico, dentro de um ambiente, pela ação do vento ou pela diferença de densidade de ar (através da variação de temperatura), e foi este o método principal escolhido para ventilação interna, através do espaçamento entre a parede interna estrutural e a cobertura, [Figura 72]. Dessa maneira, garante-se ventilação natural para o lounge principal, e as salas internas conseguem se ventilar com janelas voltadas para o lado da cobertura, sendo escondidas pela camada de palha da cobertura, mas acessando a ventilação na abertura abaixo [Figura 73].

Para ambientes cuja climatização precisa ser controlada, optou-se pela ventilação artificial, por motivos de controle de temperatura para preservação dos acervos, controle de ruídos entre outros. Estes ambientes são: o auditório e a sala principal de exposição imersiva. Com ar condicionados split cassete [Figura 74], fixados à laje desses ambientes, visando liberar espaço das paredes para focar em projeções e exposições. As máquinas serão pregadas às paredes estruturais, sendo cobertas pela cobertura, para fins de manutenção discreta, assim como as aberturas.



Figura 74: Ar Condicionado Split Cassete Inverter.
Fonte: <https://www.webcontinental.com.br/>

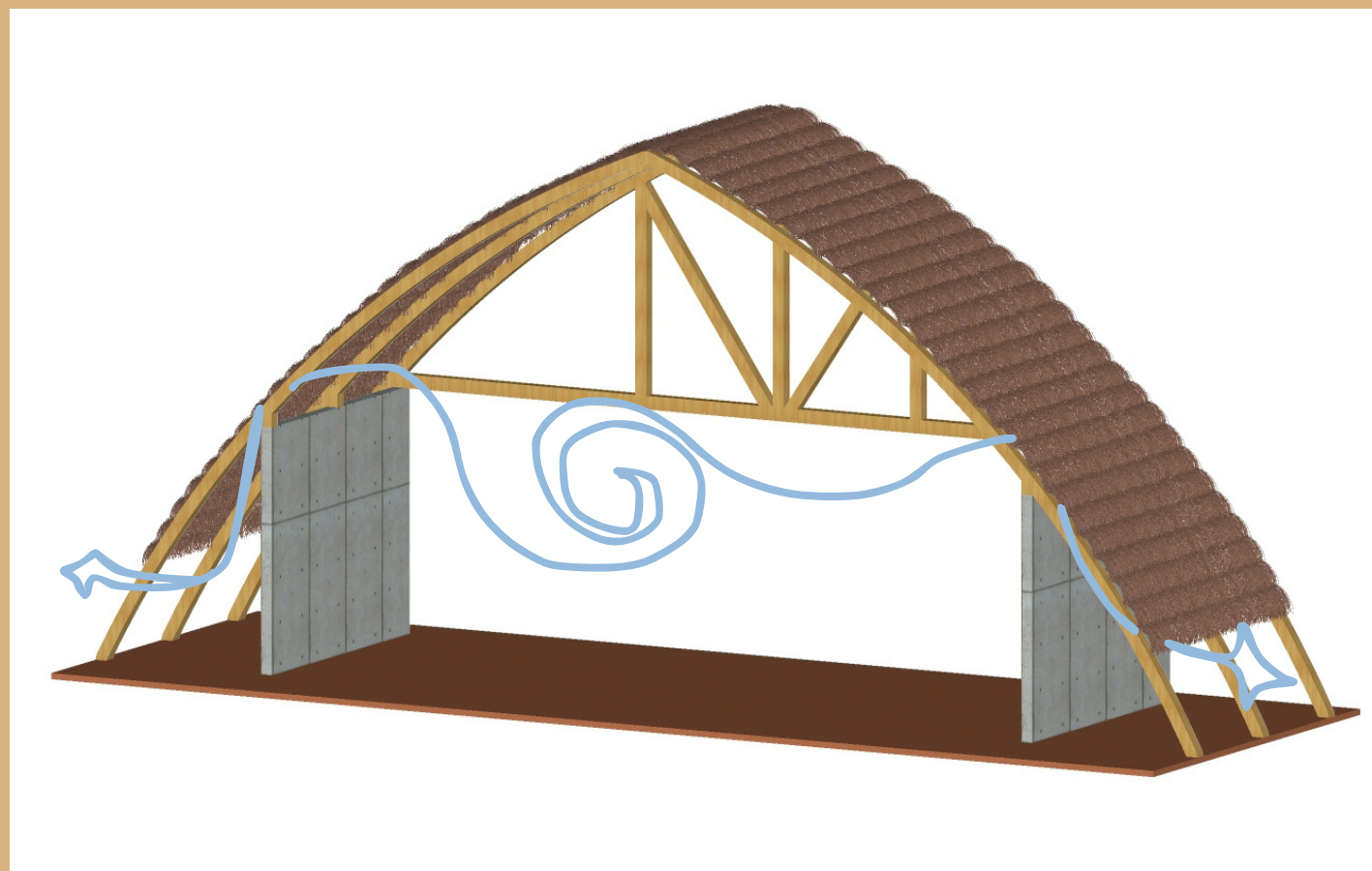


Figura 72: Trajetória da Ventilação pelo recorte da estrutura principal.
Fonte: Autoral, 09 de setembro de 2023

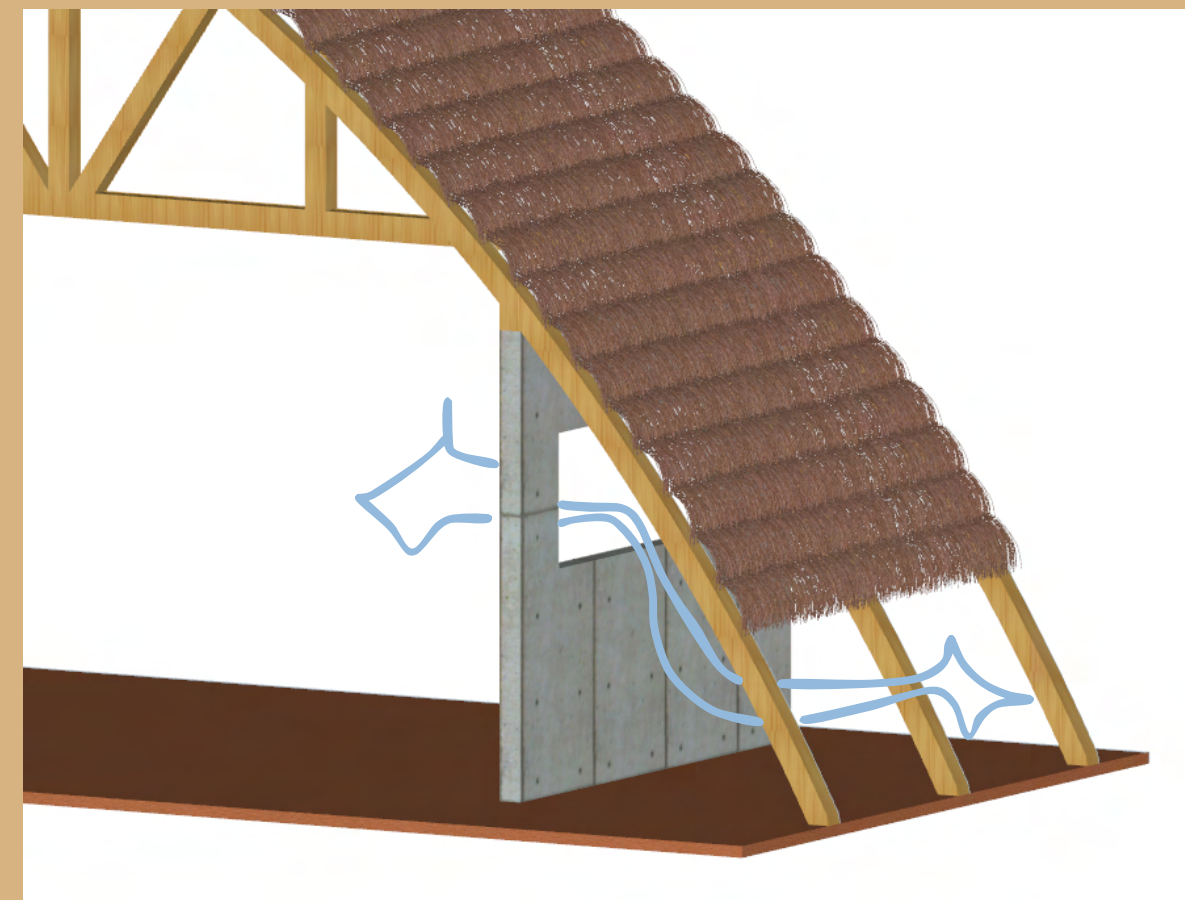


Figura 73: Simulação de abertura para ventilação dos ambientes internos. Fonte: Autoral, 09 de setembro de 2023

3.3.5 Luminotécnico

Faz-se necessário definir as intenções e resultados que se espera atingir ao trabalhar com a iluminação, se será natural ou artificial, como funcionará tanto interna quanto externamente ao museu, valorizando as áreas em destaque, como exposições e jardins, ou a própria fachada

Por ser um projeto técnico de iluminação artística, tem-se a necessidade de propor equipamentos específicos para destacar a exposição de maneira geral. Sendo assim, a variabilidade de métodos é benéfica para criar uma variedade de sensações, principalmente ao pensar em um centro de interpretação que leva o espectador por uma imersão da história.

É interessante trabalhar com iluminação pontual, lavada e iluminação de detalhes, para construir essa imersão através do direcionamento do que o visitante precisa focar. Para isso, é interessante aplicar um sistemas de iluminação embutida e de trilhos eletrificados, o qual a posição e direção dos feixes de luz possa ser mutável. Para essa tipologia de edificação é importante trabalhar com iluminação de baixo consumo e reprodução de cor, a não emissão de raios UV (ultravioleta) e IV (infravermelho) assim como a eficiência energética devem ser preocupações nesse projeto.

A principal referência para esta etapa é o IMS AV. PAULISTA. As iluminações dentro das salas de exposição do IMS são mutáveis, em trilhos [Figura 75], e trabalham com variados níveis de luz, além de um sistema de projeções que permite exposições digitais em um percurso totalmente imersivo [Figura 76], projetores em diversos ângulos e em diversas superfícies, criando sempre uma experiência nova a cada etapa da exposição. Neste caso, é uma exposição artística, no caso do centro, é uma imersão histórica, que contaria com a projeção de vídeos, de cartas e de simulações. Trazendo o espectador para dentro da história.



Figura 75: Trilhos de iluminação no IMS.
Fonte: Autoral, 07 de junho de 2023

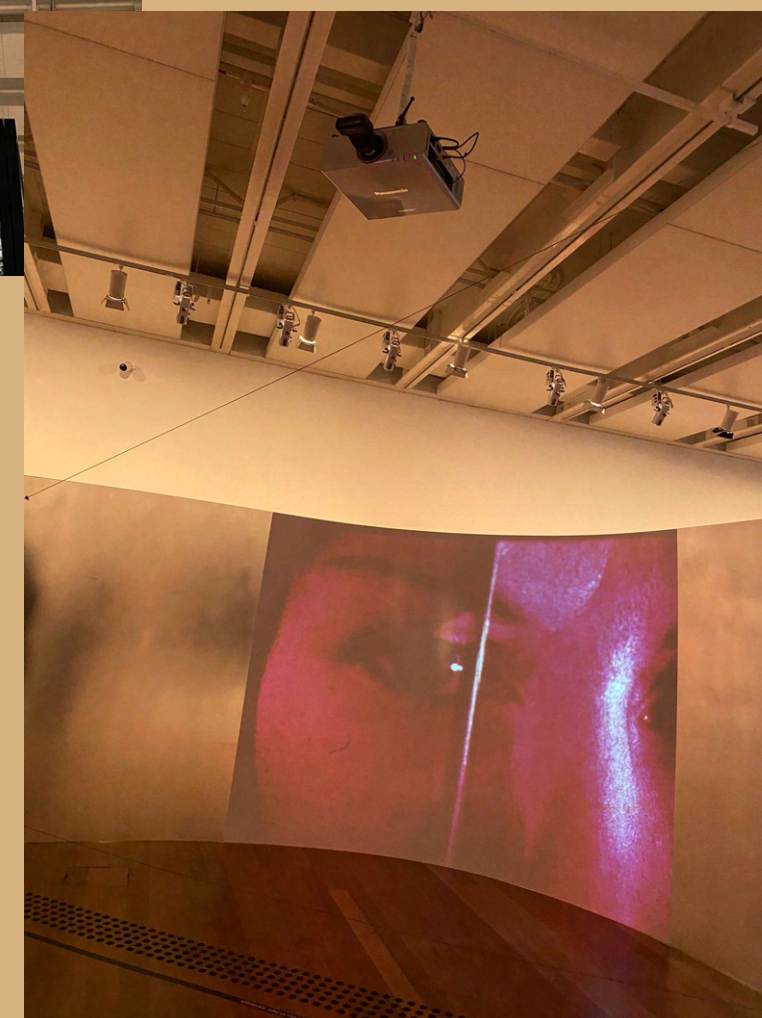


Figura 76: Projeção de arte no IMS.
Fonte: Autoral, 07 de junho de 2023

3.3.6 Paisagismo

O paisagismo será trabalhado baseado nos dois biomas predominantes do município de Paranhos: Cerrado e Mata Atlântica, priorizando espécies nativas, de ornamentação e sombreamento, além de uma seleção de espécies que se relacionem com a fauna local, servindo de alimento para pássaros, principalmente.

Espécies do Cerrado

Ornamentação

- Ipê amarelo (*Tabebuia alba*)
- Ipê Branco (*Tabebuia dura*)
- Ipê Rosa (*Tabebuia róseo*)
- Ipê Roxo (*Tabebuia avellanedae*)
- Jacarandá caroba (*Jacarandá cuspidifolia*)
- Pau Ferro (*Caesalpinia Ferrea*)

Frutíferas

- Goiaba (*Psidium guajava*)
- Pitanga (*Eugenia uniflora*)
- Acerola (*Malpighia emarginata*)

Sombreamento

- Sibipiruna (*Caesalpinia Pluviosa*)
- Guapuruvu (*Schizolobium parahyba*)
- Jatobá (*Hymenaea courbaril*)

Palmáceas

- Bocaiúva (*Acrocomia aculeata*)
- Buriti (*Mauritia flexuosa L. f.*)
- Carandá (*Copernicia australis*)

Arbustivas

- Primavera (*Bougainviela glabra S.*)
- Pingo de outro (*duranta erecta aurea*)
- Coqueiro de vênus (*cordyline fruti cosa*)

Herbáceas e Forrações

- Singônio (*syngonium angustatum*)
- Trapoeraba roxa (*tradescantia palida*)
- Agapanto Branco (*agapanthus proecox*)

Piso Vegetal

- Grama Esmeralda
- Grama São Carlos
- Grama Amendoim

Espécies da Mata Atlântica

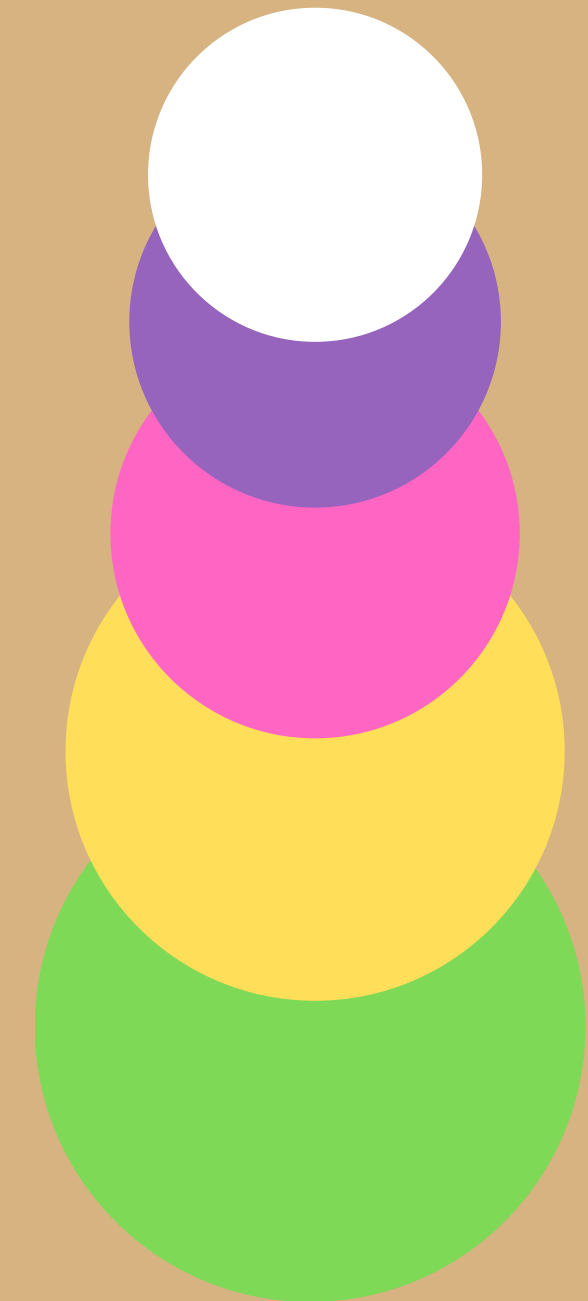
Ornamentação

- Mamica de Porca (*Zanthoxylum rhoifolium*)
- Urucum (*Bixa orellana*)
- Chuva de Ouro (*Lophantera lactescens*)

Frutíferas

- Jaboticaba sabará (*Plinia trunciflora*)
- Laranja de Macaco (*Posoqueira latifolia*)

CORES PREDOMINANTES



3.3.7 Comunicação Visual

A comunicação visual desejada pro complexo é baseada na cultura indígena, os prédios serão inspirados em grandes edificações da cultura, construídos de maneira contemporânea nas que homenageie a cultura nativa, O prédio principal é baseado nas grandes casas de reza Guarani-Kaiowá [Figura 77], o bloco administrativo nas grandes ocas redondas [Figura 78], a feira cultural contará com 4 quiosques circulares no mesmo estilo de ocas. Dessa maneira, a população visitante terá uma experiência imersiva em um ambiente que represente as aldeias, tudo isso, fora de um território indígena, colaborando com a preservação da cultura, desviando o foco dos curiosos que queiram visitar esses territórios protegidos.

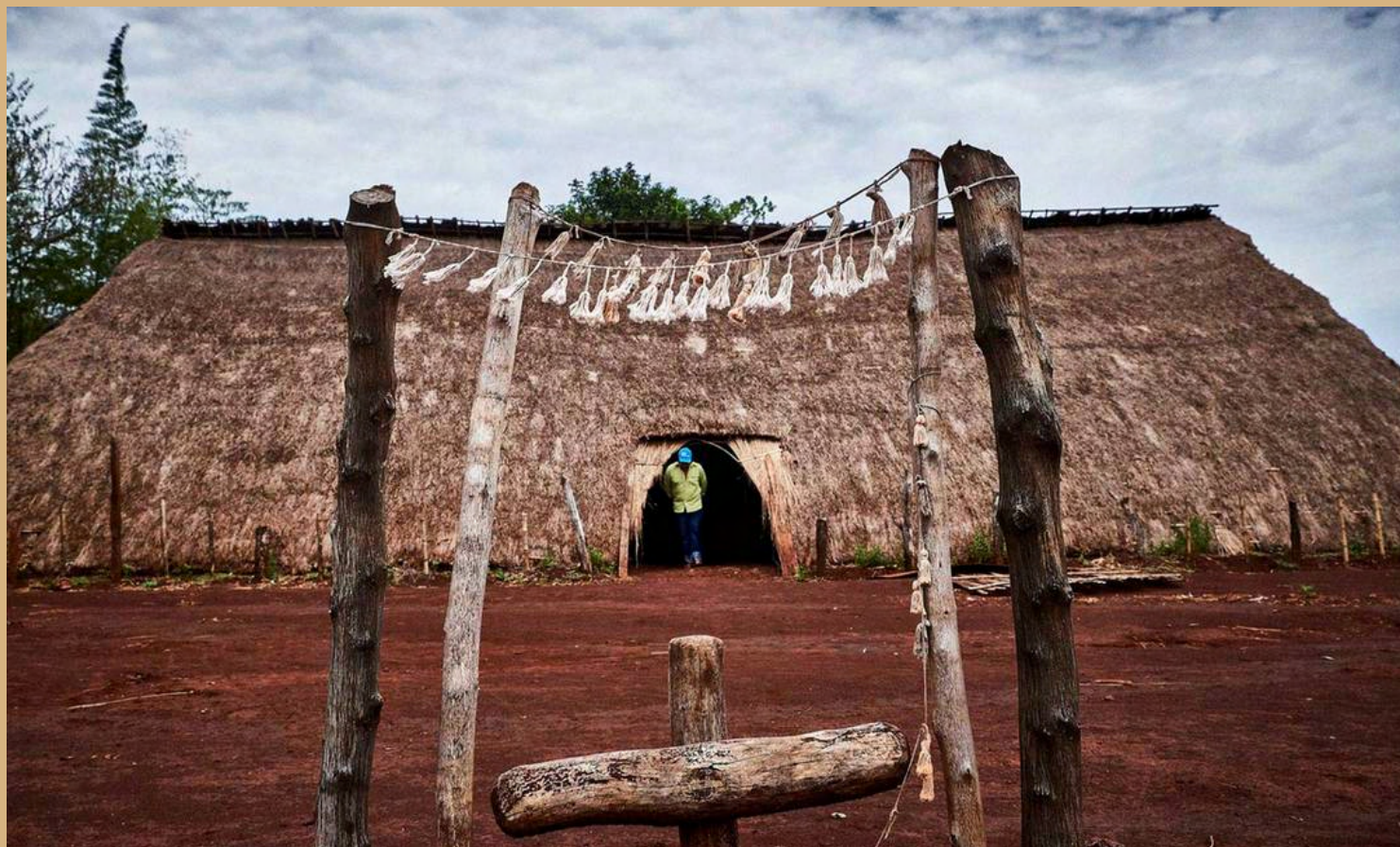


Figura 77: Casa de reza indígena Jaguapiré, em Tacuru, Mato Grosso do Sul. Fonte: <https://oglobo.globo.com/brasil>> Acessado em 06 de maio de 2023



Figura 78: Ocas indígenas brasileiras. Fonte: <https://toatentaimagem.blogspot.com/>> Acessado em 06 de maio de 2023

3.3.8 Acessibilidade Cultural

De acordo com a Lei no 11.904, de 14 de janeiro de 2009, um dos princípios fundamentais dos museus é “a universalidade do acesso, o respeito e a valorização à diversidade cultural” (inciso V do artigo 2º). Tal como no Art. 35º “Os museus caracterizar-se-ão pela acessibilidade universal dos diferentes públicos, na forma da legislação vigente.” Para viabilizar os princípios da acessibilidade e da inclusão social nos museus é necessário que o projeto desenvolva estratégias para renovação de parâmetros em uma expografia acessível, eliminando barreiras atitudinais, de comunicação e acesso à informação.

Novamente, a referência vem do Instituto Moreira Sales, ou IMS AV. PAULISTA. As exposições do IMS são todas temporárias, mas isso não impede que a acessibilidade do local não seja bem pensada. A maioria das obras possui ao menos fones de ouvido com descrição das imagens, e placas em braile, mas nas imagens mais relevantes, são expostas em impressões 3d, placas das imagens [Figuras 79, 80, 81 e 82], com profundidade e exatidão nas formas das figuras e dos elementos retratados, isso atrelado ao uso das descrições sonoras, colabora demais para o entendimento de público com cego ou baixa visão, por exemplo. Os ambientes são planos e espaçosos, permitindo o livre trânsito de pessoas, inclusive cadeirantes.

Todas essas soluções serão adaptadas e utilizadas dentro do CIHFI, de maneira que tanto externa quanto internamente, todo o complexo se enquadre nas normativas de acessibilidade universal. Também sempre trabalhando com base na NBR 9050, para as questões de acessibilidade gerais da edificação, como o uso de rampas, faixas de acessibilidade em áreas de pisos intertravados, e banheiros PCD.



Figura 79: Placas de arte no IMS.
Fonte: Autoral, 07 de junho de 2023



Figura 80: Placas de arte no IMS.
Fonte: Autoral, 07 de junho de 2023



Figura 81: Placas de arte no IMS.
Fonte: Autoral, 07 de junho de 2023



Figura 82: Placas de arte no IMS.
Fonte: Autoral, 07 de junho de 2023

3.3.9 Prevenção e Combate contra Incêndio

A prevenção e combate contra incêndio de uma edificação começa na materialidade. Por isso, foram escolhidos materiais não inflamáveis, ou com alta resistência contra fogo, como a palha sintética não inflamável e as paredes em tijolos de concreto, por ser um material com alta resistência. Mas também na madeira laminada que possui tratamento para ter alta resistência à chamas, o que garante a sustentação da cobertura mesmo no caso de incêndios.

Além disso, as normas também visam prevenir além do incêndio, o pânico e os riscos gerados pelas chamas. Por isso, conforme a **LEI nº4335 de 10 de abril de 2013**, a edificação contará com todas as medidas protetivas cabíveis segundo o Art. 15º. Dentre eles, pretende-se focar em alguns pontos principais, como na preparação dos funcionários como brigada de incêndio, nos sistemas de sinalização [Figura 83], controle de fumaça [Figura 84] e reserva técnica de água. Dentre eles:

- “VI - saídas de emergência;
- VIII - controle de fumaça;
- IX - gerenciamento de risco de incêndio;
- X - brigada de incêndio;
- XII - iluminação de emergência;
- XIII - detecção automática de incêndio;
- XIV - alarme de incêndio;
- XV - sinalização de emergência;
- XVI - extintores;
- XVII - hidrante e mangotinhos;
- XVIII - chuveiros automáticos; (...)”

Por se tratar de um museu, o sistema de sprinklers seria o principal controle indicial, porém, sabe-se que a água pode ser afetar alguns acervos expostos. Por isso, deve-se pensar na possibilidade de um sistema de combate por CO2. Onde a redução de oxigênio no ambiente auxilia no controle do fogo. No entanto, tal método só é recomendado para ambientes sem trânsito de pessoas, como cabines de pintura, salas de máquinas entre outros. Sabendo que pode ser acionado automaticamente ou manualmente. Para o caso do CIHFI, optaria-se pela opção manual, cujo objetivo seria acioná-lo apenas após a evacuação total do prédio. Visando preservar o acervo apenas após garantir segurança aos visitantes.



Figura 83: Placas de sinalização de equipamentos e de rota de fuga.

Fonte: <https://terencioextintores.com.br/> >10 de setembro de 2023



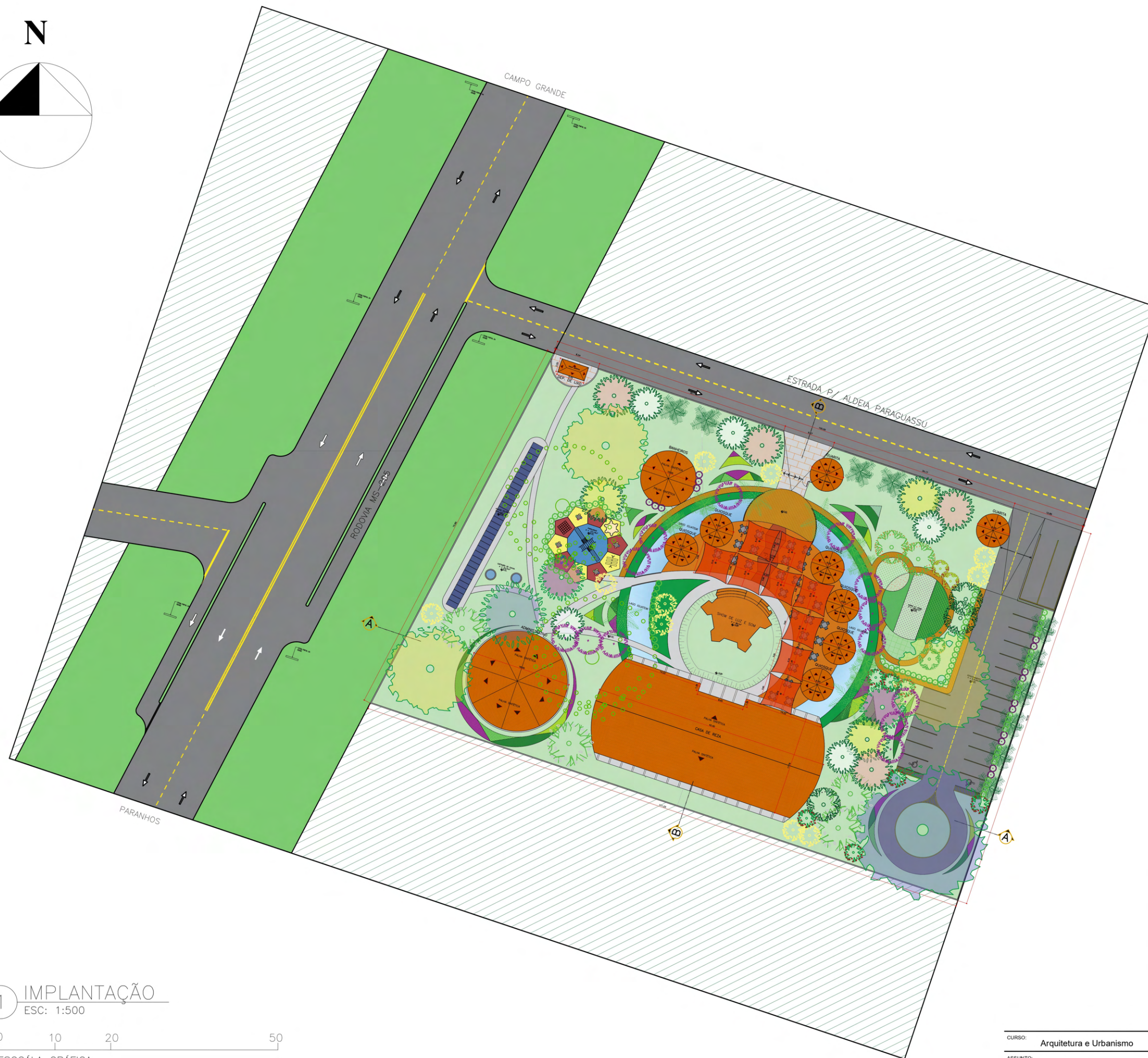
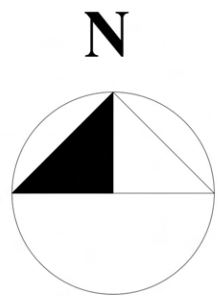
Figura 84: Paramentos de proteção contra incêndio .

Fonte: <https://www.helpmanut.com/> > 10 de setembro de 2023



3.4 O Projeto

Pranchas técnicas.



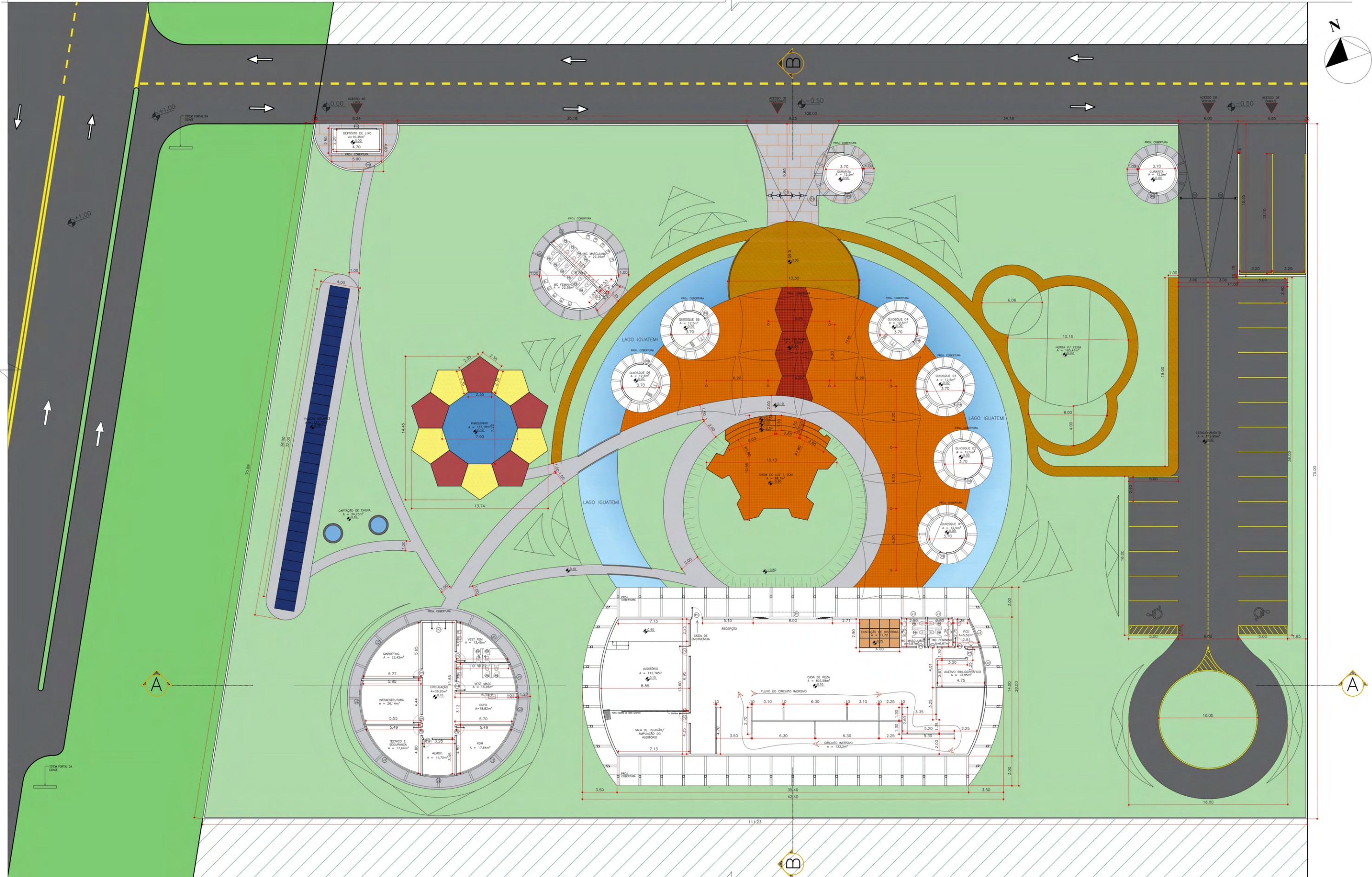
QUADRO DE ÁREAS	
AMBIENTE	ÁREA (m ²)
CASA DE REZA	803,58
AUDITÓRIO	112,76
CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	11,72
WC MASCULINO	6,87
WC FEMININO	6,87
WC PCD	5,52
ACERVO BIBLIOGRÁFICO	13,85
CIRCUITO IMERSIVO	133,3
SHOW DE LUZ E SOM	88,7
FEIRA CULTURAL	350,00
QUIOSQUES DA FEIRA	12,50
GUARITAS	12,50
PARQUINHO	137,18
CIRCULAÇÃO ADM	38,20
VEST. MASCULINO	15,95
VEST. FEMININO	13,45
COPA	18,82
SALA ADM	17,64
SALA DE MARKETING	22,42
SALA INFRAESTRUTURA	26,14
SALA TÉCNICA/SEGURANÇA	17,64
ALMOXARIFADO	11,70
WC MASCULINO EXT.	22,35
WC FEMININO EXT.	22,35
CAPTAÇÃO DE CHUVA	34,75
PLACAS SOLARES	137,73
DEPÓSITO DE LIXO	10,35
HORTA PARA FEIRA	165,41
ESTACIONAMENTO	879,95

ÁREAS GERAIS		
ÁREA TOTAL DO TERRENO	7.393,00m ²	100%
ÁREA CONSTRUIDA	1.375,2847m ²	18,60%
ÁREA PERMEÁVEL	3.666,8755m ²	49,60%
ÁREA IMPERMEÁVEL	3.726,1245m ²	50,40%
TAXA DE OCUPAÇÃO		18,60%

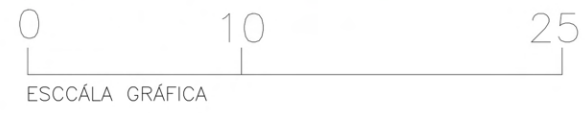
1 IMPLANTAÇÃO
ESC: 1:500



CURSO:	Arquitetura e Urbanismo	DISCIPLINA:	TCC
ASSUNTO:	IMPLANTAÇÃO	FOLHA:	1/10
ALUNO:	Gabriela Palacio Lopes	DATA:	05/12/2023
		ESCALA:	INDICADA



2 PLANTA TÉCNICA
ESC: 1:250



QUADRO DE PORTAS					
ITEM	LARGURA	ALTURA	MATERIAL	QTD.	AMBIENTE
P1	8.00	2.50	ALUMÍNIO PRETO/ VIDRO	01	CORRER - 8 FOLHAS CASA DE REZA
P2	1.00	2.10	MADERA	02	GIRO AUDITÓRIO
P3	1.00	1.00	VIDRO	01	GIRO - PCD ENTRADA DO CIFI
P4	0.90	2.10	MADERA	05	GIRO - PARA BANHEIROS BANHEIROS COM MÚLTIPLOS CABINES E BANHEIROS PCD
P5	0.80	2.10	MADERA	08	GIRO SALAS ADM, BPC E ACESSO MECANIZADO/ CASA DE REZA
P6	0.60	2.10	ALUMÍNIO BRANCO	18	GIRO - PARA CABINE WC CABINES DOS BANHEIROS
P7	1.50	2.10	MADERA	01	GIRO - 2 FOLHAS PRÉDIO ADM
P8	0.60	1.00	MADERA	08	GIRO PORTA PARA OS QUOSQUES
P9	1.20	2.10	ALUMÍNIO PRETO	18	GIRO PORTÃO P/O DEPOSITO DE LIXO
P10	4.10	2.10	ALUMÍNIO PRETO	01	CORRER 2 FOLHAS PORTÃO DEPOSITO DE LIXO

QUADRO DE JANELAS						
ITEM	LARGURA	ALTURA	PEITORIL	MATERIAL	QTD.	AMBIENTE
J1	X	1.00	1.80	ALUMÍNIO PRETO/ VIDRO	01	JANELA EM FITA MÁXIM-AR BANHEIROS E SALAS
J2	X	1.00	1.10	ALUMÍNIO PRETO/ VIDRO	01	JANELA EM FITA MÁXIM-AR BANHEIROS E SALAS

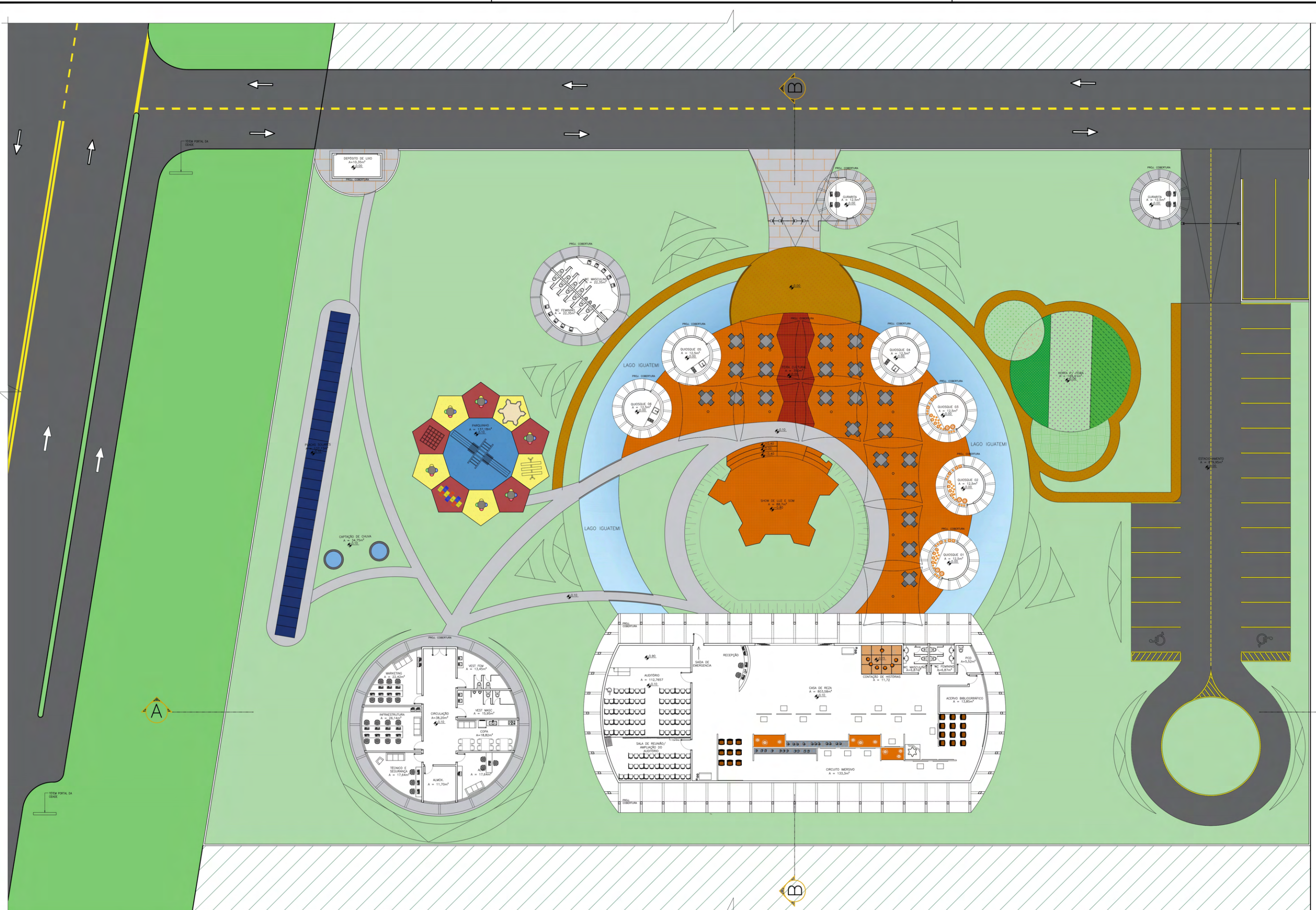
QUADRO DE CATRACAS E CANCELAS					
ITEM	LARGURA	ALTURA	MATERIAL	QTD.	AMBIENTE
C1	0.50	1.00	ALUMÍNIO	04	CATRACA PARA PEDESTRES CASA DE REZA
C2	3.00	1.00	ALUMÍNIO	02	CANCELAS PARA CARROS E MOTOS AUDITÓRIO

LEGENDA DE PISOS	
	Concreto polido
	Área Permeável
	Deck de madeira
	Piso de tijolo de barro tradicional
	Piso de tijolo de barro vermelho
	Asfalto
	Piso intertravado blocos de 1x2m
	Piso Emborrachado (cor primária)

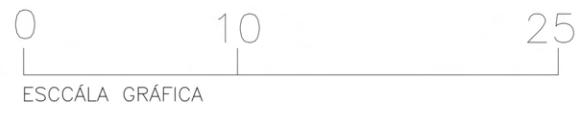
CURSO: Arquitetura e Urbanismo
ASSUNTO: PLANTA TÉCNICA
ALUNO: Gabriela Palacio Lopes

DATA: 05/12/2023

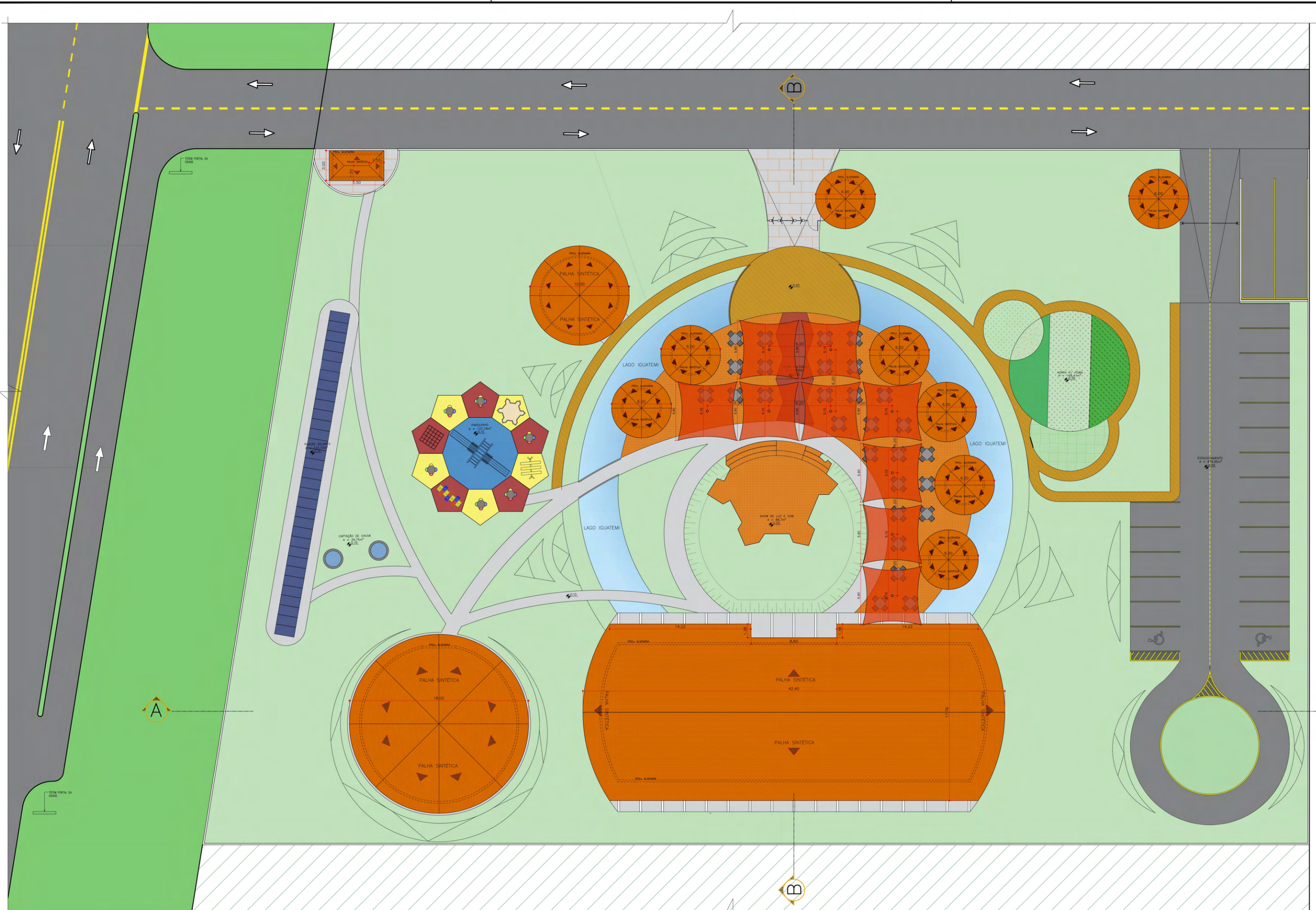
DISCIPLINA: TCC
FOLHA: 2/10
ESCALA: INDICADA



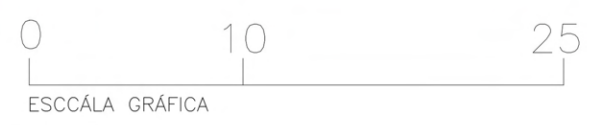
3 PLANTA LAYOUT
ESC: 1:250



CURSO:	Arquitetura e Urbanismo	DISCIPLINA:	TCC
ASSUNTO:	PLANTA LAYOUT	FOLHA:	3/10
ALUNO:	Gabriela Palacio Lopes	DATA:	05/12/2023
		ESCALA:	INDICADA



4 PLANTA DE COBERTURA
ESC: 1:250



CURSO:	Arquitetura e Urbanismo	DISCIPLINA:	TCC
ASSUNTO:	PLANTA COBERTURA	FOLHA:	4/10
ALUNO:	Gabriela Palacio Lopes	DATA:	05/12/2023
		ESCALA:	INDICADA

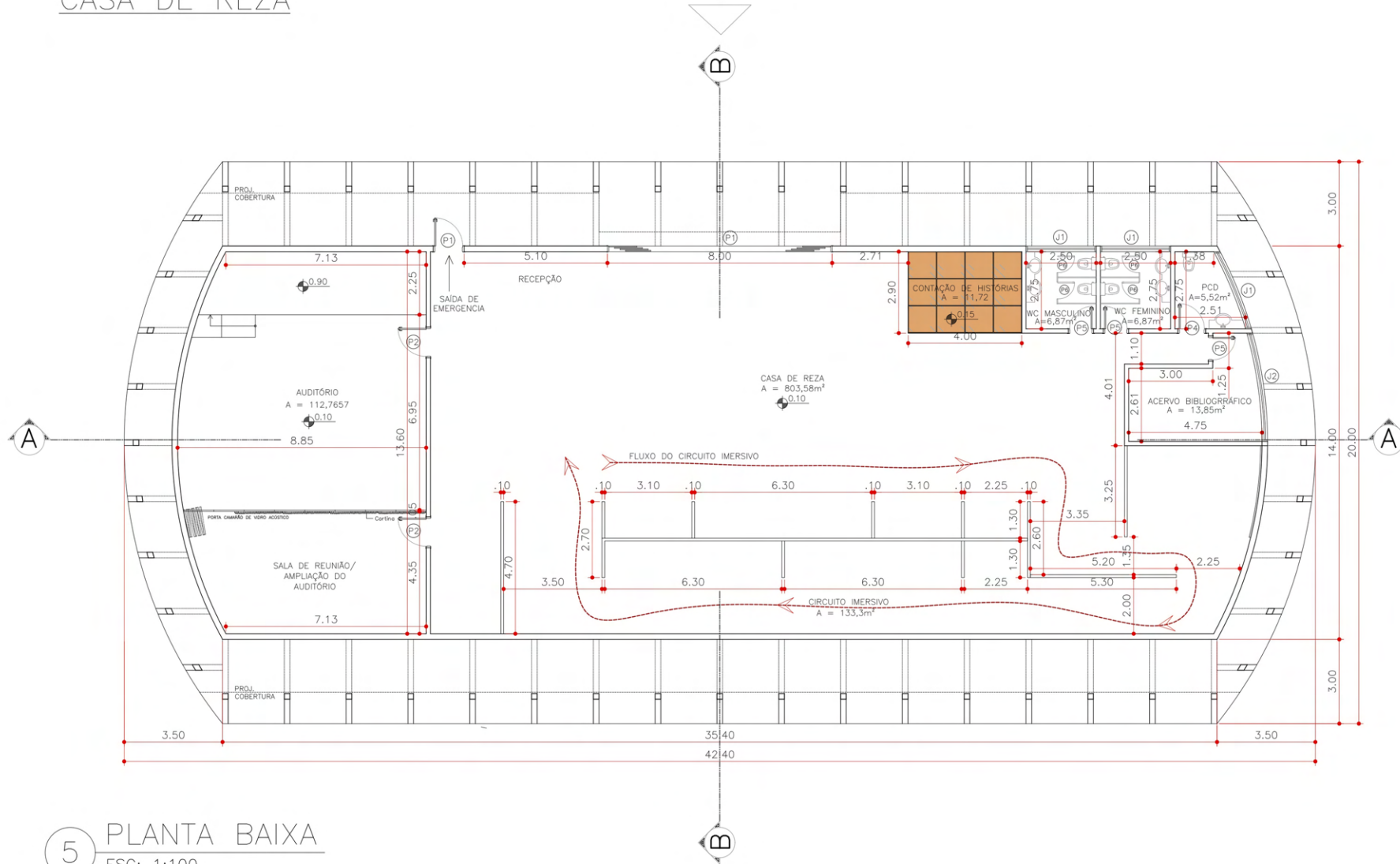


3.4 O Projeto

Detalhamentos.

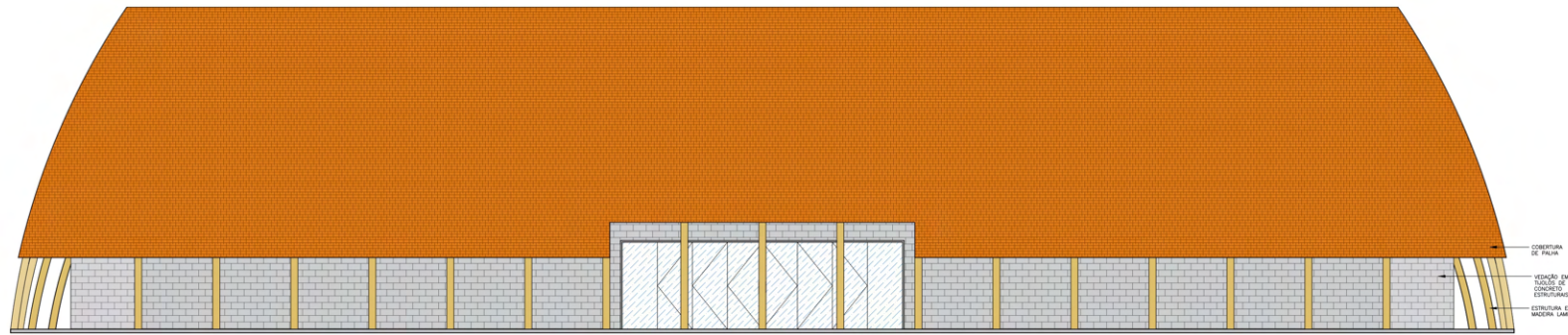
CASA DE REZA

FACHADA FRONTAL

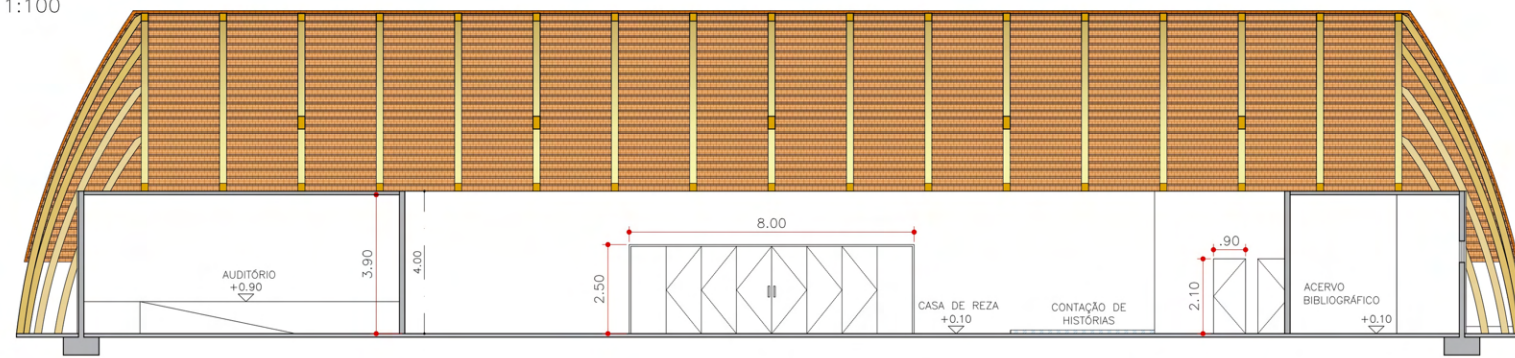


5 PLANTA BAIXA
ESC: 1:100

5 FACHADA
ESC: 1:100

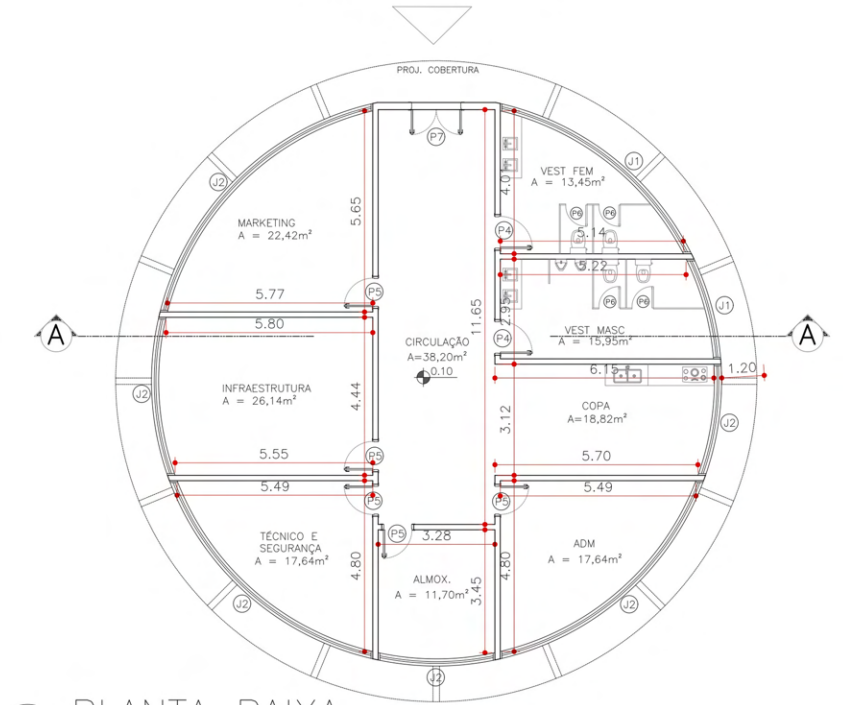


5 CORTE A
ESC: 1:100



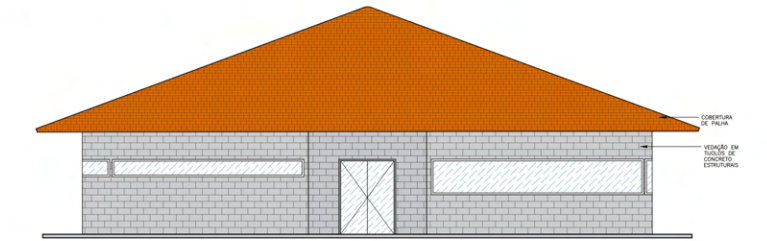
ADMINISTRATIVO

FACHADA FRONTAL

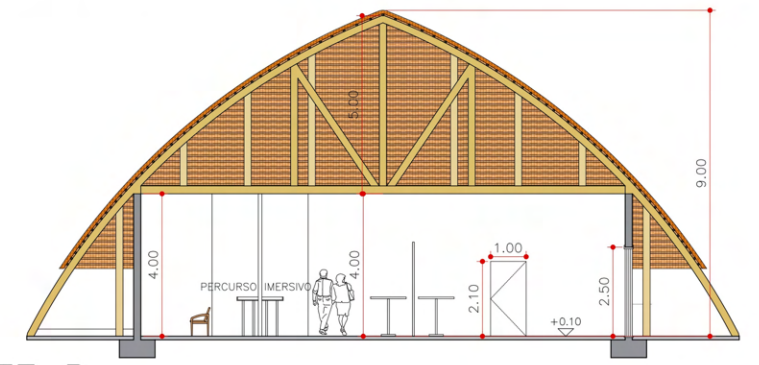


6 PLANTA BAIXA
ESC: 1:100

6 FACHADA
ESC: 1:100



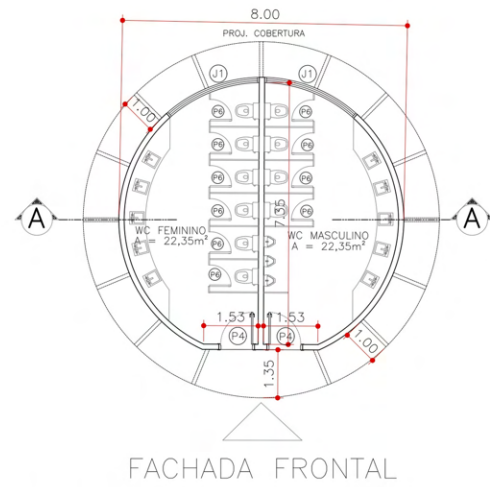
6 CORTE A
ESC: 1:100



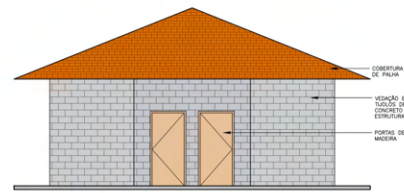
5 CORTE B
ESC: 1:100

CURSO:	Arquitetura e Urbanismo	DISCIPLINA:	TCC
ASSUNTO:	CORTES A e B	FOLHA:	5/10
ALUNO:	Gabriela Palacio Lopes	DATA:	05/12/2023
		ESCALA:	INDICADA

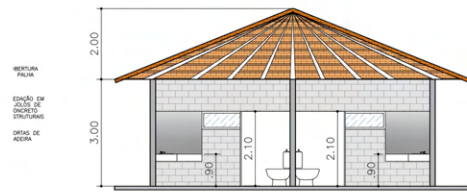
BANHEIROS EXTERNOS



7 PLANTA BAIXA
ESC: 1:100



7 FACHADA
ESC: 1:100

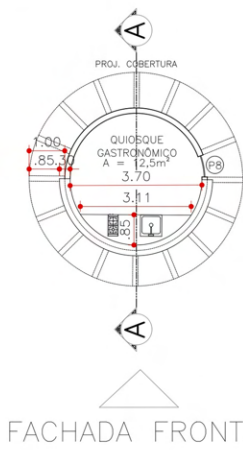


7 CORTE A
ESC: 1:100

TIPOS DE QUIOSQUES

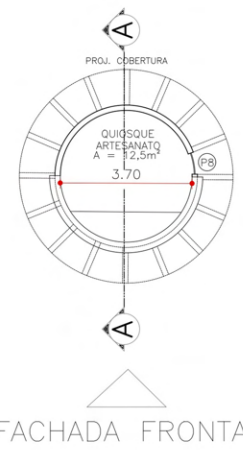
GASTRONÔMICO

ARTESANATO



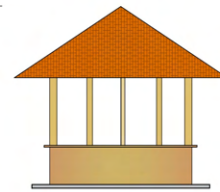
FACHADA FRONTAL

8 PLANTA BAIXA
ESC: 1:100

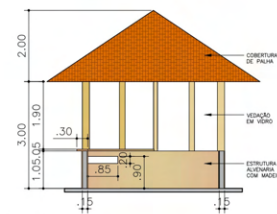


FACHADA FRONTAL

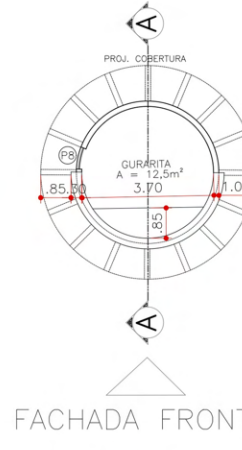
8 FACHADA
ESC: 1:100



8 CORTE A
ESC: 1:100



GUARITAS

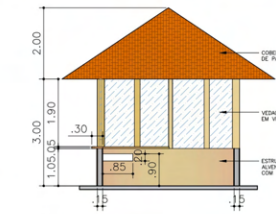


FACHADA FRONTAL

9 PLANTA BAIXA
ESC: 1:100

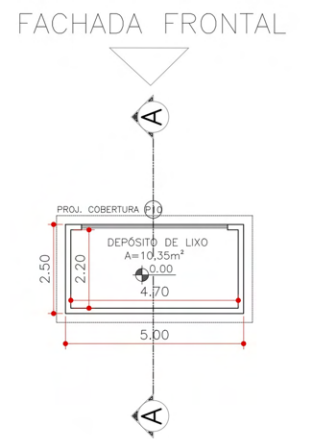


9 FACHADA
ESC: 1:100



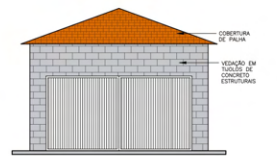
9 CORTE A
ESC: 1:100

DEPÓSITO DE LIXO

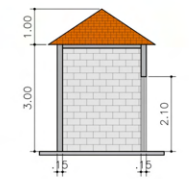


FACHADA FRONTAL

10 PLANTA BAIXA
ESC: 1:100



10 FACHADA
ESC: 1:100



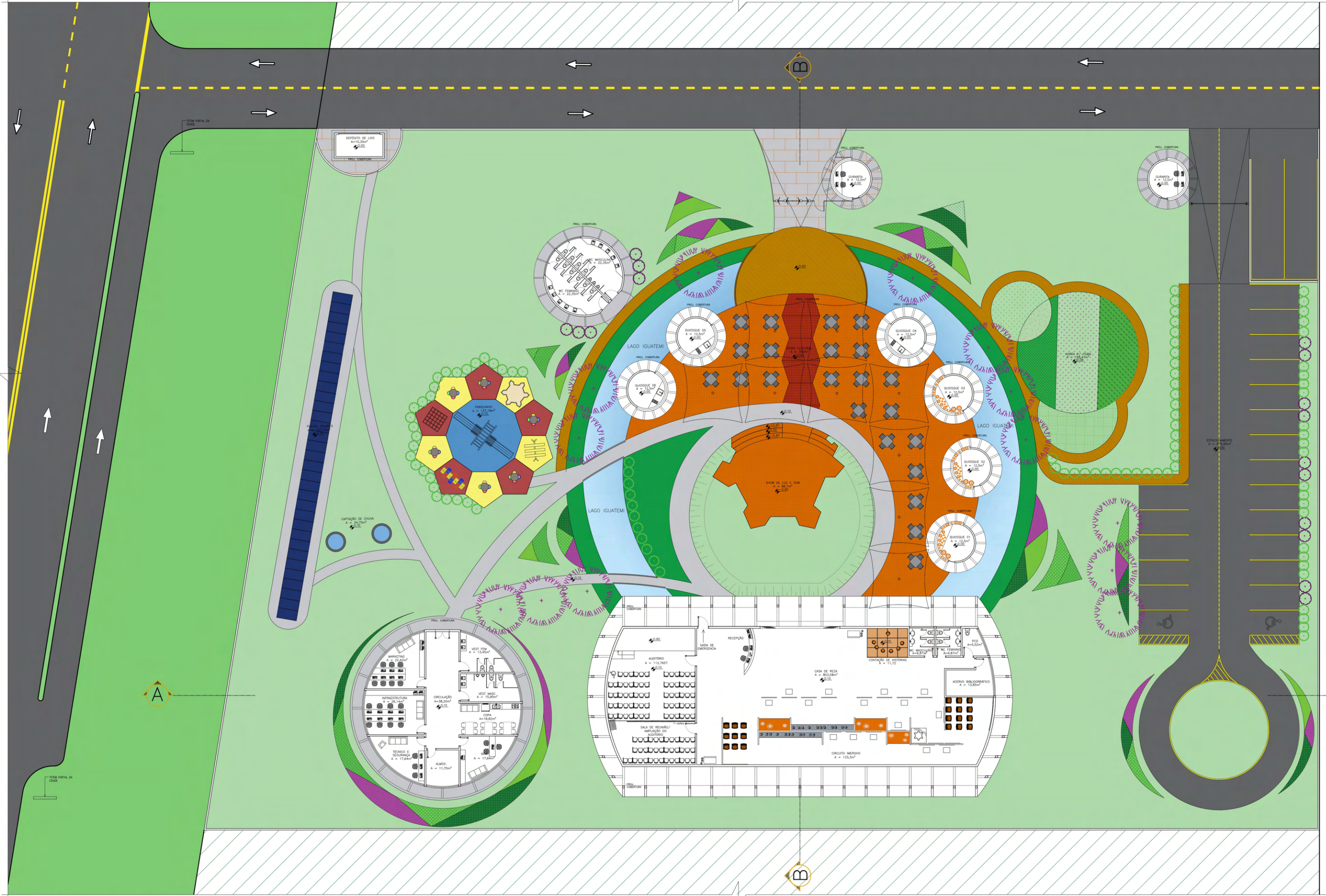
10 CORTE A
ESC: 1:100





3.4 O Projeto

Paisagismo.



11 PLANTA FORRAGEIRA E ARBUSTIVA



LEGENDA DE FORRAÇÕES

- Agapanto Azul
- Grama Esmeralda
- Agapanto Branco
- Grama Amendoim
- Singônio
- Grama São Carlos
- Trapoeraba Roxa

LEGENDA DE ARBUSTOS

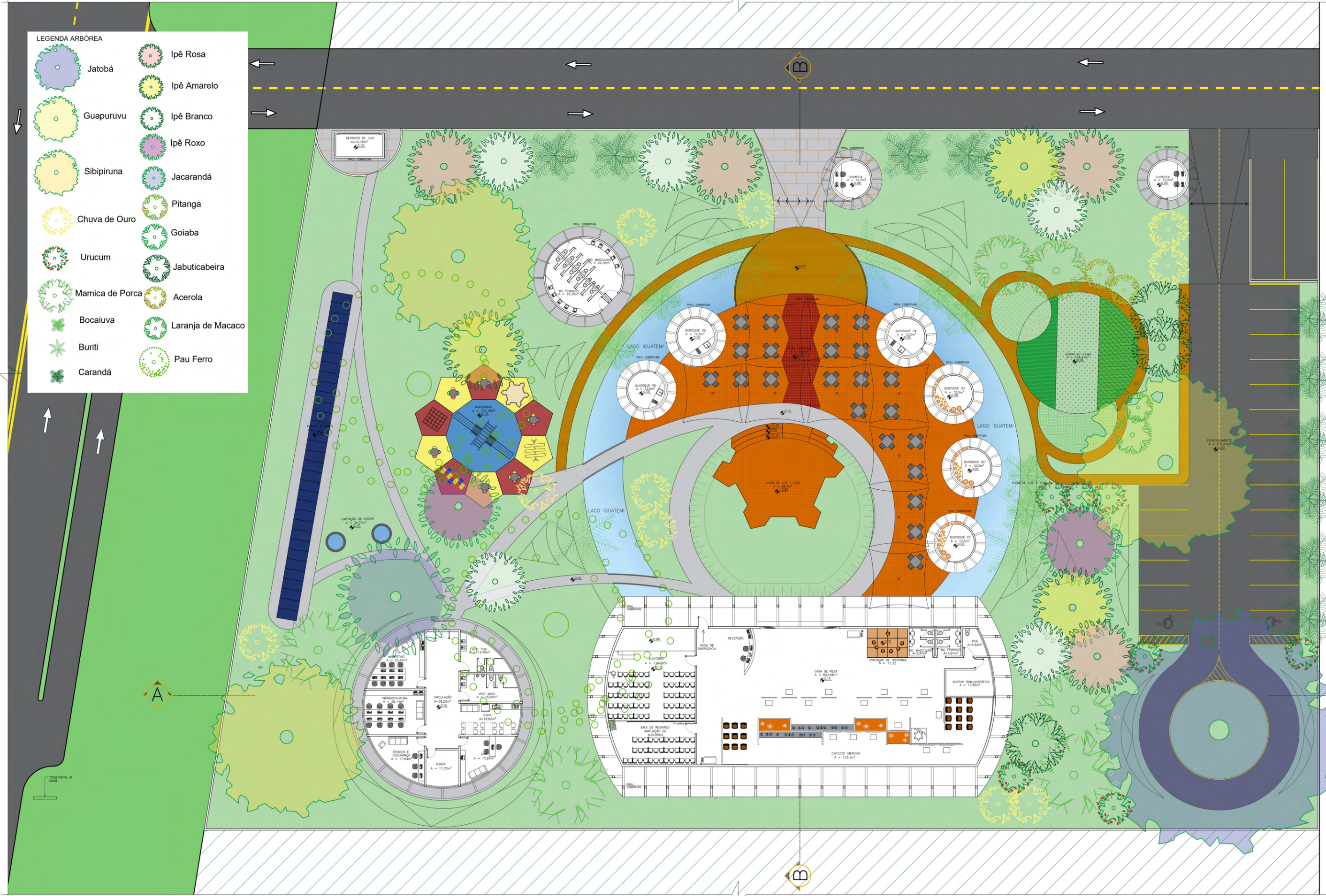
- Primavera
- Coqueiro de Vênus
- Pingo de Ouro

CURSO: Arquitetura e Urbanismo
 ASSUNTO: PLANTA FORRAGEIRA E ARBUSTIVA
 ALUNO: Gabriela Palacio Lopes

DATA: 05/12/2023

DISCIPLINA: TCC
 FOLHA: 7/10
 ESCALA: INDICADA

- LEGENDA ARBÓREA
- Jatobá
 - Ipê Rosa
 - Guapuruvu
 - Ipê Amarelo
 - Sibipiruna
 - Ipê Branco
 - Chuva de Ouro
 - Ipê Roxo
 - Urucum
 - Jacarandá
 - Mamica de Porca
 - Pitanga
 - Bocaiuva
 - Goiaba
 - Buriti
 - Jabuticabeira
 - Carandá
 - Acerola
 - Laranja de Macaco
 - Pau Ferro



12 PLANTA ARBÓREA
ESC: 1:250

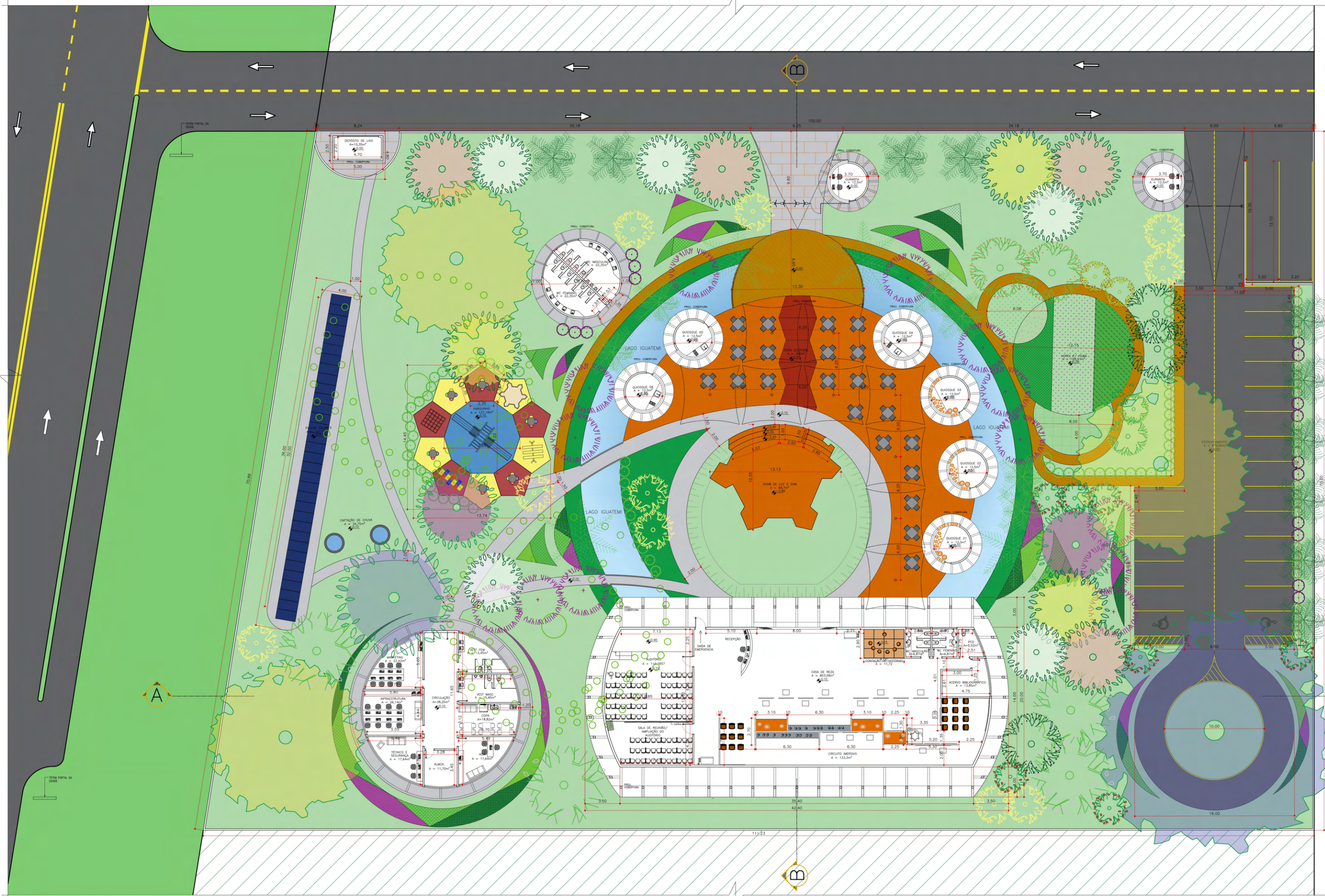


CURSO:	Arquitetura e Urbanismo	DISCIPLINA:	TCC
ASSUNTO:	PLANTA ARBÓREA	FOLHA:	8/10
ALUNO:	Gabriela Palacio Lopes	DATA:	05/12/2023
		ESCALA:	INDICADA

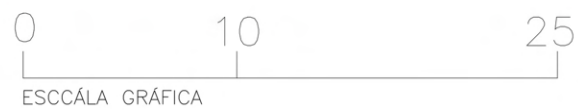


3.4 O Projeto

Síntese.



13 PLANTA SÍNTESE
ESC: 1:250



CURSO: Arquitetura e Urbanismo

DISCIPLINA: TCC

ASSUNTO: PLANTA SÍNTESE

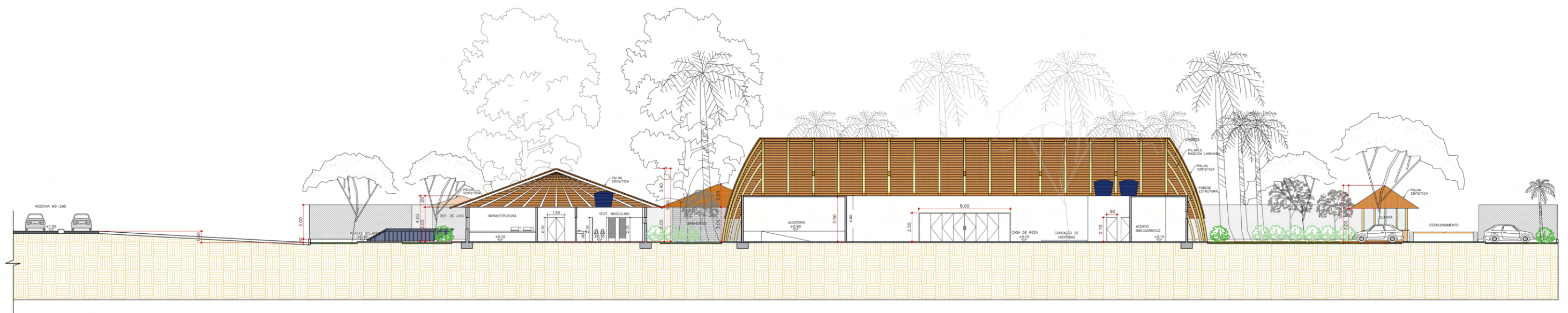
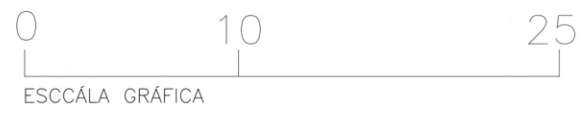
FOLHA: 9/10

ALUNO: Gabriela Palacio Lopes

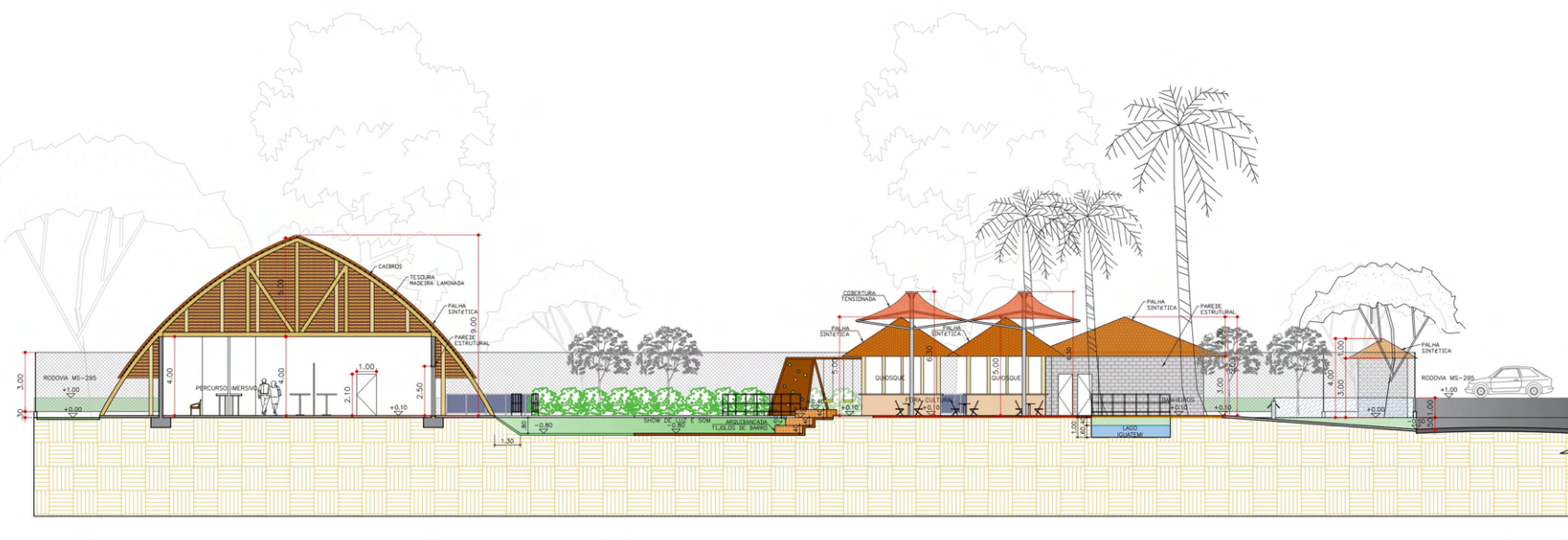
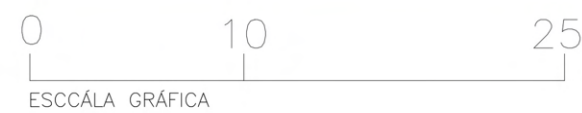
DATA: 05/12/2023

ESCALA: INDICADA

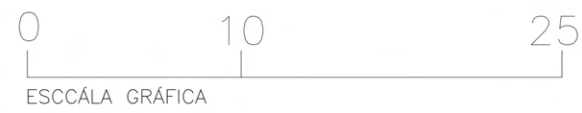
14 CORTE A
ESC: 1:250



15 CORTE B
ESC: 1:250



16 FACHADA FRONTAL
ESC: 1:250



CURSO:	Arquitetura e Urbanismo	DISCIPLINA:	TCC
ASSUNTO:	CORTES A e B e FACHADA PRINCIPAL	FOLHA:	10/10
ALUNO:	Gabriela Palacio Lopes	DATA:	05/12/2023
		ESCALA:	INDICADA

Perspectivas - Implantação



Perspectivas - Fachada Principal



Perspectivas - Vista da Rodovia (Drone)

Fonte: Voo de drone disponibilizado por Miriam Aparecida Gavilan Jara



Perspectivas - Vista da Rodovia (Projeto)

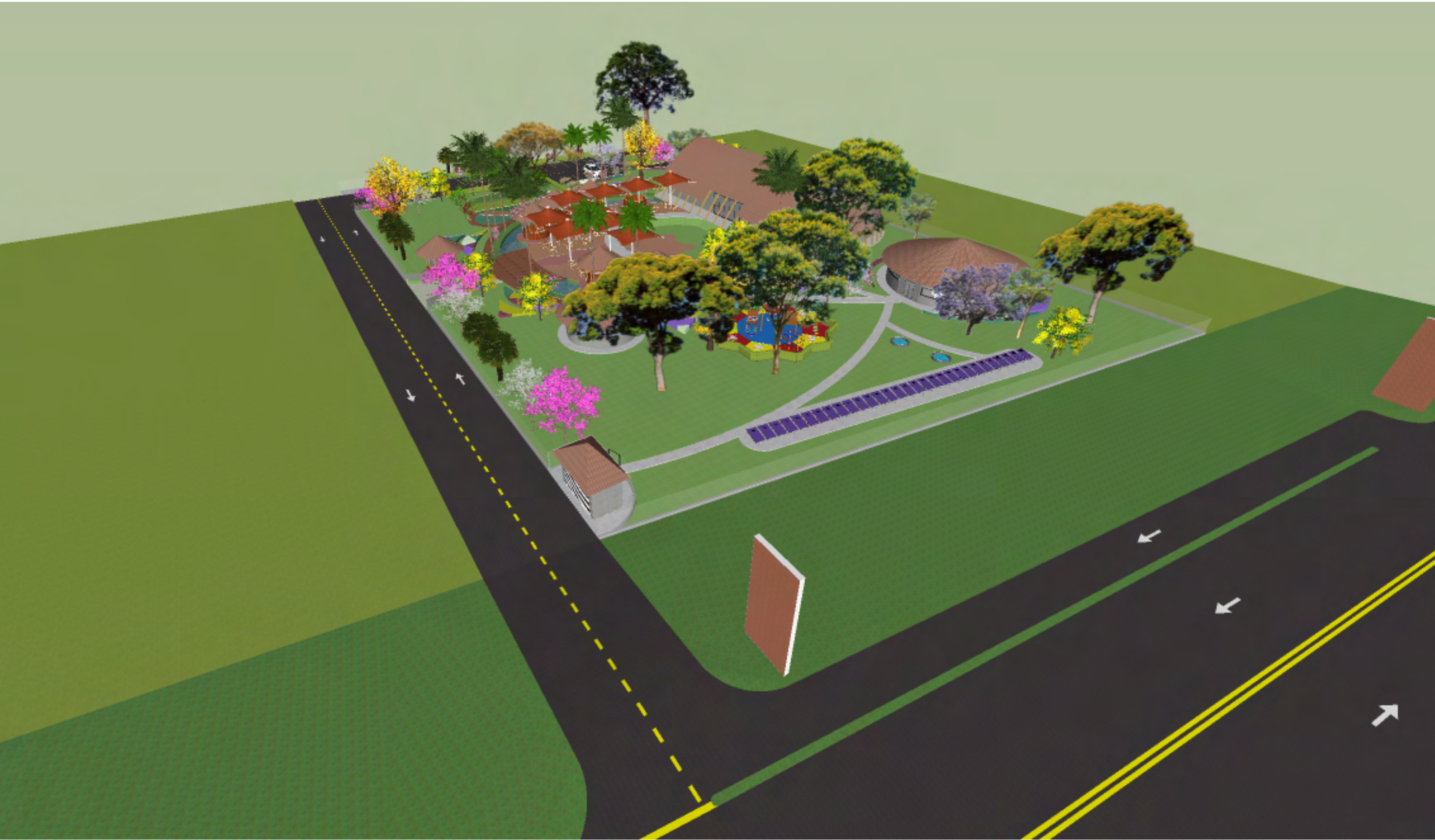


Perspectivas - Vista cruzamento (Drone)

Fonte: Voo de drone disponibilizado por Miriam Aparecida Gavilan Jara



Perspectivas - Vista Cruzamento (Projeto)



Perspectivas - Isométricas



Perspectivas - Entradas e caminhos

Entrada de Veículos



Vista do Administrativo para o centro



Entrada de Pedestres



Entrada de pedestres pela Horta

Perspectivas - Ambientes externos e caminhos

Percurso aos Banheiros



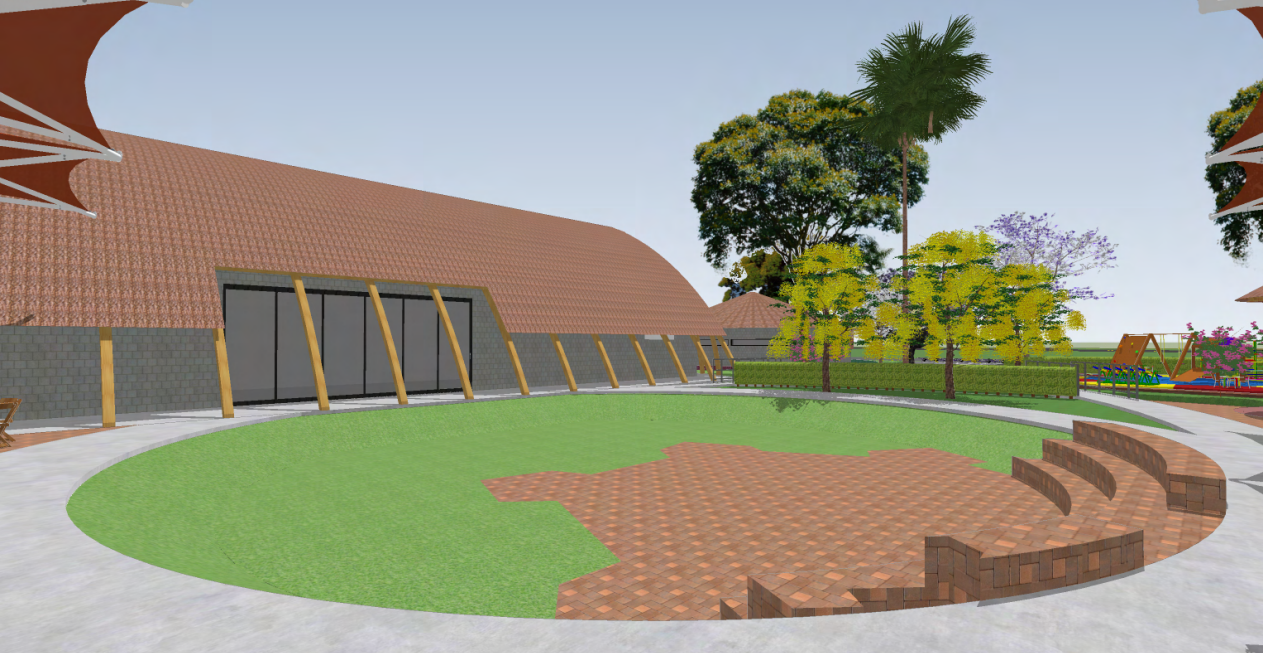
Vista da entrada do Museu



Estacionamento

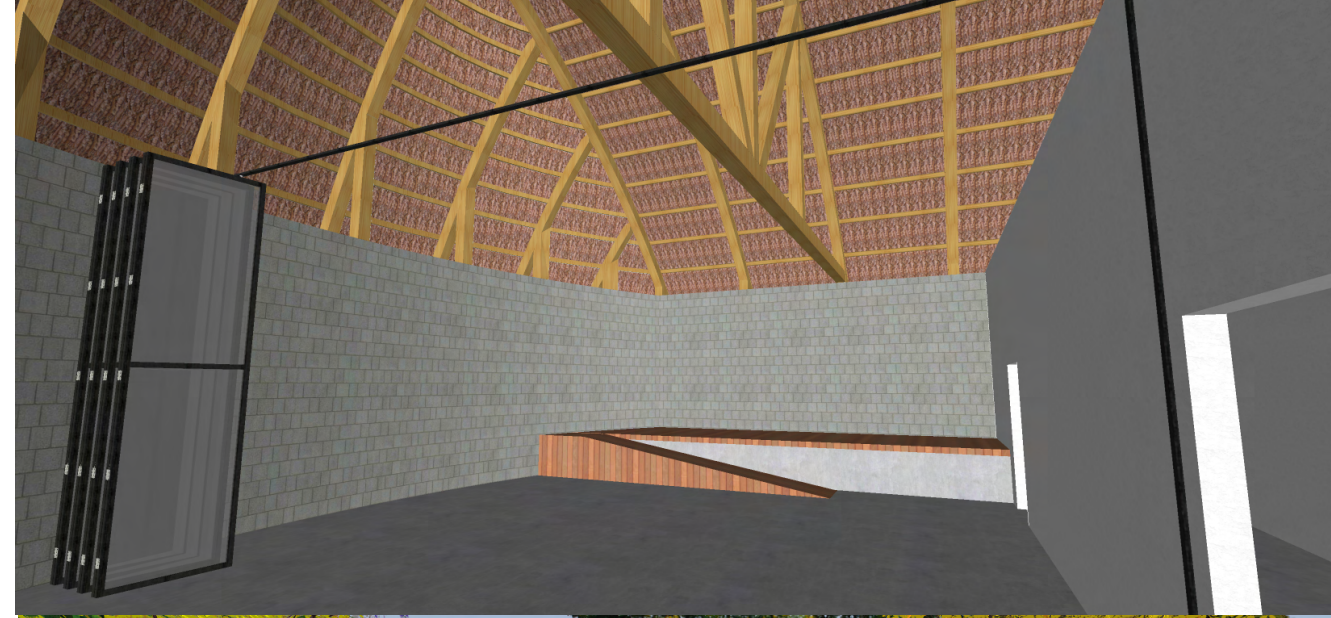
Ponte para Parquinho

Perspectivas - Ambientes externos e Internos



Deck de entrada
Show de Luz e Som
Vista da Feira Cultural

Vista da Setor de Serviços
Parquinho
Auditório (sem cadeiras)





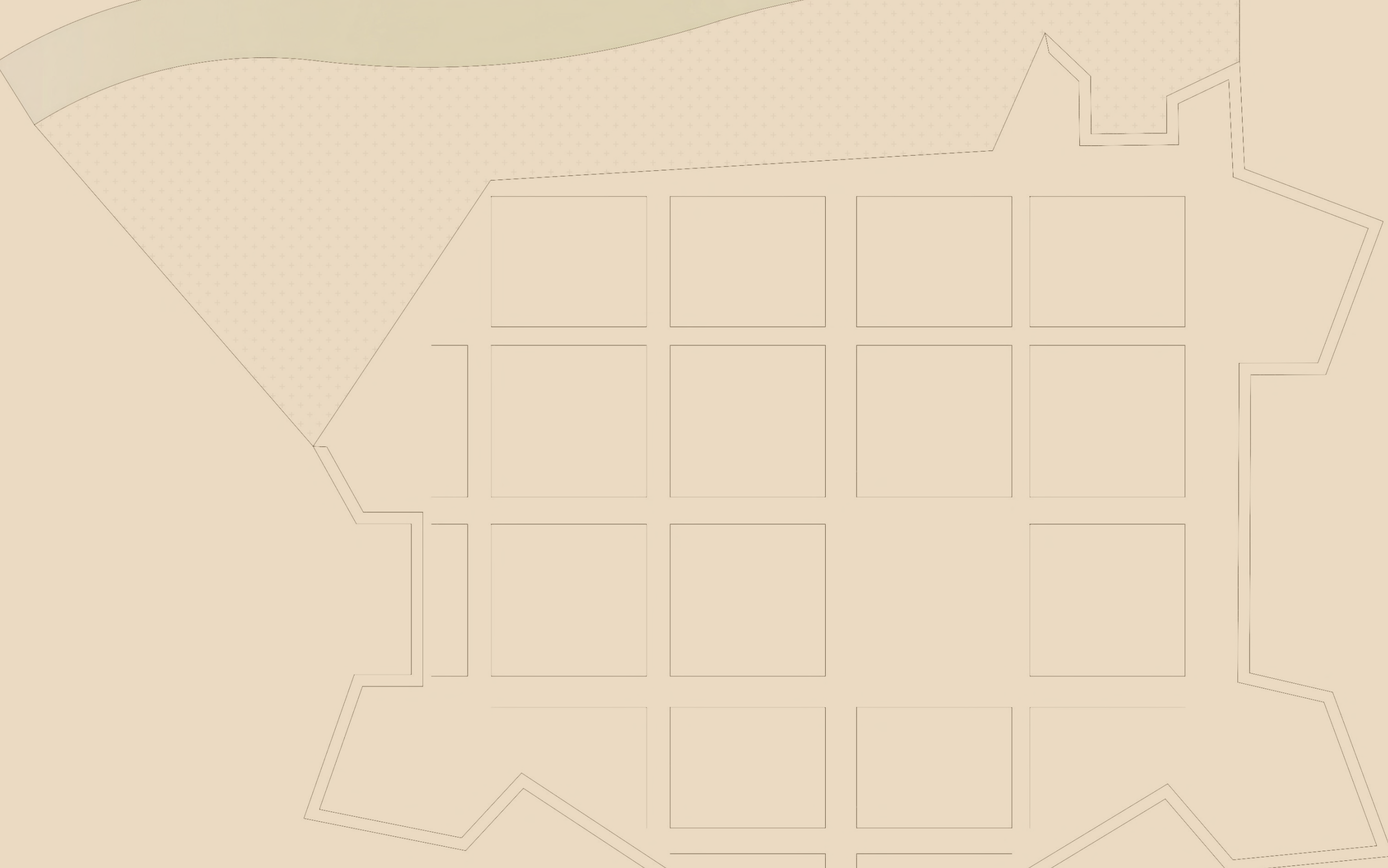
Conclusão

Conclusão

Sabe-se que os textos sobre Forte Iguatemi não são tão explorados quanto poderiam, pelo público geral e pela educação, mas com todas as pesquisas que estão se desenvolvendo em torno dele, atualmente, e com o interesse que a prefeitura tem demonstrado sobre elas, é inegável o potencial de crescimento de tal história e todos os benefícios que uma boa comercialização dela podem trazer para o Município de Paranhos. Um Centro de Interpretação seria o melhor meio para isso. Não só como um ponto turístico mas como um centro de ensino através do lazer, que colabore também com o respeito à cultura e as comunidades indígenas.

O Centro foi desenvolvido como mais que um museu, foi projetado para ensinar de maneira natural, em uma tarde de lazer, muito mais do que só história, do que apenas uma apresentação de expografia, o CIHFI veio para oferecer uma experiência, a imersão, que além de incluir o visitante na sua exposição, também trabalhe indiretamente os temas, e faça com que seu público deixe o local pensando sobre o que viram, sobre tudo que se passou na região e como junto da a cultura indígena, o local se tornou uma herança daquele período do Brasil.

O respeito para com os indígenas e o interesse pela história, seria, com toda certeza, o resultado esperado de todo este projeto. O que não acontece na sociedade atual, no Brasil. Infelizmente, um país preconceituoso, e que nunca valorizou como deveria toda a história local, e é nítido em diversos outros temas, como não existe, por parte da maior parte da população, o interesse em preservar essas heranças. No entanto, o CIHFI vem com a esperança de que, em um Brasil mais evoluído, o público aprecie a cultura indígena, se interesse em preservá-la, e que, ao conhecer a história do forte, tenham interesse em continuar pesquisando, para que um dia sua área possa passar por escavações, estudos arqueológicos que tragam mais respostas sobre o período que formou a fronteira do país.



Referências Bibliográficas

BELOTTO, Heloisa Liberalli. O Presídio do Iguatemi: Função e Circunstâncias (1757-1777). Trabalho apresentado ao Simpósio Comemorativo da Restauração do Rio Grande do Sul (1776-1976). Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1976

BELLOTO, Heloisa Liberalli. Autoridade e Conflito no Brasil Colonial: O Governo do Morgado de Mateus em São Paulo. São Paulo: Secretaria do Estado da Cultura, 1979.

CHAVES, O. R. (2015). América portuguesa: do Tratado de Madri ao Tratado de Santo Ildefonso. Revista Territórios E Fronteiras, 7(2), 218–234. <https://doi.org/10.22228/rt-f.v7i2.352>

Chamorro, Graciela (2015). História Kaiowá: das origens aos desafios contemporâneos. Dourados: Editora UFGD.

CINTRA, Jorge Pimentel; OLIVEIRA, Rafael Henrique de. José Custódio de Sá e Faria e o mapa de sua viagem ao Iguatemi. Anais do Museu Paulista, São Paulo, Nova Série, vol. 28, 2020, p. 1-51 e 31.

CINTRA, J. P. (2013). Reconstruindo o mapa das capitanias hereditárias. Anais Do Museu Paulista: História E Cultura Material, 21(2), 11-45. <https://doi.org/10.1590/S0101-47142013000200002>

DADOS DO MUNICÍPIO. IBGE, 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/paranhos/panorama>

DIAS, Eliotério Fachin. et al. Memorial aos 245/255 anos do Forte Iguatemi - Paranhos/MS: Desde sua fundação e queda/destruição (1767/1777). São Paulo: Editora Dialética, 2022.

JUZARTE, Theotônio José. Diário da navegação do Rio Tietê, Rio Grande Paraná e Rio Iguatemi. 1769-1771.

Kuhl, Gracieli Erna Schubert, and Erneldo Schallenberger (2014). "Arquitetura e a construção do espaço guarani no oeste do paraná: um estudo de caso na aldeia tekoha a netete. DOI: 10.5212/MuitasVozes. v. 3i1. 0012." Muitas Vozes 3.1: 205-225.

LEI N  6.001, DE 19 DE DEZEMBRO DE 1973. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6001.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%206.001%2C%20DE%2019,sobre%20o%20Estatuto%20do%20%C3%8Dndio.&text=Art.,e%20harmoniosamente%2C%20%C3%A0%20comunh%C3%A3o%20nacional.

MAPA MUNICIPAL DE PARANHOS. IBGE 2020. Disponível em:

https://geoftp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_municipais/colecao_de_mapas_municipais/2020/MS/paranhos/5006358_MM.pdf

MONT SERRATH, Pablo Oller. Governadores de um novo tempo: O império português, a Capitania de São Paulo e a administra o do Morgado de Matheus, Revista do Arquivo, Arquivo Histórico de São Paulo, 2015. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/revista_do_arquivo/01/pdf/MONT_SERRATH_Pablo_Oller_-_Governadores_de_um_Novo_Tempo_-_O_Imperio_Portugues__A_Capitania_de_Sao_Paulo_e_a_Administracao_do_Morgado_de_Matheus.pdf>

PONTIN, Rafael de Almeida Leme. AS BULAS E TRATADOS DOS SÉCULOS XV, XVI E XVIII NA HISTÓRIA DO DIREITO BRASILEIRO: SEUS REFLEXOS NA AMÉRICA PORTUGUESA. 9ª Mostra Acadêmica UNIMEP. 08 a 10 de Novembro de 2011. Disponível em: <http://www.unimep.br/phpg/mostraacademica/anais/9mostra/4/47.pdf>. Data de Acesso: 7 de Abril de 2023

PREFEITURA DE PARANHOS. Disponível em: <https://www.paranhos.ms.gov.br/>

RIBEIRO, Diana Juceli. "Embates ideológicos presentes em enunciados do espetáculo som e luz, realizado no sítio arqueológico São Miguel Arcanjo - RS". 2016. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/327/1/RIBEIRO.pdf>. Data de Acesso: 21 de maio de 2023

ROCHA, Carmela. "Exposições mundiais e instancia da imagem ao vivo". Seminário AEAULP, 2017. Disponível em: https://www.carmelarochoa.com/files/ugd/O23078_18c11921e9bb42a3901d946f5216e632.pdf

ROCHA, Carmela. "ARQUITETURA DA EXPERIÊNCIA: O PAVILHÃO BRASILEIRO NA EXPO 2015". Mestrado USP, 2018. Disponível em: https://www.carmelarochoa.com/files/ugd/O23078_ef054478dbe24af49f22ea93294d62f8.pdf

ROCHA, Nayara. "Capitania de São Paulo". In: BiblioAtlas - Biblioteca de Referências do Atlas Digital da América Lusa. Disponível em: http://lhs.unb.br/atlas/Capitania_de_S%C3%A3o_Paulo. Data de acesso: 7 de abril de 2023.

SANTOS, Ana Maria do Perpétuo Socorro dos. O forte do Iguatemi : atalaia do império colonial e trincheira da memória dos índios Kaiowa da Paraguassu. Campinas : Unicamp, 2002. 159 p. (Dissertação de Mestrado)

SILVA, Daniel Neves. "Capitanias Hereditárias"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/capitanias-hereditarias.htm>. Acesso em 07 de abril de 2023.

SCHADEN, E (1962). Aspectos fundamentais da cultura Guarani. São Paulo: Difusão Européia do Livro.

SCHALLENBERGER, Erneldo (2011). Identidades nas fronteiras: território, cultura e história. São Leopoldo: Oikos.

SOUZA, J. S.; MAKINO, M., Diário de Navegação. São Paulo: edUSP e IMPRENSA OFICIAL, 2000.

TAUNAY, Afonso de Escragno (Visconde de) Martyrios de Iguatemy 1769- 1777. Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro, Tomo 84, 1918, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1919, p. 489-531

LEI Nº 6.001, DE 19 DE DEZEMBRO DE 1973. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6001.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%206.001%2C%20DE%2019,sobre%20o%20Estatuto%20do%20C3%8Dndio.&text=Art.,e%20harmoniosamente%2C%20%C3%A0%20comunh%C3%A3o%20nacional.